Discoteca Básica: Legião Urbana + Hanson e Bauhaus ao vivo

SHOW BIZZ

Para quem gosta de música

Editora Abril
R$ 5,00

Exclusivo: U2 lança coletânea e revê erros do passado

Jeff Beck e Kraftwerk eletrizam o Free Jazz

Os anônimos que fazem os sambas de Bezerra da Silva

Abram alas para a MPB 2000! a geração de CARLINHOS BROWN E MARISA MONTE se firma e pede passagem

5561/1
ANO 14 Nº 11
NOVEMBRO 1998

Especial: a história do IRON MAIDEN segundo Steve Harris

Editorial&Sumário

Ricardo Fasanello

20 U2 passado a limpo
Ao lançar a primeira coletânea da carreira do grupo, The Edge revê erros do passado

26 Os compositores de Bezerra da Silva
Os pedreiros, camelôs e biscateiros anônimos que fazem a cabeça do partideiro

32 R.E.M.
O novo disco, triste e com toques eletrônicos

36 O bloco de Carlinhos Brown
Produzido por Marisa Monte, ele lança um novo disco e milhões de idéias para a MPB

44 Iron Maiden
O dono do grupo, Steve Harris, dá a sua versão da história da Donzela de Ferro

Esta edição de **SHOWBIZZ** coroa um processo de mudanças editoriais. Na capa, a foto de Ricardo Fasanello mostra Carlinhos Brown e Marisa Monte como mestre-sala e porta-bandeira. É uma bonita imagem, que pode chocar roqueiros mais radicais, mas que marca uma nova fase, mais plural, ampla e democrática nestas páginas.

SHOWBIZZ é a revista para quem gosta de música, sem preconceitos. Neste número, além de saudarmos uma nova geração da música popular brasileira que só tem feito evoluir, revelamos, em outra reportagem de destaque, alguns dos compositores gravados por Bezerra da Silva. O partideiro pernambucano, apreciado por fãs de todos os gêneros musicais, busca repertório entre anônimos que trabalham como camelôs, biscateiros e operários. Um deles, o pedreiro Adelsonilton, já ajudou artistas a vender mais de 1 milhão de discos.

A trajetória de Adelsonilton é fascinante, tão ou mais do que as biografias de bandas consagradas como Iron Maiden e U2, aqui dissecadas em duas outras matérias feitas pensando em você, leitor, que adora boa música e boas histórias.

Pedro Só

sempre em showbizz

4 CARTAS
A sinceridade de Alanis; culto a Bob Marley

6 SHOWBIZZ RESPONDE
Novidades de Beck, ficha dos Sex Pistols

8 INFORME BIZZ
A volta do Planet Hemp; Ed Motta, Rush, Aerosmith

50 SOM INDEPENDENTE
Trip hop nacional e novos talentos

52 MINHA COLEÇÃO
Fernanda Takai e John, do Pato Fu

54 LETRA TRADUZIDA
"Child In Time", do Deep Purple

57 DISCOS
Kiss, Titãs, Marilyn Manson, Zélia Duncan, Hole, Sandra de Sá

70 AO VIVO
Free Jazz, Hanson, Arnaldo Antunes e Frank Black

76 MEU INSTRUMENTO
A percussão de Marcos Suzano

78 EQUIPAMENTOS DE SOM
Caixas acústicas

80 ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

82 DISCOTECA BÁSICA
O primeiro LP da Legião Urbana

Parada da redação — Esta edição foi fechada ao som de...

Ed Motta – *Remixes & Aperitivos*
Grandes sucessos realmente reinventados e irresistivelmente dançantes.

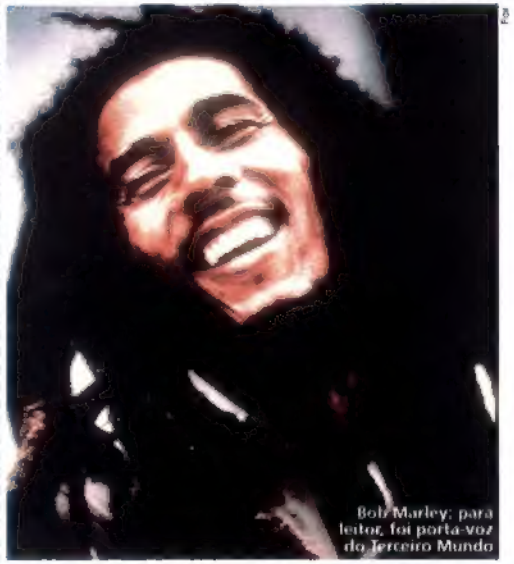
Black Sabbath – *Reunion*
A formação original do maior grupo de rock pesado do mundo, ao vivo em 1997.

Banda Veneno de Erlon Chaves
O maestro e sua orquestra fazem sambalanço, gafieira e soul brasileiro. Edição em vinil, de 1971.

Chris Isaak – *Speak Of The Devil*
O cantor americano coloca sua voz de Roy Orbison a serviço de rocks enfezados e das habituais lindas baladas.

Cartas

Escreva para SHOWBIZZ:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
email: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br


Bob Marley: para leitor, foi porta-voz do Terceiro Mundo

Carta do mês

Achei absolutamente ridículas as declarações do leitor Leandro Gontijo, que na seção de cartas de outubro chama o reggae de "ritmo datado e banal com essa lengalenga de pseudopolítica". Foi o reggae, nas figuras de Bob Marley, Peter Tosh e Bunny Wailer, que colocou a música do dito Terceiro Mundo nas paradas de sucesso de todo o mundo. Do reggae saiu inspiração para diversas bandas que provavelmente o leitor também goste, como Police, Rolling Stones, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, e para o cantor Gilberto Gil, que anunciou que gravará um disco só com músicas de Marley. Pergunto a Leandro: você já viu uma favela? Procure uma foto de Kingston e saberá do que ele fala em "No Woman No Cry". E quanto à escravidão, que ainda existe hoje em alguns países, só que de maneira diferente, como na exploração de crianças e mulheres em trabalhos por miseros trocados, ouça "Redemption Song". Na independência da Rodésia (que se tornou Zimbábue), Marley cantou para uma multidão em 1980, e seu hino pela independência "Zimbabwe" é lembrado até hoje como uma das grandes ajudas ao movimento. O reggae com certeza é o ritmo mais importante para o Terceiro Mundo neste século, e seu porta-voz merece muito mais que respeito. E, antes que alguém pergunte, não sou rastafari.

José Luiz Pedro – São Paulo, SP

Alanis, sinceramente

Alanis é porta-voz dos sentimentos femininos. E que voz maravilhosa ela tem. Foi ótimo ela ter dado um tempo para redescobrir sua personalidade. Todos os artistas deveriam fazer isso, porque a fama mexe muito com as pessoas, e se elas não param para pensar, podem acabar de uma maneira trágica e triste, como Kurt Cobain, Jim Morrison e muitos que se foram cedo.

Silvia Curioni – Maringá, PR

Meu Deus, ainda bem que a Alanis é forte, já pensou se ela parasse de cantar? Ela também deve ser muito corajosa, pois não é qualquer um que admite, de cara lavada, que fazer sucesso e se manter equilibrado é complicado.

Renata Cristina Paes – Santo André, SP

Depois de ter lido a entrevista da SHOWBIZZ, a imagem arrogante que eu tinha da Alanis Morissette mudou. Afinal, ela também diz ter mudado.

Gabriela Ribeiro – São Paulo, SP

Ao ler a entrevista da Alanis, fiquei indignado. "Sucesso dói"? Caramba, tá parecendo mais uma versão feminina do Eddie Vedder *(vocalista do Pearl Jam)*. Nós aqui ralando e eles reclamando do sucesso. Uma vez um sábio do rock disse algo como "se vocês se sentem mal por ganharem dinheiro, depositem o cheque na minha conta" *(a frase foi dita por Gene Simmons, baixista do Kiss, em entrevista à SHOWBIZZ – edição 151, fevereiro)*.

Thiago Martins – Araguari, MG

Senhores Tempo Bom

Confesso que fiquei emocionado ao ler a edição de outubro. A matéria sobre a black music brasileira está maravilhosa. Achei incrível vocês relembrarem grandes nomes, como Hyldon e Carlos Daffé.

Marcelo Santos – São Paulo, SP

Muito legal apresentar à nova geração o pessoal da black music brasileira dos anos 70. O visual da matéria proporcionou todo o clima para a leitura. Gostei muito da seção *Minha Coleção*, espero que vocês caprichem nos convidados.

Roberto Jasper – Porto Alegre, RS

Estou achando maravilhosas essas reportagens sobre músicos como Cassiano *(edição de agosto)*, Jards Macalé *(setembro)*, Torquato Neto *(idem)* e Tony Tornado *(outubro)*. Pessoal de fundamental importância que, infelizmente, anda assim no esquecimento, no "subterrâneo" da nossa MPB. Espero que eles reaparoçam com notoriedade na mídia, pois é uma pena que talentos assim estejam no esquecimento.

Almy Araújo – Guarulhos, SP

Legionários

Quero parabenizá-los pela matéria sobre os tesouros disputados pelos fãs da Legião. Praticamente nasci ouvindo as músicas do Renato Russo, também por influência dos meus pais, e a cada dia aumentava meu sonho de ver um show da Legião Urbana. Mas um dia eu acordei e ele não estava mais aqui. Até hoje não acredito: quando ouço ele cantando, sinto que ele permanece vivo para mim.

Amanda Carvalho – Mauá, SP

Posso me considerar fã, sim, mas para que o fanatismo em torno da figura do Renato Russo e da obra que ele deixou? Temos de admitir: uma coisa é valorizar um talento, um artista, e sentir saudades. Outra é a superidolatria. Sinceramente, temos que aceitar "que o pra sempre, sempre acaba" e lamentar a indústria que se formou depois da morte do Renato.

Márcia Regina de Paula – Manaus, AM

Para o mundo livre

Esta é pra você, caranguejo Fred 04 *(líder do grupo pernambucano mundo livre s/a)*, que disse que o manguebit nasceu para detonar o Caetano Veloso *(na SHOWBIZZ de outubro)*: "Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas/ da força da grana que ergue e destrói coisas belas/ da feia fumaça que sobe apagando as estrelas/ eu vejo subir teus poetas de campos e espaços/ tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva"... um trecho da canção "Sampa"! Velho, se ligue, não se compare a Caetano. A sua história foi diferente da dele, seria como comparar Tiradentes com o José Rainha, líder dos sem-terra.

Jorge Marcião – São Paulo, SP

CDs caros

Li a carta de Ângelo Pavan na SHOWBIZZ de outubro, falando que o bom combate à pirataria inclui a diminuição do preço do CD, e estou plenamente de acordo. Só para ilustrar: o Brasil está entre os maiores consumidores de discos da indústria fonográfica mundial. Imaginemos, então, se esses produtos não fossem supertaxados. Como disse Ângelo, combater a pirataria é uma medida paliativa. Eu acho que deviamos cobrar do governo uma reforma tributária urgente.

Marco Antonio Lima – Santos, SP

Mudanças

Estou muito satisfeito com a democracia que está existindo nesta revista. Vocês não estão se atendo só ao rock, mas abrindo-se também a outros bons e importantes valores. Isso aconteceu nas reportagens "Senhores Tempo Bom" e "Casa Grande E Senzala" *(edição de outubro)*. Estou sentindo falta da seção *Replay*, ela nos munia de muitas informações sobre o que cada banda/cantor fez de bom em toda sua vida musical.

Helbert Diniz – Belo Horizonte, MG

Obrigado pelos elogios, Helbert, é bom saber que as mudanças estão sendo bem recebidas. Quanto à antiga seção Replay, *que tratava de relançamentos, ela aparece ao longo de toda a seção* Discos/Crítica, *nas resenhas que vêm com o selo "reedição".*

Correções

Na profícua discografia de David Bowie, fornecida na edição passada (pág. 9), faltaram alguns discos: The Man Who Sold The World *(1970)*, Starting Point *(coletânea, 1977)*, Labirynth *(trilha sonora, 1986)*, Absolute Beginners *(trilha, 1986)*, 1.Outside (The Nathan Adler Diaries: A Hyper Cycle) *(1995)*, David Bowie: Early On (1964-1966), *(coletânea, 1991)*.

A canção do Queen no seriado Highlander *é "Princess Of The Universe", em vez de "Master Of The Universe", como publicado à pág. 9 da edição passada.*

O dueto entre Michael Jackson e Paul McCartney citado em outubro na seção Discos/Crítica, pág. 61, é "The Girl Is Mine", e não "The Boy Is Mine".

O verso "My fake plastic trees" na verdade não existe na letra original de "Fake Plastic Trees", da banda Radiohead, traduzida em outubro na revista (pág. 54). O vocalista Thom Yorke canta "My fake plastic love". A tradução é "Meu falso amor de plástico".

Números Atrasados:
Tel. (011) 810-4800 ou pelo email:dinap.na@email.abril.com.br
Central de Atendimento ao Assinante
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE E EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomanik
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Egberto de Medeiros
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Mateus Suzuki Jr.
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Milton Longobardi

SHOWBIZZ

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Nicolino Spina

REDATOR-CHEFE: Pedro Só
EDITORES: Bernardo Araujo e Sérgio Martins
REPÓRTER: Letícia Calmon
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Roberto Morgan Lopes
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Ana Paula Freire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: (TEXTO) Álvaro Costa e Silva, André Barcinski, Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Oliveira, Celso Masson, Celso Pucci, Daniel Oliveira, Danilo Monteiro, Hagamenon Brito, Hélio Gomes, Humberto Finatti, Jôbo Moura, Márcio Pinheiro, Pedro Alexandre Sanches, Tárik de Souza, Thomas Pappon, Valeria Rossi, Vivi Fernandes, Vitor Paolozzi, Zeca Camargo (ARTE) Isabella do Amaral, Rodolpho Vasconcellos Netto (FOTOS) Adriana Pittigliani, Alex Silveira, Andre Lobo, Armando Prado, Daniela Dacorso, Gustavo Caldas, Jorge Rosenberg, Marcelo Patrus, Marcelo Ximenez, Ricardo Fasanello, Rui Mendes (ILUSTRAÇÃO) Matangra, Fabio Cobiaco, Fabio Cruz, Milton Trajano (REVISÃO) Jorge Cotrim

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo. ABRIL PRESS: José Carlos Augusto; NOVA YORK: Grace de Souza; PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE
DIRETORA DE PUBLICIDADE: Thais Chede S. B. Barreto
GERENTE DE VENDAS: Aldo Falco
EXECUTIVOS DE CONTAS: Márcia Regina Braga e Marcelo Cavalheiro
GERENTE DE MARKETING PUBLICITÁRIO: Elizabeth Rocha e Guilherme Mazzei
CIRCULAÇÃO: Claudia Sandra (Banca e Assinaturas)
PROMOÇÃO E EVENTOS: Marcelo Jucá

ASSINATURAS
DIRETOR DE OPERAÇÕES E SERVIÇOS: Antonio Almeida
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira

PLANEJAMENTO E CONTROLE
Gilacio C. Barros
PROCESSOS
Gilson Del Carlo

DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Ventarolo
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões

Grupo Abril

PRESIDÊNCIA: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Fatima Ali, Geraldo Nogueira de Aguiar, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
email: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Beck enjoa da eletrônica e lança álbum mais "contemplativo"

Soft Cell e Beck

Eu queria saber a discografia do Soft Cell. Existe coletânea com os maiores hits? Quantos discos tem a carreira solo de Marc Almond, e em que disco está a música "The Stars We Are"? E outra: é verdade que o Beck vai lançar um CD chamado *Mutations*?

Valdeir de Azevedo – Paranapuã, SP

A dupla tecnopop Soft Cell, formada pelo vocalista Marc Almond e David Ball nos sintetizadores, foi um dos pilares do gênero no começo dos anos 80, com shows bastante performáticos e canções influenciadas pela soul music (seu maior hit, "Tainted Love", era uma obscura regravação do que os ingleses chamam de *northern soul*). Sua discografia é composta por *Non-Stop Erotic Cabaret* (1981), *Non-Stop Ecstatic Dancing* (1982), *The Art Of Falling Apart* (1983), *This Last Night In Sodom* (1984). Há algumas coletâneas: *The Singles Album* (1986), *Tenement Symphony* (1991), *Memorabilia: The Singles* (1991). Marc Almond lançou vários discos: *The Stars We Are* (1988) e *Enchanted* (1990) saíram no Brasil. O novo disco de Beck, *Mutations*, saiu há pouco nos EUA e também está sendo lançado no Brasil. Mais acústico que os anteriores *Mellow Gold* e *Odelay!*. Ao explicar a proximidade maior do folk nas novas músicas, Beck disse que está um pouco cansado de música eletrônica: "Eu ainda acredito na tradição. Eu escrevi este álbum no meu próprio ritmo, e ele soa mais contemplativo".

A produção ficou a cargo de Nigel Godrich, que trabalhou no glorificado *OK Computer*, último álbum da banda inglesa Radiohead. Como o contrato de Beck com a Geffen permite que ele lance álbuns por outros selos, *Mutations* estava sendo planejado como um projeto paralelo, mas na última hora a gravadora resolveu comprá-lo. Por isso, o autor e a Geffen não consideram este o sucessor de *Odelay!* – o "verdadeiro próximo" já está no forno e deve sair no meio do ano que vem.

Oitentistas

Quero as discografias do Cocteau Twins e do Devo, seria pedir demais?

Ricardo Fernando Cajueiro – Itapevi, SP

Nem tanto. A discografia do grupo inglês Cocteau Twins, cuja marca registrada são os climas etéreos do instrumental comandado por Robin Guthrie e dos vocais de Elizabeth Fraser, é composta por: *Garlands* (1982), *Lullabies* (1982, EP), Head Over Heels (1983, EP), *Peppermint Pig* (1983, EP), *Sunburst and Snowblind* (1983, EP), *Pearly-Dewdrops'Drops* (1984, EP), *Treasure* (1984), *Aikea-Guinea* (1985, EP), *Tiny Dynamite* (1985, EP), *Echoes In A Shallow Bay* (1985, EP), *Victorialand* (1986), *Love's Easy Tears* (1986, EP), *The Moon and The Melodies* (1986), *The Pink Opaque* (1986), *Blue Bell Knoll* (1988), *Iceblink Luck* (1990, EP), *Heaven Or Las Vegas* (1990, EP), *Four-Calendar Café* (1993).

A banda americana Devo surgiu em 1972 como uma crítica de bochada à desumanização do homem. Seus integrantes apareciam sempre vestidos em uniformes futuristas, sendo que dois deles eram chamados apenas por Bob I e Bob II. Sua discografia: *Q: Are We Not Men? A: We Are Devo!* (1978), *Duty Now For The Future* (1979), *Freedom Of Choice* (1980), *Devo Live* (1981, EP), *New Traditionalists* (1981), *Oh No! It's Devo!* (1982), *Shout* (1984), *Now It Can Be Told* (1987), *Devo E-Z Listening Disc* (1987), *Total Devo* (1988), *Smooth Noodle Maps* (1989), *Hardcore vol. 1* (1990), *Hardcore vol. 2* (1991), *Live: The Mongoloid Years* (1992).

Rubro-negro

Queria saber mais sobre Mick Hucknall, vocalista do Simply Red.

Conceição Oliveira – Teresina, PI

Michael James Hucknall nasceu em 8 de junho de 1960 em Manchester, na Inglaterra. Cantou em uma banda new wave chamada Frantic Elevators, no fim dos anos 70 e no começo dos 80. O jovem Michael também foi DJ em alguns clubes da sua cidade, enquanto era estudante de uma escola de artes. Após sair de sua banda, resolveu usar a voz privilegiada para cantar música negra, soul music com toques pop. O primeiro disco do grupo Simply Red, assim chamado por causa da cor dos rebeldes cabelos do vocalista, saiu em 1985: *Picture Boy*. Seu primeiro sucesso foi "Holding Back The Years", uma música composta ainda no Frantic Elevators, quando Hucknall tinha apenas 19 anos.

Tempestade púrpura

Gostaria que vocês publicassem a discografia do Deep Purple.

Viviane Trogilio – Mogi Guaçu, SP

Shades of Deep Purple (1968), *Book Of Taliesyn* (1969), *Powerhouse* (1969), *Concerto For Group And Orchestra* (1970), *Deep Purple In Rock* (1970), *Fireball* (1971), *Machine Head* (1972), *Purple Passages* (1972), *Made In Japan* (1972), *Who Do We Think We Are!* (1973), *Burn* (1974), *Stormbringer* (1975), *Come Taste The Band* (1975), *24 Carat Purple* (1975), *Made In Europe* (1976), *When We Rock, We Rock And When We Roll, We Roll* (1978), *Deepest Purple* (1980), *In Concert* (1982), *Perfect Strangers* (1984), *Nobody's Perfect* (1986), *Slaves And Masters* (1990), *Knocking At Your Back Door: The Best Of Deep Purple In The '80s* (1992), *The Battle Rages On* (1993), *Perpendicular* (1996), *Abandon* (1998).

Smiths

Queria saber quando terminou o grupo The Smiths, qual a discografia solo do Morrisey e de qual álbum faz parte a música "Suedehead".

Kelly Cristina – Rio de Janeiro, RJ

The Smiths – grupo inglês de curta mas estrondosa carreira, marcado pelas canções melancólicas do guitarrista Johnny Marr em parceria com o letrista e vocalista Morrisey – acabou em 1987. A banda foi objeto de um grande culto na Inglaterra, e seu fã-clube no Brasil é cada vez maior, apesar de nem a banda nem o vocalista em carreira solo terem excursionado por aqui. Os discos de Morrisey solo são *Viva Hate* (1988), *Bona Drag* (1989), *Kill Uncle* (1991), *Your Arsenal* (1992), *Vauxhall And I* (1994), *World Of Morrisey* (1995), *Southpaw Grammar* (1995), *Maladjusted* (1997). A música "Suedehead" faz parte de *Viva Hate*.

Ficha: SEX PISTOLS

A pedido do leitor **Marcelo Ferreira**, de Fortaleza (CE)

Importância

Os Sex Pistols não inventaram o punk, mas conseguiram catalisar o sentimento de revolta de uma geração nascida em cidades industriais do Primeiro Mundo e acossada pelo desemprego, que já não se identificava com o "flower power" do fim dos anos 60 e início dos 70. Anárquicos, debochados e niilistas – e para muitos apenas uma farsa –, lançaram o "divisor de águas" *Never Mind The Bullocks, Here's The Sex Pistols*, que influenciou o pop e o rock dos anos 80 em todo o planeta.

Biografia

- O guitarrista Steve Jones e o baterista Paul Cook formam uma banda com o baixista Glen Matlock. Como estavam em busca de um vocalista, o amigo e empresário Malcolm McLaren, dono da butique Sex, especializada em antimoda, sugere John Lydon, que nunca tinha cantado na vida.
- Em 1975, McLaren nomeia o grupo Sex Pistols. O primeiro show acontece em Londres, no fim desse ano.
- Os Pistols conseguem um contrato com a gravadora EMI, em 1976, e o primeiro single é "Anarchy In The UK".
- Aparições na TV inglesa fazem furor no país. Anuncia-se uma turnê com Buzzcocks e The Clash, mas a maioria das datas é cancelada.
- Matlock sai em 1977, e é substituído por Sid Vicious, fiel seguidor da banda. A gravadora rompe o contrato.
- *Never Mind The Bollocks, Here's The Sex Pistols*, o primeiro álbum, sai em novembro na Inglaterra e já entra nas paradas como o mais vendido.
- No dia de Natal, fazem seu último concerto no país. Partem para os EUA no início de 1978, e o derradeiro show acontece em São Francisco.
- Paul Cook e Steve Jones vêm no mesmo ano para o Rio de Janeiro, e gravam com Ronald Biggs a música "No One Is Innocent".
- Vicious é acusado de esfaquear sua namorada, e se overdosa em 1979.

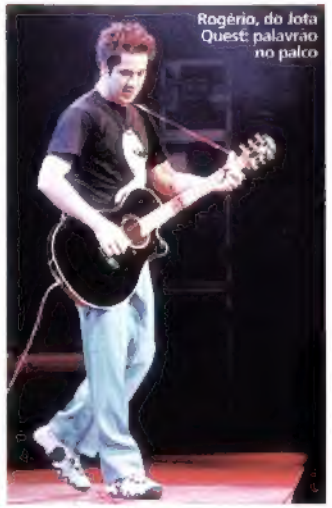
Os Sex Pistols encabeçaram a revolução punk

Discografia

Never Mind The Bollocks, Here's The Sex Pistols (1977), *The Great Rock'n'Roll Swindle* (1979), *Flogging A Dead Horse* (1980), *The Mini Album* (1985), *The Original Pistols Live* (1985), *We Have Cum For Your Children! Wanted: The Goodman Tapes* (1988), *Better Live Than Dead* (1988), *The Ex-Pistols: The Swindle Continues* (1988), *Live And Loud!* (1989), *No Future U.K.?* (1989), *Pirates Of Destiny* (1989), *Live At Chelmsford Top Security Prison* (1990), *Kiss This* (1992), *Chaos* (1996), *Filthy Lucre Live* (1996).

Informe Bizz

Jorge Du Peixe, Marcelo D2 e Gilmar Bolla Oito: a Nação Zumbi e o Planet Hemp fizeram a festa



Rogério, do Jota Quest: palavrão no palco

Lô Borges e Samuel, do Skank, reviveram uma pérola

Fotos: Ana Silveira

Caos organizado

A festa na casa noturna Via Funchal, em São Paulo, dia 27 de outubro, comemorava os 5 anos do selo Chaos, da Sony Music, celebrando seu mais influente talento, Chico Science. Mas a noite acabou servindo também para festejar a volta aos palcos do Planet Hemp. Este ano, a turma de Marcelo D2 teve sua carreira como banda ao vivo praticamente abortada por ações judiciais, mas, na segurança de um evento – praticamente – fechado, pôde sacudir a platéia tocando sucessos como "Dig Dig Dig".

Com Marcelo Yuca, d'O Rappa, nas baquetas, o baixista Formigão, o rapper Gustavo Black Alien, e até Rafael (ex-guitarrista do Planet) em cena, só faltou mesmo o baterista Bacalhau (atualmente fazendo curso de produção fonográfica) para completar a "família". Depois de lançar um fanzine, *Positivo*, D2 anuncia que vai produzir dois singles pelo Chaos: "Um deles é do Gustavo, o outro ainda não decidi".

Gravada pela MTV, a noitada também vai virar disco, a ser lançado em janeiro. O Skank, campeão de vendas do selo, trouxe um reforço que deve render o melhor momento do CD: Lô Borges interpretou com o grupo "Você Fica Bem Melhor Assim", grande canção de seu "disco do tênis", de 1972.

A Nação Zumbi recebeu no palco Fred 04, do mundo livre s/a, e deve reeditar a associação no fim do ano, num festival em Paulo Afonso, na Bahia. "A idéia é fazer a sinfônica mangue, uma espécie de orquestra com pífanos e instrumentos regionais", explica 04.

Num show que reuniu do forró de Mestre Ambrósio ao pop/rock do grupo baiano Penélope Charmosa, a platéia criou problemas. D2 chegou a pular do palco para encarar um "fã" que o xingava, e Rogério Flausino, do Jota Quest, mandou longe um jovem mais exaltado que queria ouvir Chico Science e Planet Hemp. "Em catorze anos, nunca tinha falado um palavrão no palco. Achei um desrespeito", lamentou.

Chute no balde

"A gente gostaria de agradecer do fundo do coração à nossa gravadora e ao nosso empresário – um verdadeiro irmão para a gente – por tudo que fizeram... *(pausa)* Tudo mentira! O importante são vocês, aqui embaixo, na platéia!" Com essas palavras de Paulo Miklos e um show excelente, pra lá de animado, no Olympia, os Titãs mostraram, na estréia paulistana de seu novo show, que não estão "aburguesados", fazendo concessões para bisar em *Volume Dois* o sucesso de *Acústico*. Recuperado após operar um aneurisma, Branco Mello dançou feito um doido, correu pelo palco e brilhou – particularmente na nova canção "Caras Como Eu".

Paulo Miklos fez discurso irônico na estréia dos Titãs, no Olympia

Fotos: Jurgen Rzepanski e Adriana Pilagallo

Ozzy na volta do Sabbath: em forma

Daniel Oliveira

Steven Tyler, do Aerosmith: dívida com a gravadora, lucro para fãs

Cris Gould

Mick Jagger mantém a nova tradição nos Stones: um disco em estudio, outro ao vivo

Divulgação

Veteranos muito vivos

Três supergrupos de rock estão lançando discos ao vivo. O mais celebrado é *Reunion*, que marca a volta do Black Sabbath original, com Ozzy Osbourne (voz), Tony Iommi (guitarra), Geezer Butler (baixo) e Bill Ward (bateria). Gravado em Birmingham, na Inglaterra, em 1997, contém clássicos como "War Pigs", "Sabbath Bloody Sabbath" e "Iron Man", mais as duas primeiras inéditas gravadas pelo quarteto em quase duas décadas, "Selling My Soul" e "Psycho Man".

Com *A Little South Of Sanity*, registrado ao longo das duas últimas turnês, *Get A Grip* (que veio ao Hollywood Rock de 1994) e *Nine Lives*, o Aerosmith paga uma dívida à Geffen, sua antiga gravadora.

Os Rolling Stones lançam *No Security*, registrado na turnê *Bridges To Babylon*, a mesma que passou pelo Brasil em abril. O repertório recupera "Gimme Shelter" e "Sister Morphine", e traz canções de *Bridges*, como "Saint Of Me".

Banquete dançante

Com Ed Motta, é assim: qualquer coquetelzinho vira banquete musical. *Remixes & Aperitivos*, releitura de seus sucessos ao longo de dez anos de carreira, vai muito além da fria definição e da promessa do título. Como o próprio Ed alardeia: "Esse disco não é mero desfile de hits. Como música, seu formato é muito mais sofisticado que isso". As novas roupagens foram surgindo a partir dos arranjos ao vivo. "Depois, como exercício, fui acrescentando novas harmonias", conta Ed.

O resultado é incendiário nas pistas de dança e, ao mesmo tempo, delicioso para degustações auditivas mais cuidadosas. Quem escutar "A Flor Do Querer", enriquecida com um solo de vibraphone (com ph mesmo) de Roger Beaujolais (músico inglês de acid jazz, sem brincadeira do *sommelier* Ed Motta) e remixada pelo inglês Will Mowatt (que produz o grupo Soul 2 Soul), vai querer se empanturrar com o resto do disco, que pega de "Manuel" a "Daqui Pro Méier" e leva aditivos especiais *(veja quadro abaixo)*.

Ingredientes finos

"Manuel" – tem samples de "Burn Rubber", da Gap Band (grande banda funk dos anos 80)

"Você Mentiu Pra Mim" – inédita, versão de "You Fooled Me", hit discoteca dos anos 70

"Solução" – com citação de "Saúde", de Rita Lee

"Fora Da Lei" – em dois remixes, de Toni Rato e Corello (o de Corello cita o clássico balanço "She's A Bad Mama Jama", de Carl Carlton)

Divulgação

Ed capricha nos coquetéis

Quanto vale o show?

Confira os preços de espetáculos musicais em cinco cidades do mundo (em reais)

Capacidade	São Paulo	Rio	Londres	Nova York	Buenos Aires
até 1000 pessoas	**R$ 15** Empório Cultural *Maskavo Roots*	**R$ 15** Teatro de Lona *O Rappa*	**R$ 20 a R$ 30** Jazz Café *Stanley Jordan*	**R$ 8 a R$ 14** Elbow Room *Massive Attack*	**R$ 60** La Trastienda *João Bosco*
até 5 mil pessoas	**R$ 40 a R$ 80** Olympia *Smashing Pumpkins*	**R$ 15 a R$ 40** Canecão *A. Calcanhoto*	**R$ 26** Astoria *Green Day*	**R$ 30 a R$ 36** Roseland *Wallflowers*	**R$ 36 a R$ 180** Teatro Gran Rex *Caetano Veloso*
até 10 mil pessoas	**R$ 40 a R$ 80** Via Funchal *Dionne Warwick*	**R$ 20 a R$ 60** Metropolitan *Skank*	**R$ 30** Brixton *Bauhaus*	**R$ 30** MSG *Beastie Boys*	**R$ 20 a R$ 200** Estádio Luna Park *A. Bocelli*
+ de 10 mil pessoas	**R$ 25 a R$ 45** Pista de Atletismo *Monsters of Rock*	**R$ 65** Apoteose *Rolling Stones*	**R$ 60** Wembley *Stones*	**R$ 54** Giants Stadium *Dave Matthews*	**R$ 48 a R$ 360** La Bombonera *Bee Gees*

Divulgação

Marcelo Nova revê sua carreira, evitando os sucessos

Veneno retrospectivo

Com 18 anos de música na bagagem, Marcelo Nova entendeu que era hora de um balanço. O resultado é o CD *Eu Vi O Futuro, Baby. Ele É Passado* (Excelente/Abril Music), que busca sonoridades clássicas do rock e que, em catorze faixas, repassa sua trajetória como artista solo e com o Camisa De Vênus. O repertório inclui apenas dois hits – "Eu Não Matei Joana D'Arc" e "Só O Fim" –, e ainda assim, em versões rearranjadas, bem diferentes.

Qual foi o critério para a escolha do repertório?
"O texto. O Marcelo compositor, até porque não me considero um cantor.

Por que repassar a carreira agora?
É uma dose do meu próprio veneno. Gravei sete discos com o Camisa, um com Raulzito *(Seixas)* e três solo. É uma obra bem grande.

A maioria das versões ficou muito diferente do original...
Nunca concebi minha música como uma coisa estática. Daí a mudança radical nos arranjos. "...Joana D'Arc", por exemplo, perdeu o tom cômico do original e ganhou outro, dramático.

O Camisa De Vênus pode voltar?
Não diria que nossa história terminou, mas estamos dando um tempo.

Caçula dá caldo

Gustavo Caldas

Tiago Mocotó, o irmão bamba do Pensador

Aos 21 anos, o mano de Gabriel O Pensador quer botar seu bloco na rua. Tiago Mocotó canta partido alto em bares do Rio e acaba de lançar um CD demo. "Gosto de ritmos brazucas: samba, jongo, samba-funk". Nas composições, ele fica na praia de Zeca Pagodinho, Martinho da Vila e Fundo de Quintal: "Minha maior preocupação é a poesia. O pagode que rola no rádio é bom de ritmo, mas tem letras fracas".

Parceiro do irmão em duas músicas do CD, Tiago entrou com a faixa "Eta Mulher Traiçoeira" na coletânea *Butiquim Do Martinho*, de 1997. O apelido vem de um pagode na Rocinha: "O bar era da mãe de um amigo, que não gostava de me ver bebendo cerveja e só me servia caldinho de mocotó." *(Júlio Moura)*

frases

"Pepeu é yoda, en una buena"
Lulu Santos, cantor, no texto de apresentação do disco 20 Anos – Discografia Instrumental, do guitarrista Pepeu Gomes

"Cansei de homem. Acho que vou virar fanchona e me casar com a Bethânia"
Nana Caymmi, na revista Ele & Ela

"Enquanto eu morar em Los Angeles, nunca vou conhecer a mulher ideal"
Dave Navarro, ex-guitarrista do Jane's Addiction e dos Red Hot Chili Peppers, na revista americana Bikini

"Não me sinto sexualmente atraída por todos os homens que conheço, apenas por muitos deles"
Alanis Morrisette, cantora canadense, no tablóide inglês New Musical Express

Stevie Wonder perdoa Clinton

Jorge Rosenberg

"Estou muito feliz por ser cego e não enxergar isso"
Stevie Wonder, cantor, sobre a situação do presidente Bill Clinton, na revista americana Rolling Stone

"É de um amigo meu, ele possui receita médica para isso"
Coolio, rapper, tentando explicar a maconha encontrada pela polícia em seu carro, na revista americana Rolling Stone

"Não tenho grandes pretensões de ficar rico. Não gosto de jet ski, lancha, apart hotel... se der para pagar as minhas 'brahminhas', tá bom"
Zeca Pagodinho, cantor, no Jornal do Brasil

"O samba é interplanetário"
Beth Carvalho, cantora, a respeito da canção "Samba De Marte", na revista Veja Rio

Lee, Neil Peart e Alex Lifeson: o fim do Rush?

Polygram

Tragédia progressiva

Sempre que circulam boatos sobre o fim do Rush, o trio canadense contra-ataca e mostra que ainda é cedo para a aposentadoria. Seu novo disco, *Different Stages*, reexercita a megalomania do grupo: é um CD triplo ao vivo com extratos das duas últimas turnês *(Counterparts e Test For Echo)*, mais material pinçado dos shows da excursão *A Farewell To Kings*, em 1978. O momento, porém, não é dos mais alegres entre os músicos do grupo: o baterista Neil Peart perdeu uma filha em agosto, o que obriga o trio a um retiro forçado. Em entrevista por telefone, o baixista Geddy Lee falou sobre esse e outros tópicos.

O futuro a Deus pertence

Os CDs ao vivo do Rush normalmente representam o fim de um ciclo. *Different Stages* tem a mesma proposta?
Eu não sei se vai ser o começo ou o fim de uma era. Talvez represente apenas um período de descanso para a banda.

Por que lançar um CD triplo?
Era para ser duplo. Mas, enquanto eu selecionava o repertório, encontrei a fita de um show nosso de 1978, em Londres, da excursão *A Farewell To Kings*. A qualidade de som estava ótima e achei que seria um belo souvenir para os fãs. Vem como CD-bônus.

***Different Stages* é um show do Rush na íntegra?**
Não, tem canções gravadas em diversas partes do mundo. Uma apresentação nossa dura 2h50, o que não cabe em dois CDs. O preço do ingresso é um dinheiro bem gasto.

O Rush já passou por brigas ou alguma discussão mais séria?
A grande vantagem do Rush é que ele é formado por três grandes amigos. Passamos por situações difíceis, mas sempre conseguimos superá-las. Cada um respeita o trabalho do outro e tem a exata noção de como o Rush deve soar.

Recentemente Neil Peart perdeu a filha de 19 anos, Selena, em um acidente de carro. Como vocês estão lidando com essa situação?
Foi uma tragédia, porque Neil adorava sua filha Nana. Ele está passando por um período muito complicado e nós estamos ajudando-o na medida do possível.

Você realmente acredita que o tecno pode superar o rock em popularidade e influência?
Ouço falar isso há 25 anos. E, sinceramente, não acredito que essa mudança deva acontecer agora. Mas acho os dias de hoje estranhos para o rock.

O que você está ouvindo atualmente?
Gosto muito de Morcheeba, da Björk e de Radiohead. No momento estou decifrando o trip hop. Eventualmente posso vir a compor alguma coisa nesse estilo.

Túnel do tempo

Há dez anos o Cidade Negra (na Baixada Fluminense, em foto publicada na BIZZ 50) se chamava Lumiar, tinha Rás Bernardo como cantor e, apesar do talento incipiente, não dava a menor pinta de futura superbanda de reggae.

Paulo Salomão

Daniela Dacorso

O velho Lumiar, em 1988, com Bernardo *(primeiro à dir.)* e a formação atual

Soltinhos do swing

Há dois anos a garotada nos EUA pulava ao som do punk-pop do Green Day e The Offspring. Logo ressurgiram os sopros, e o ska de gente como os Mighty Mighty Bosstones se tornou (ainda é) o prato do dia. A novidade agora vem do passado: big bandinhas de ex-roqueiros munidos de saxofones, trombones e paixão pelo swing, a música de Duke Ellington e Glenn Miller que balançou o mundo no pós-guerra. Emplacou na novela *Torre De Babel* o grupo Cherry Poppin' Daddies, com a canção "Zoot Suit Riot".

Squirrel Nut Zippers

Band-leaders: os cantores Jim Mathus e Katharine Whalen
Tamanho: sete músicos
Influências: dixieland, jazz dos anos 30
Sopro: "Não há nostalgia quando tocamos. Isso está acontecendo agora mesmo", diz Mathus.
Rodopios no salão: o casal-líder, que também toca instrumentos como trombone e banjo, saiu do interior da Carolina do Norte em 1993 e desde então já lançou três discos. Foi sucesso numa propaganda da MTV.

Brian Setzer Orchestra

Band-leader: Brian Setzer, ex-guitarrista e cantor dos Stray Cats
Tamanho: dezesseis músicos
Inspirações: Elvis Presley, o maestro Count Basie e o baterista Gene Krupa
Sopro: "Meu público tem o que chamo de 'mentalidade engraxada'. Qualquer um que ponha produtos grudentos no cabelo vem aos shows".
Rodopios no salão: a banda existe há seis anos e está no terceiro disco, *The Dirty Boogie* (com participação de Gwen Stefani). Toca "Jump, Jive & Wail", de Louis Prima, em um anúncio das lojas Gap.

Royal Crown Revue

Band-leader: Eddie Nichols
Tamanho: sete músicos
Influências: The Clash (punk), Frank Sinatra e Django Reinhardt (grande guitarrista do jazz, cigano)
Sopro: "Os fãs de punk rock estão trazendo seus pais aos nossos shows".
Rodopios no salão: há quatro anos animando bailes pelos EUA, chamou a atenção de público e crítica com seu quarto CD, *The Contender*, uma homenagem ao boxe.

Ilustrações Milton Tridente

Big Bad Voodoo Daddy

Band-leader: Scotty Morris
Tamanho: oito músicos
Influências: Chet Baker (o mais cool vocalista do mundo), Miles Davis (gênio do trompete) e Beatles
Sopro: "Às vezes tenho medo de parecer um personagem de histórias em quadrinhos".
Rodopios no salão: após quase uma década de batalha, apareceu no filme *Swingers* (lançado no Brasil em vídeo com o adendo *Curtindo A Noite*) e lançou este ano seu primeiro disco por uma grande gravadora, *Big Bad Voodoo Daddy* (Capitol).

notas

Mãe de Kurt tricota com spice girl

Universal

Courtney fez a ponte

Courtney Love se orgulha de ter dado uma festa onde jura que a seguinte cena ocorreu: Wendy Cobain, mãe de Kurt, tomando uísque Jack Daniel's e fofocando com Emma, a *baby spice*. Tudo porque Frances, a neta de Wendy, é fã das Spice Girls. Outra de Courtney: "Eu e Madonna estamos nos falando por e-mail para compor juntas. Não gostei da idéia inicial dela", gaba-se a cantora.

Blacks no Rio

O tempo bom ameaça voltar. A banda Clave De Sol, com Paulinho e Ulisses, dois ex-Black Rio, foi contratada pela gravadora Natasha; Carlos Dafé faz um concorrido show com Luiz Melodia, no Rio, e o projeto Alehan & Partido Pop, legítimo herdeiro do som black carioca (Alehan produz Cassiano), começa a agitar o circuito alternativo no Rio e em Niterói.

Manson grava Guns

Marilyn vai incluir em seu próximo disco a música "One In A Million", que o Guns N'Roses gravou no disco *Lies*, de 1989. A letra dizia "Imigrantes e bichas não fazem sentido para mim/ eles vêm para nosso país e espalham uma doença do c*", o que obrigou Axl Rose a pedir desculpas. "Axl foi um b*** ao fazer isso", comentou o provocador Manson.**

Landon Fernandes/Joe Hughes

Eddie mostra à força

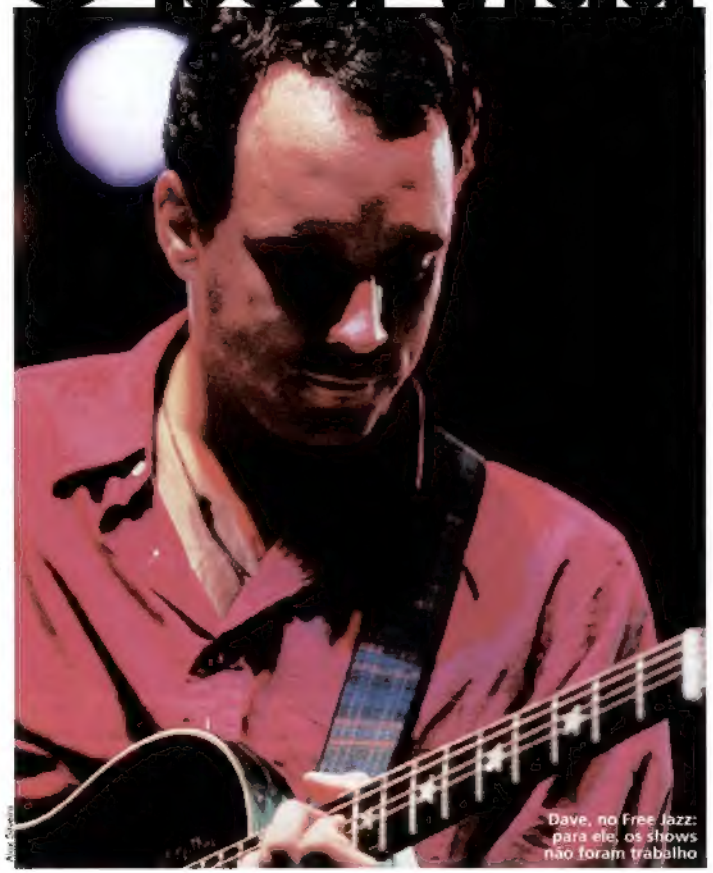
Pearl Jam ao vivo

Depois de abrir, só "de onda" para o Cheap Trick (grupo que ganha a vida no circuito nostálgico dos EUA), o Pearl Jam está soltando CD ao vivo.

Prodígio solo

Maxim Reality, o rapper do Prodigy, lança CD solo, *Demons*, no início de 1999. "Cresci ouvindo ska, soul e reggae e também gosto de punk rock e hip-hop", antecipa.

O boa-vida



Dave, no Free Jazz: para ele, os shows não foram trabalho

Dave Matthews não parece ser líder de uma banda que lota estádios e vende milhões de discos nos EUA. Pouco antes de fazer o público carioca vibrar no Free Jazz *(leia mais sobre o festival a partir da pág. 55)*, ele conversou com SHOWBIZZ à beira da piscina do hotel Sheraton, entre longos goles de café e água. Tinha ficado até as 5 da manhã "fazendo brincadeiras bobas na praia", após uma noitada no recém-reativado Beco das Garrafas, em Copacabana.

Por que vocês lançam tão poucos discos e fazem tantos shows?
Somos uma banda para se ver ao vivo. Estamos sempre improvisando, todos solam, se divertem. Principalmente eu, que fico ouvindo as loucuras do Carter *(Beauford, baterista)*, meu ídolo. Mesmo no estúdio, cada *take* é gravado de maneira diferente; e ao vivo, tocado como dá na telha. Todos adoramos viajar, é como estar permanentemente de férias. Me sinto como se não tivesse trabalhado um só dia em minha vida.

Por que vocês fazem mais sucesso nos EUA do que na Europa?
Talvez, com essa onda eletrônica, eles estejam desacostumados com músicos tocando de verdade. Só sei que quero excursionar mais na América do Sul. Europa é pra ir em férias e ver museus.

Você manda no grupo?
O voto de Minerva é meu. Mas somos parceiros em igualdade, musical e financeiramente. Sou individualista só com as letras, todas minhas. Se alguém quiser escrever uma, ele que vá cantá-la.

Olha quem está reclamando...

O quarteto sueco Ace Of Base, que mandou nos *dials* do mundo inteiro em 1994 com o hit "All That She Wants", lamenta a atual tendência européia de "fazer música para ser tocada em rádio". "Espero que a gente possa voltar a fazer música para dançar, como era no início de nossa carreira", queixou-se o vocalista Ulf Ekberg, em visita ao Brasil para promover o terceiro álbum do grupo, que está sendo puxado por uma cover de "Cruel Summer" (hit do Bananarama, uma espécie de proto-Spice Girls dos anos 80). O Ace Of Base veio sem Linn, a vocalista loira. Jenny, a morena, explicou que sua irmã tem medo de avião. Ulf avisou que eles já estão procurando substituta.

Linn, Ulf, Jonas e Jenny: o Ace Of Base se queixa da ditadura dos formatos radiofônicos

Promoção
RAINHA
FORA DE SÉRIE
leva você aos
X GAMES
Circinus
Basic
System Draco
System Perseus

Rodas Flamejantes

RAINHA

FORA DE SÉRIE

SEUS AROS SÃO CROMADOS E O COMBUSTÍVEL, A ADRENALINA

Por Paulo Anshowinhas

Índio, atleta da SP Hawks, patrocinado pela Rainha chutando tudo...

Elas foram criadas na década de 70, para vencer qualquer terreno, com o nome de *Bicycle Motocross* ou BMX. De aro 20, bem menores e desconfortáveis que as modernas *mountain bikes*, as bicicletas de cross foram popularizadas a partir de 1982, com Steven Spielberg e seu lendário filme E.T., O Extraterrestre. Desde 1980 pioneiros como Bob Haro já desenvolviam as primeiras manobras de *freestyle*, e em 1986 surge um novo ídolo: Dennis McCoy.

O grande número de acidentes graves, apagou o brilho do esporte por cerca de uma década, até que ele voltou à mídia com o nome de *bicycle stunt*, nos Xtreme Games de 1995.

Em 1996, o principal nome do esporte, o americano Matt *The Condor* Hoffman, fratura o pé esquerdo em três lugares durante a competição de street dos X-Games, mas não se deixa abater. Enfaixa o pé com uma tala metálica, corre e vence a modalidade Vertical.

O *Freestyle*, ou *Bike Stunt*, é uma das mais arriscadas e radicais modalidades dos X-Games, e é dividida em *Flatland* (solo), *Street* (com obstáculos de rua), *Dirt Jump* (em pista de areia com obstáculos) e *Vertical* (*Half-Pipe*).

As manobras são de giros (360, 540, 720 e até 900 graus, posicionando a bike ou o próprio corpo em vários ângulos), vertical (*aerials, no foot, no hand*), ou *dirt* (giros, vertical e outras).

No Brasil existem poucas competições da modalidade, e os poucos "cachorros loucos" que encaram sem medo a versatilidade das rodas de aro 20, têm nomes curiosos. Quem já ouviu falar no Marreta, Cunhado, Juca Bala, Helder, Edu 7 ou ainda Draculão? A própria Rainha, que produz tênis para bike, patrocina Índio, um dos pioneiros do Vertical, que já deu demonstrações no Beto Carrero World e no Playcenter.

O fato é: quem pratica *dirt jump* é porque gosta de sentir a terra na pele, e quem pratica *bike stunt*, é porque gosta de correr riscos.

Tudo movido a muita adrenalina.

FLATLAND

Também patrocinado pela Rainha, Balu da SP Hawks, mostra novas formas de andar de bike

Índio em mais dois momentos de adrenalina máxima

PASSANDO UM PANO NAS MANOBRAS

- Back Flip - Dê uma cambalhota de costas, e retorne de frente à rampa.
- Bar Spin - Gire os guidões quando estiver no ar e retorne à posição normal.
- No foot Can Can - No ar, tire os dois pés dos pedais, passe a perna sobre o quadro, estique-a e volte à posição anterior.
- One Handed Superman - Fique com o corpo totalmente esticado, segurando a bike apenas com um dos guidões, antes de voltar a sentar no selim.
- Tail Whip - Segure os guidões e dê um giro de 360 graus com a bike abaixo de você, sobre o coping da pista.

CUIDADO! Não faça isso em casa. Essas manobras foram criadas por profissionais, utilizando várias técnicas e equipamentos de proteção em muitos períodos de treinamento, para evitar quedas e acidentes sérios.

Octans

System Kayes

System Activent

System Elastic

X GAMES = BIKE STUNT · Aggressive in-line · Skysurf · Escalada Esportiva · Skate...

Promoção RAINHA

FORA DE SÉRIE

leva você aos

X GAMES

A Rainha vai sortear 3 VIAGENS COM ACOMPANHANTE para você assistir de perto os X-GAMES de verão em SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA (EUA) e mais 10 kits Rainha Fora de Série contendo tênis, mochila, boné e camiseta. É só comprar qualquer tênis da Rainha, preencher o cupom que está nas lojas e colocar em qualquer caixa de coleta dos correios. Não perca esta chance!

System Profile

Volans

FS 4200

Circinus

...Downhill · Esportes Aquáticos · Street Luge · Snowboard e muito mais.

REGULAMENTO DA PROMOÇÃO

1 - Esta é uma promoção voltada exclusivamente aos compradores de tênis da marca RAINHA, residentes e domiciliados em território nacional, com inscrições abertas no período de 30/10/1998 à 05/02/1999.

2 - A cada tênis RAINHA adquirido durante o período da promoção, o consumidor receberá um cupom de inscrição para participar do concurso, devendo preenchê-lo legivelmente o canhoto com todos os dados solicitados e resposta à pergunta: **"Qual a marca que leva você aos X-Games em São Francisco/EUA?"**.

3 - O cupom preenchido deverá ser enviado para a Caixa Postal nº 21311 - CEP 04602-970, São Paulo-SP, ou através de porte pago até 05/02/1999, data do encerramento das inscrições.

4 - Os participantes estarão concorrendo do 1º ao 3º prêmio a uma viagem para São Francisco/EUA para assistir aos X-Games, com direito a um acompanhante da sua escolha (não são considerados acompanhantes amantes de quaisquer espécie). O prêmio é constituído de passagens aéreas, traslados, hospedagem, alimentação e Guia Turístico.

Do 4º ao 13º prêmio os participantes estarão concorrendo a um Kit RAINHA, constituído de tênis, bolsa, boné e camiseta da marca RAINHA.

5 - Todos os documentos necessários para a viagem como passaporte e visto, são de inteira responsabilidade do contemplado e de seu acompanhante.

6 - O sorteio será realizado dia 12/02/99 - à Av. das Nações Unidas, 7221 - Sala Flamboyant - piso térreo - Pinheiros - São Paulo - SP, às 15:00 horas, com livre acesso aos interessados.

7 - Excluem-se de participação no presente evento as pessoas com função de gestão, sócios/acionistas e funcionários da São Paulo Alpargatas S/A., de suas empresas coligadas, das agências de propaganda e promoções envolvidas, respectivos parentes até 2º grau e cônjuges, bem como quaisquer pessoas envolvidas diretamente na execução da referida campanha promocional.

8 - Não terão validade as inscrições que não preencherem as condições básicas do concurso e que impossibilitarem a verificação de sua autenticidade, conforme descrito nos itens 2 e 3 do regulamento.

9 - Os prêmios serão entregues à Av. das Nações Unidas, 7221 - Sala Flamboyant - piso térreo - Pinheiros - São Paulo - SP, ou ainda no domicílio dos contemplados, **mediante apresentação da nota fiscal de compra**.

10 - Ao remeter seus cupons à Caixa Postal desta promoção, estarão os participantes concordando tacitamente com todas as normas contidas no presente Regulamento, sendo os casos omissos e as dúvidas porventura suscitadas solucionadas pela São Paulo Alpargatas S/A, cuja decisão será submetida à consideração do Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor da Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça.

11 - Os contemplados estarão sujeitos a ceder seus nomes, imagem, bem como "sons da voz" à São Paulo Alpargatas S/A, de forma inteiramente gratuita, com vistas à divulgação do resultado deste evento promocional aos meios.

12 - O contemplado poderá reclamar seu prêmio até 180 dias após a data do sorteio. Depois disso, os prêmios prescrevem.

13 - No mesmo período, 30/10/1998 à 05/02/1999, os vendedores estarão concorrendo a 3 (três) televisores Grodiente 29", ou similar.

14 - Os revendedores dos estabelecimentos participantes após cada compra de tênis RAINHA, deverão obrigatoriamente preencher os campos solicitados e resposta à pergunta: " Qual a marca de tênis que sorteia televisores?". Os demais campos deverão ser preenchidos pelo consumidor.

Outras informações sobre a promoção 0800-170501

ALGUMAS DAS LOJAS ONDE VOCÊ PODERÁ ENCONTRAR O SEU TÊNIS RAINHA

Belém (091) • Y Yamada 224-8844 **Belo Horizonte (031)** • Centauro 286-2445 • By Tenis 286-2194 • Elmo 335-7000 • Só Esportes 482-9040 • Sapataria Americana 212-3607 **Bragança Pta. (011)** • Jo Calçados 7844-1177 **Brasília (061)** • Sport Center 321-3339 **Campinas (019)** • Baby 230-8011 **Cuiabá (065)** • Gabriela Moda e Couro 624-7799 **Curitiba (041)** • Planeta Pé 345-7654 • Pague Menos 335-1555 • Andaraki 233-3737 • Senador Calçados 232-4132 **Feira de Santana (075)** • Mansan 623-9661 **Florianópolis (048)** • Tênis Bino Blau 324-0298 • Carioca Calçados 244-6763 • Imperador Calçados 259-2731 **Fortaleza (085)** • Casa Fio 252-1011 • Pacary 242-4074 **Goiânia (062)** • Apollo Esportiva 261-1822 • Flavia's 212-8787 **Jundiaí (011)** • Passarela 7395-4100 **Porto Alegre (051)** • Paqueta Calçados 342-6788 • Renner 361-7122 • Chinelinho 228-0415 • Terê Calçados 226-9432 **Recife (081)** • Esposende 424-9544 • Cratera 231-6308 **Rio de Janeiro (021)** • Física e Forma 541-0145 • Via Rio Tropical 548-9898 • Puppy 431-9738 • Paqueta 236-0011 • Di Santini 509-7898 • Magia dos Pés 595-4243 **Salvador (071)** • Graf's 351-0068 • Dinni 359-1415 • Adi Calçados 351-6669 • A Bota Moderna 351-2105 **Santo André (011)** • Pixole 440-9859 **São Paulo (011)** • Não Não 883-7233 • Demy 820-2231 • Bessi 220-0022 • World Tenis 3105-6509 • Vicky's 881-4111 • Mundial 6959-0990 • Shoe Biz 220-3322 • Alegria 220-3322 • Kallan 223-0277 • Dib's 222-9299 • Babach 259-0466 • Nova Babuch 606-6381 • Reagete 3115-5700 • Romão 293-6122 • Aragon 5589-4411 • Gaby 288-2444 **Vitória (027)** • Elmo 335-1194 • Só Esportes 222-8017

Atendimento Master ao Consumidor Rainha • 0800-557166

Basic

System Draco

RAINHA

System Perseus

FRACTA

CA/AL/SOE/DPDC nº 01/1254/98

CA/AL/SOE/DPDC nº 01/1254/98

Com o U2 embolsando 50 milhões de dólares para lançar a primeira coletânea de sua carreira, o guitarrista The Edge "arruma a casa" depois de 20 anos de sucessos – e também de erros e momentos embaraçosos

Faxina milionária

por Bert van De Kamp, de Dublin (Irlanda)

O guitarrista The Edge chama a transação de "faxina de fim de milênio". E que faxina. Para "arrumar a casa após 22 anos de trabalho", o quarteto irlandês recebeu 50 milhões de dólares. Traduzindo: por essa nada módica quantia, The Edge, Bono, Adam Clayton e Larry Mullen Jr. autorizaram a gravadora Island (representada no Brasil pela PolyGram) a lançar duas coletâneas do U2. A primeira, *The Best Of 1980-1990* – já nas lojas do Brasil, em edição limitada de 200 mil exemplares –, é um CD duplo com quinze canções conhecidas do grupo mais quinze outras faixas que foram lados B de compactos (portanto inéditas no Brasil, já que nenhum single do U2 saiu por aqui durante esse período). Entre essas pérolas [illegible], uma canção, "Sweetest Thing", foi regravada especialmente para este lançamento. Ela originalmente era [illegible] lado B do compacto Where The Streets Have No Name, de 1987. Ainda, October ([illegible] segundo disco do grupo, de 1981) [illegible] com a voz de Bono e The Edge ao piano, vem escondida ao final das músicas creditadas.

The Best Of 1980-1990 também saiu em versão econômica, com apenas um CD, sem os lados B. A segunda coletânea, *The Best Of 1990-2000*, está prevista para sair no começo do próximo milênio.

Para falar sobre "a faxina dos 22 anos de carreira", The Edge recebeu o repórter Bert van De Kamp, da International Features Agency, no estúdio do U2 em Hanover Quay, em Dublin, na Irlanda. [illegible] que o guitarrista para falar sobre [illegible] foi quem reequalizou e fez pequenas alterações nos fonogramas antigos. Olhando a carreira do U2 em perspectiva, Edge reconheceu erros, confessou que sente vergonha de parte do trabalho e antecipou que, para o próximo milênio, o grupo vai se reinventar novamente. ▶

"Bono gostaria de reescrever a letra de 'Bad'"

Quando vocês começaram, tinham alguma idéia do que o U2 viria a ser?
Não. Não éramos ambiciosos. A idéia de tocar em si já era suficiente.

Quando começaram a ficar ambiciosos?
O único integrante a acreditar que podíamos chegar a algum lugar era Adam *(Clayton, o baixista)*. Ele falava sobre contratos e sobre cair na estrada. Para nós, isso era piada. Mas, lá por 1980, reconhecemos que algo estava acontecendo. Tocávamos o tempo todo, aqui *(na Irlanda)* e na Inglaterra, viajando de van.

Vocês se surpreenderam com o som que surgiu com os quatro juntos?
As vezes "I Will Follow", do primeiro álbum (***BOY***), ainda soa selvagem para mim.

Então não é surpresa e a estar na coletânea ***THE BEST OF 1980-1990***?
Resistimos por um bom tempo à idéia de lançar uma compilação. Mas imaginamos que muitos fãs que gostam dos últimos discos podem não conhecer os antigos e topamos. Em vez de tentar fazer um completo "best of", o que nos parecia um pouco prematuro, pensamos em pegar os primeiros dez anos e selecionar canções que não ficaram datadas. Acho que deu para sair um grande álbum.

E será sucedido por um *The Best Of 1991 2000*?
Sim. Vejo isso como uma faxina, uma faxina de fim do milênio. Depois de 22 anos de trabalho, vamos arrumar a casa com esses dois albuns. Me sinto bem com isso.

Vocês mesmos escolheram as faixas?
Sim. O critério foi: que canções seriam as mais claras polaroides daquele tempo? Quase todas foram single, com exceção de "Sweetest Thing" e "Sunday Bloody Sunday", que só foi single na Holanda.

Vocês não as dexaram em ordem cronológica. Por quê?
Mais do que um pedaço da história, queríamos montar um grande disco. Tentamos várias ordens e decidimos por esta.

Vocês se sentiram tentados a remixá-las?
Nos reequalizamos várias delas, o que é quase um remix, porque dá para mudar o som. Foi bem delicado, mas eu mesmo me encarreguei disso. Você tem de lembrar que aquelas gravações não foram feitas para CD. Por mais que eu ame o vinil, ele sempre apresenta alguns problemas

para recriar as baixas e altas frequências. Agora, com o CD, pudemos recriá-las como originalmente mixadas.

Do segundo álbum, ***OCTOBER***, vocês só incluíram a música título. E mesmo assim escondida. O que você acha desse disco?
Alguns momentos são dolorosamente embaraçosos, juvenis. Mas existem idéias incríveis nesse álbum. A música "October" é um pequeno e maravilhoso exemplo. Eu a escrevi inicialmente para uma trilha sonora, mas todos gostaram e Bono chegou com uma grande idéia para a letra. Mas não se parece com nada no álbum ou com qualquer outro disco daquela época.

O terceiro LP, ***WAR***, foi um recomeço?
Vir da Irlanda e escolher um título como "war" (guerra) era algo cheio de significado. Era uma palavra forte para ser usada e sabíamos disso. Acho que o disco envolveu nossas convicções, confusões, os sentimentos políticos, a raiva pelo que estava acontecendo na Irlanda do Norte. Percebemos que o sectarismo *(entre católicos e protestantes)* era apenas uma outra forma de tribalismo e uma desculpa para as pessoas se matarem. O disco tinha "Sunday Bloody Sunday". Escrevemos esta música sem imaginar o quão sério o assunto era, e o quanto pareceria ultrajante uma banda falar sobre ele. Sempre soubemos que o conflito violento nunca daria certo.

Até hoje vocês estão envolvidos no processo de paz. Fizeram campanha pelo "sim" no referendo que selou um acordo de paz entre as facções rivais católicas e protestantes na Irlanda do Norte e que rendeu o Prêmio Nobel da Paz aos líderes **JOHN HUME E DAVID TRIMBLE**.
Não vemos o referendo como política partidária. Agarramos uma oportunidade que apareceu e fizemos um show em Belfast *(dia 15 de maio)*. Provavelmente fez diferença para 3 ou 4 por cento das pessoas, mas isso se traduziu no fato de que 68 por cento eram a favor do processo de paz.

"Alguns momentos de *October*, nosso segundo LP, são embaraçosos, juvenis"

Como você classificaria hoje o álbum ***THE UNFORGETTABLE FIRE***?
Gosto dele agora por razões diversas do passado. Foi um disco muito importante e acho até que influente. Tínhamos a consciência de tentar fazer algo novo e Brian Eno e Daniel Lanois (produtores) estavam numa fase de experimentação total, basicamente tinham inventado a ambient music. Quisemos usar o ambiente de músicos tocando juntos num quarto, em vez de buscar um senso artificial de espaço – procedimento muito comum no início dos anos 80. Eno estava interessado nessas idéias, então brincamos bastante num quarto e gravamos isso.

Esse método progrediu na gravação do seguinte, ***THE JOSHUA TREE***?
Sim. *The Unforgettable Fire* e *The Joshua Tree* estão conectados em som e temática.

Quando *The Unforgettable Fire* foi anunciado, vocês se concentraram nas faixas mais...
Não me lembro das críticas terem nos afetado tanto, mas ficamos – especialmente Bono – frustrados com o fato de algumas faixas de *The Unforgettable Fire* terem ficado mais cruas – o que, na minha opinião, lhes deu frescor e beleza. Sei, por exemplo, que Bono teria amado a oportunidade de desenvolver "Elvis Presley In America" e que, em "Bad", há frases da letra que ele gostaria de reescrever. Pessoalmente amo as duas músicas, especialmente a letra de "Bad". Acho que está entre as melhores dele. Com *The Joshua Tree* trabalhamos a idéia geral antes de gravar, havia um objetivo específico. Por isso ele parece mais bem resolvido.

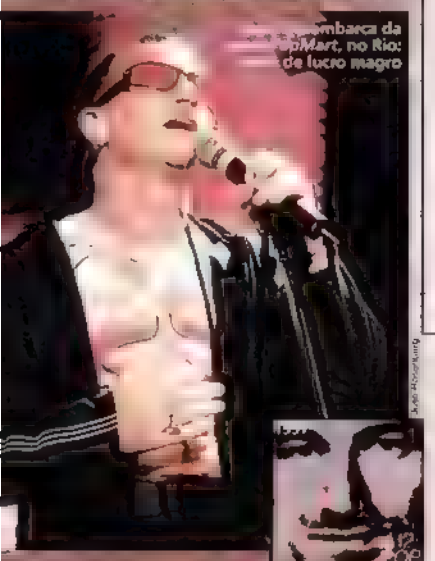
Nesse tempo, o produtor **BRIAN ENO** era uma especie de quinto integrante?
No estúdio, sim, não havia linhas de demarcação. Mas ainda fazíamos somente pontos antes de entrar para gravar.

The Joshua Tree vendeu 15 milhões de cópias e é o álbum de maior sucesso de vocês. Ainda assim, não foi aprovado por boa parte da crítica.
Sofremos muito por causa de um certo cinismo da imprensa, particularmente na Grã-Bretanha. O punk começou dentro da mídia, em fanzines, e a influenciou a tal ponto que, na Inglaterra, se você fazia sucesso, imediatamente se tornava irrelevante. Termos ficado famosos nos EUA foi visto como pecado capital. Perderam o respeito por nós. Como sempre nos sentimos estranhos no ninho, isso não nos incomodou. Mas acho que essa atitude destruiu bons grupos. The Clash e Smiths não conseguiram lidar com essa pressão. Esse conceito só foi revisto agora, com o sucesso do Oasis. A imprensa britânica está menos novidadeira.

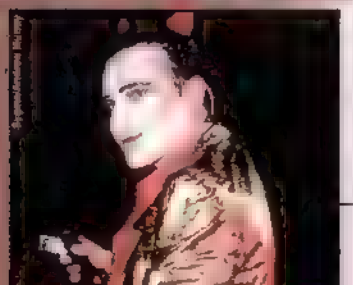
RATTLE AND HUM, o álbum e o filme, são considerados os "maiores erros" do U2. Você ainda se sente constrangido?
No começo, a gente nem gostava da chamada "música de raiz" americana. Começamos a ouvir gospel, cantoras como **MAHALIA JACKSON**, e nos interessamos. Daí surgiu "I Still Haven't Found What I'm Looking For", incluída em *The Joshua Tree*. Depois, viajando pelos EUA, passamos a ouvir o blues autêntico, a country music de qualidade e mais gospel. Revimos nossa posição e começamos a compor nesses gêneros. ▶

Pôster do filme Rattle And Hum, de 1988

"Vi o pôster do filme *Rattle And Hum* e pensei: 'Meu Deus, algo deu errado! Esses não somos nós!' "



Embarca da PopMart, no Rio: de lucro magro



O apogeu empresarial do grupo P... foi nos anos 90, com a turnê *Rattle And Hum*... por pouco não dotar bem quanto ao previsto.

O erro não foi o álbum. Foi deixar que o filme se tornasse muito maior do que deveria ter sido. Nossa idéia original era um filme pequeno e um disco que combinava cinco faixas interessantes e obscuras. Coisa mais para os fãs. Em algum ponto autorizamos o filme a passar para os estúdios Paramount e a ser lançado em centenas de salas de cinema dos EUA. Para ser sincero, não consigo me lembrar o que aconteceu. Só lembro que não foi minha a idéia. Não acho que tenha sido idéia de ninguém da banda. Lembro de ver um pôster de 1,80 metro do meu rosto, com o cavanhaque retocado. Foi então que percebi: "Meu Deus, algo deu errado! Esses não somos nós. Não era aí que queríamos chegar." Perdemos o controle e tivemos reações negativas por haver U2 demais pelo mundo.

...ocês perderam muito dinheiro com [illegible]?

A gente gastou um milhão e meio de dólares do próprio bolso. A Paramount cobriu a maior parte dos custos, mas ainda assim perdemos cem mil dólares. Foi um trabalhão. Eu e Bono ficamos semanas editando com o diretor Phil Joanou.

...ue [illegible] *LIVE AID* [illegible] ...me [illegible] ...nos [illegible] ...em 1985. A [illegible] ...ou [illegible] ...em grande [illegible] ...foi [illegible]

O engraçado é que, quando saímos do palco, tínhamos certeza de ter feito um péssimo show, musicalmente. Bono entrou na multidão, como já tinha feito tantas vezes antes, e achou que a coisa não decolou dali. Mas ainda encontro gente que fala desse show, que foi importante.

...ocês [illegible] ...o *POP MART*?

Não, mas também não ganhou muito. Terminamos com um décimo do que esperávamos. Ainda assim, não posso reclamar. Nenhum de nós pode. Foi melhor do que a *Zoo TV*, quando literalmente não ganhamos dinheiro nenhum.

E se você e os outros nunca mais se unirem em grande escala, como foi antes ou ao fim do *PopMart*?

Ninguém mais tem estômago para fazer algo semelhante, pelo menos num futuro próximo. Mas tenho muito orgulho da *PopMart*. Filmamos o show no México, vai sair em vídeo. É um excelente exemplo do que o rock pode fazer nos anos 90. Não existe arte nesta escala – talvez só o que o Christo (*artista plástico búlgaro que costuma "embrulhar" prédios famosos como o Reichstag, antiga sede do Parlamento alemão em Berlim, transformando-os em grandes instalações*) faz.

...U2 se reinventou [illegible] ...vezes. E [illegible] ...que os [illegible] ...vem [illegible] ...nham.

Sabemos que o rock não é uma forma estática, nunca foi. A idéia original do que se chamava rock n'roll ficou em 1958. Nós estamos sempre abertos ao que é novo.

...ocês roubam [illegible] ...de [illegible] ...do [illegible] ...ground.

É sempre fizemos isso. Por um tempo fomos o maior grupo cult do mundo. Não foi fácil ser considerado *establishment* de uma hora para a outra. Mas não sentimos culpa por fazer sucesso. Jamais apostamos no que fosse seguro e acessível. Não somos nem um pouco conservadores. O interesse por dance music, por exemplo, tem a ver com coisas que nos inspiraram antes, em outras ocasiões.

...[illegible] ...[illegible] ...de [illegible] ...todos [illegible] ...grupos.

De alguns, mais do que de outros. Não que Larry não goste, mas costuma parar e perguntar: "Cadê a melodia?" Ele não aprecia ser substituído por computadores. Mas acho que a dance music está passando por uma pequena crise por não aparecer nada fora do comum, como Prodigy, Chemical Brothers e Underworld. Ela está se partindo de novo. Talvez seja essa a natureza da dance music.

...[illegible] ...[illegible] ...[illegible] ...[illegible]

Estamos começando a juntar as músicas. Acho que sai até o fim do próximo ano. Vamos trabalhar com Brian Eno e Danny (*Daniel Lanois*) de novo. Quando 2000 chegar, vamos ter que nos reinventar mais uma vez (*risos*).

CAPITAL INICIAL

ATRAS DOS 30

Abril Music

www.abrilmusic.com.br

Já nas lojas.

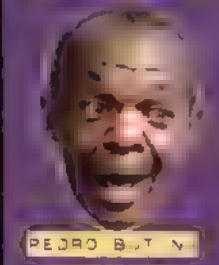
Preço Promocional

Mesbla

As cabeças do BEZERRA

por Vivi Fernandes e Álvaro da Costa e Silva

Pedreiros, camelôs, bombeiros e biscateiros anônimos compõem para o parlideiro uma obra de impressionante personalidade



"A fonte do meu sucesso não sou eu/ nem minha versatilidade/ é que eu gravo pra uma pá de papudeiros/ que são compositores de verdade"
"Compositores De Verdade"
de Romildo, Edson Show e Naval (1986)

Poucos artistas possuem repertório com tamanha unidade estilística e temática. O espantoso, no caso, é que José Bezerra da Silva é acima de tudo, um intérprete que, serve-se do trabalho de inúmeros compositores. Eles moram nas favelas cariocas ou na Baixada Fluminense e dominam a linguagem malandra que consagrou o cantor pernambucano. "Meus autores são todos ignorantes e semi-analfabetos como eu. O segredo está aí. Andam tão mal vestidos que muitos medalhões nem os recebem", conta Bezerra, 71 anos.

São camelôs, pedreiros, biscateiros desempregados. Tem até policial, do mesmo ofício que costumava marcar Bezerra de perto, quando ele era pintor de paredes. Não tinha carteira assinada, morava na favela do Cantagalo, no Rio e, como adora repetir, foi "preso 21 vezes, para averiguações".

Olhar as fichas técnicas dos discos de Bezerra da Silva é se deparar com deliciosos apelidos. 1000unho, Nilson Reza Forte, Embratel do Pandeiro, Zé Dedão do Jacaré, Adivinhão da Chatuba, Wilsinho Saravá, Claudio Inspiração, Naval, Pedro Butina... E também Regina do Bezerra, *patroa* do próprio há 15 anos, também dona de salão de beleza.

Amor é palavra proibida

Dica para o tema: quem quiser entrar no time: falar de amor, jamais. A própria palavra, que Bezerra faz questão de apenas soletrar, nunca de pronunciar, está proibida. "Dizem que o tal a-m-o-r é eterno. Mas eu desde cedo descobri que isso não existe. Entrei no barraco, encontrei um malandro com meu pijama, deitado com a minha nega. Pedi o pijama de volta", conta ele. A tal nega, claro, não é Regina. "Amor só o de mãe. O nosso caso é paixão", costuma repetir o casal. Em 1993, Bezerra gravou "O Segundo Nazareno", de Regina. "Verdadeiro amor/ que se tem na vida/ só existe um/ é o da nossa mãe querida".

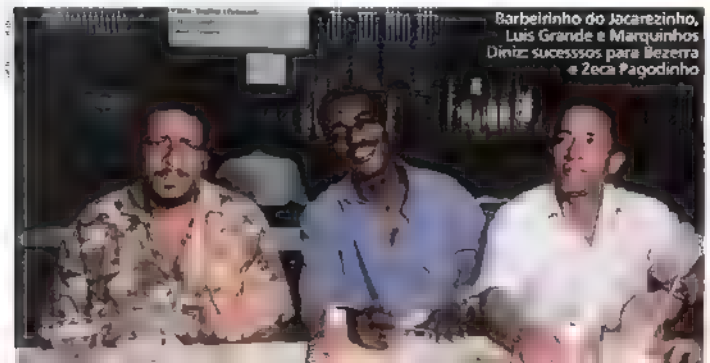
Rotulado nos anos 80 como "embaixador dos morros", Bezerra já não sobe mais as favelas com o gravador debaixo do braço. Hoje, dezenas de fitas chegam a seu escritório em Copacabana ou à 94 FM, emissora carioca em que comanda o programa *QG do Samba*.

Seleção inapelável

Bezerra da Silva foi percussionista e pintor de paredes. Como compositor, gosta mesmo é de coco, ritmo nordestino que diz ser "o partido alto do Norte", no mesmo compasso 2 por 4. Jackson do Pandeiro gravou algumas de suas criações, entre elas, a genial "Preguiçoso" ("Trabalho não se fez pra mim/ se eu pegar o homem que inventou o trabalho, tiro-lhe o couro e boto no sol pra secar; depois de seco, eu boto ele na cuíca, quero ver quanto ele estica, vou puxando até lascar"). Bezerra lançou dois LPs de coco, em meados da década de 70. Mas foi somente a partir de 1978 que passou a fazer sucesso – como intérprete de partido alto.

Ele diz que as músicas que escolhe nascem do cotidiano, dos jornais ("a seção política, que fala dos verdadeiros marginais"), da conversa fiada entre amigos. Com a experiência de quem já lançou 24 LPs, exalta os compositores como principal matéria-prima de um álbum. "Depois vem os músicos e, em último, o cantor".

Mas toda essa rasgação de seda tem limite. Em fase de escolha de repertório, Bezerra não aceita opinião de ninguém, muito menos cantadinha de compositor, por mais amigo que seja. E, quando bate o martelo, manda afixar a lista das músicas selecionadas na portaria do prédio onde mora, em Botafogo. "Para me proteger das pragas, toda sexta-feira acendo sete velas".



Barbeirinho do Jacarezinho, Luis Grande e Marquinhos Diniz: sucesssos para Bezerra e Zeca Pagodinho

PEDRO BUTINA DÁ A BEZERRA "HUMOR, GÍRIA E CRÍTICA SOCIAL"

Bombeiro incendiário

Pedro Butina, 52 anos, é ex-sargento do Corpo de Bombeiros ("já salvei muitas vidas") e mora em Nilópolis, na Baixada Fluminense. Autor de "mais de dez músicas" gravadas por Bezerra (entre elas "O Trapo", do último CD, *Tô De Pé*, "Defunto Grampeado", "Saudações As Favelas", "Candidato Caô Caô", "Sonho De Operário" e "Aqueles Morros"), ele arrisca até uma receita. "Tem de ter humor, ousadia, harmonia e gíria, aquela que só o submundo conhece. Por exemplo: dedo-de-anzol, dedo-de-seta, língua nervosa, língua de tamanduá... é tudo a mesma coisa, delator. E quanto mais você sentar a lenha na crítica social, melhor".

Sambas estudados

Josué Clementino da Silva, o Naval, é produtor de rádio. Ex-fuzileiro (daí o apelido) e ex-marido da cantora Jovelina Pérola Negra, ele andava na pior, quando cismou de compor para Bezerra. Para conseguir emplacar, estudou as letras dos seus LPs que escutava de favor numa loja de discos. Emplacou "Preconceito De Cor" e junto com Romildo e Edson Show "Compositores De Verdade".

A festejada trinca Barbeirinho do Jacarezinho, Luis Grande e Marquinhos Diniz, que costuma dar hits para Zeca Pagodinho, é velha fornecedora de Bezerra. Luis, autor de "O Vacilão" e "Na Boca Do Mato", é ex-taxista. Barbeirinho do Jacarezinho (autor de "Sua Cabeça Não Passa Na Porta" e "Sequestraram Minha Sogra"), que ganhou o apelido por gostar de "raspar as sobrancelhas da rapaziada", é um autêntico malandro. Marquinhos Diniz, filho de Monarco (da Velha Guarda da Portela), orgulha-se: "Eu consegui botar a palavra amor na boca do Bezerra. Foi no samba "Cobra Mandada": "Olha que eles tão dizendo/ Que sou violento e não falo de amor/ Que meu repertório é só crime/ E até de bandido virei defensor".

Pagodes para fugir do desvio

No auge da campanha do *impeachment* de Fernando Collor, Galhardo e Tonunho Geraes fizeram um samba que não saiu da gaveta. Só um pouquinho adaptado, ele virou uma das faixas quentes do último CD de Bezerra da Silva, *Eu Tô De Pé*, lançado pela Universal Music. "Quando a galinha criar dente/ E o sol nascer quadrado/ Vamos ter um presidente/ No seu lugar adequado", ensina "Presidente Cara de Pau".

Geraes, autor de "Mulheres", megassucesso na voz de Martinho da Vila, tem boa situação. Mas Galhardo está desempregado e, sem dinheiro, quase não sai de casa, na Cidade de Deus (Zona Oeste do Rio), mais precisamente na Porta do Céu. "Um lugar onde só tem coisa ruim", entrega Bezerra. "Meu vizinho da frente está no desvio, o do lado também. Isso de certa forma alivia minha angústia. Fico bolando pagodes", conta Galhardo.

ADELSONILTON TRABALHA COMO PEDREIRO. MAS UMA DE SUAS MÚSICAS JÁ VENDEU 1 MILHÃO DE DISCOS

O verdadeiro D2

Quem anda sumido, reclama Bezerra, é Adelsonilton, autor de "Malandragem Dá Um Tempo", em parceria com Popular P e Moacir Bombeiro. Incluída no disco *Alô Malandragem, Maloca a Flagrante*, de 1986, a música fez sucesso mesmo proibida pela censura. E ajudou, junto com o sucesso "Quem Usa Antena É Televisão" da dupla Pinga e Celsinho Barra Funda, a fazer o disco vender 600 mil cópias – o recorde da carreira de Bezerra. Há dois anos, regravada pelo Barão Vermelho, foi hit em todas as FMs e puxou o estouro do CD *Album* (450 mil unidades vendidas). Basta fazer as contas: trata-se de um pagode de (mais de) 1 milhão de discos.

Adelsonilton pode não ter sido o pioneiro da temática *hemp* no pagode (em 1980, Everaldo da Viola compôs "Mato Queimado", gravado pelo grupo Exporta Samba e pela dupla Stenio & Barbosa), mas já em 1982, fez "Deixa Uma Para Pro Vizo Queimar", gravado por Bezerra. Em 1984, quando era camelô, deu para o pernambucano "O Mané Só Fez De Graça". A letra dizia: "Acendeu umas ervas esquisitas/ Dizendo que era defumador/ O Patamo pintou no pedaço/ Ele subiu batido e o cavalo dançou".

"Me procura, Adelsonilton", acena Bezerra, antes de encerrar sua entrevista. ▶

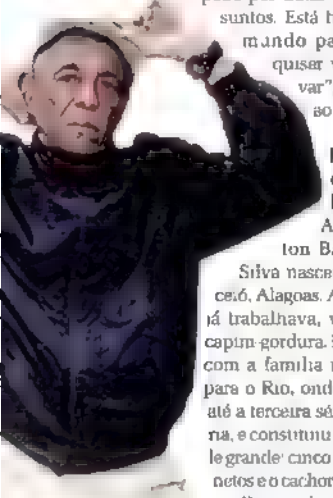
Adelsonilton, autor de "Malandragem, Dá Um Tempo"

Daniela Dacorso

Bossa nova pra fazer a cabeça

SHOWBIZZ foi encontrar o compositor de "Defunto Caguete" e "É O Bicho, É O Bicho" num pagode no Catete, no Rio. Ele hoje está noutra. Ou melhor, noutras: agora faz a cabeça com bossa nova e Erasmo Carlos. Não que tenha abandonado o samba malandro, apenas, "deu um tempo", como aconselha a letra de seu maior sucesso. "Cansei de ser roubado. Eu cantava uma música na praia, no mês seguinte estava registrada por outro sujeito."

"Malandragem..." foi composta por Adelsonilton a partir de um "argumento" de Popular P., e "Moacir Bombeiro entrou só para dar uma ajudinha". Por causa da música, Adelsonilton foi obrigado a depor na Polícia Federal. "Onde eu moro, a conversa é essa. Tudo que está ao meu redor é criação de Deus, e não me sinto culpado por tratar desses assuntos. Está tudo aí no mundo para quem quiser ver e provar", explicou ao delegado.



Pedreiro em Nova Iguaçu

Adelsonilton Barbosa da Silva nasceu em Maceió, Alagoas. Aos 4 anos já trabalhava, vendendo capim-gordura. Mudou-se com a família numerosa para o Rio, onde estudou até a terceira série primária, e constituiu outra prole grande: cinco filhos, dez netos e o cachorro Tirunica.

Depois de se "esconder em tudo quanto é canto que você possa imaginar", mora hoje em Edson Passos, Nova Iguaçu.

Aos 54 anos, trabalha das 8 da manhã às 7 da noite como pedreiro. Não deu certo como padeiro nem como camelô (vendia pau-d'água em Copacabana na época em que a planta era moda, nos anos 80). Deixou de mexer com ar condicionado depois de levar uma queda que o deixou todo quebrado. No fim da jornada de trabalho carregando cimento, as costas lhe doem tanto que dispensa até a cerveja gelada no bar de seu primo Carlos Cazuza na Rua Barão do Soluço, 38. "Já pintei o sete. Só não pinto o oito porque está faltando tinta na caneta."

Violão achado na obra

Adelsonilton gosta é de tocar violão, paixão recente. Há seis meses achou um, jogado na obra onde trabalhava, e o conserlou como pôde: "É o segundo instrumento que tenho na vida. Quando era garoto, tocava numa caixa de goiaba." É no violão que vai criando de ouvido as novas composições, que lembram a batida que João Gilberto inventou e os momentos românticos da dupla Roberto e Erasmo. Tem 100 músicas prontas (algumas são forrós) e gostaria ele mesmo de gravá-las na voz dolente que já perdeu o sotaque nordestino e incorporou chiados cariocas.

Samba no estilo Bezerra, Adelsonilton ainda compõe, mas pouco. "Eu já fazia música com o jeito dele antes de ouvir falar nele. Estava tudo pronto e mastigado para gravar. A primeira foi 'Mandei Minha Nega Pro Inferno' (*nome oficial "Pode Acreditar em Mim"*), que estourou nas rádios", gaba-se.

Entre as "dez ou doze" composições suas gravadas por Bezerra, ele destaca "uma do padre que escondia o flagrante debaixo da batina, cujo crucifixo era um canudo de ouro" (*"Canudo De Ouro", de 1991*).

Uma canção para o Barão Vermelho

Adelsonilton mal acreditou quando soube que o Barão Vermelho ia regravar "Malandragem Dá Um Tempo". "Fiquei curioso. Como eles iam transportar o pagode pro rock?" Gostou do resultado e, apesar de nunca ter encontrado nenhum integrante do grupo, leva sempre no bolso uma inédita, para quando forem apresentados. Chama-se "Sou Maluco, Sim, Mas Não Sou Doido, Não" e faz a linha Raul Seixas. Se Roberto Frejat der um pulinho qualquer dia desses em Edson Passos, no bar do Carlos Cazuza, não vai se arrepender.

Marcelo D2? Adelsonilton não tem idéia de quem seja. Mas gostaria muito de conhecer, pois, como diz seu samba, "para fazer a cabeça tem hora". O cantor do Planet Hemp já topou um encontro. ☆

O Barão gravou Adelsonilton, D2 quer conhecer o sambista

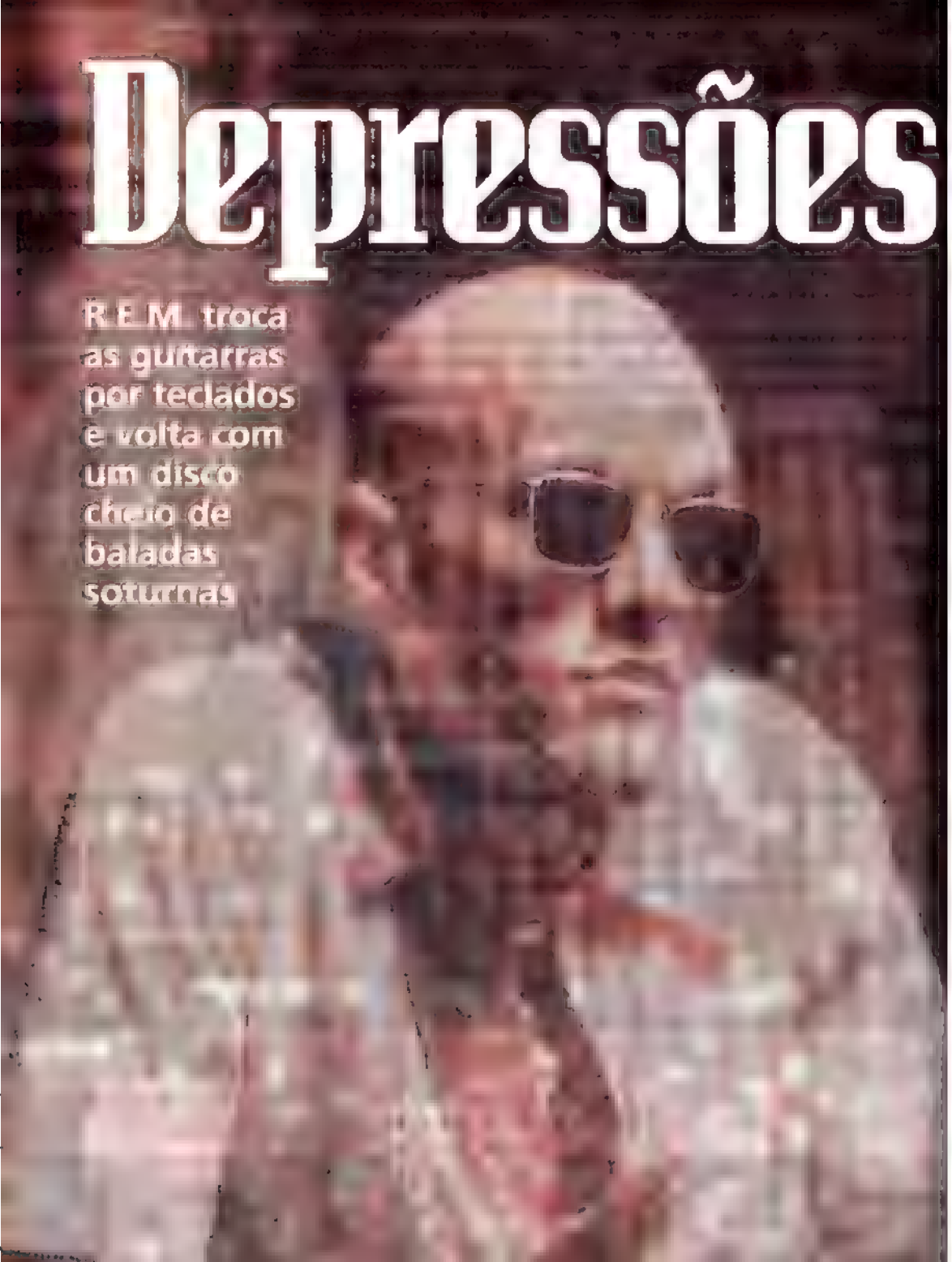
Fotos: Arquivo Pessoal e Rui Mendes

ADELSONILTON, AUTOR DE "MALANDRAGEM DÁ UM TEMPO", TEM UMA MÚSICA PARA O BARÃO: "SOU MALUCO, SIM, MAS NÃO SOU DOIDO, NÃO"

Angus Mora

Depressões eletrônicas

R.E.M. troca as guitarras por teclados e volta com um disco cheio de baladas soturnas



por André Barcinski, de Nova York

"Mudamos totalmente nosso som," avisa o vocalista e letrista Michael Stipe. "Peter *(Buck, guitarrista)* virou nosso baixista; Mike *(Mills, baixista)* largou o baixo e agora só toca teclados; e eu, que não sei tocar nada, continuo cantando." O ex-quarteto e atual trio (depois da saída do baterista Bill Berry) R.E.M. dispensou as guitarras e resolveu explorar teclados e baterias eletrônicas em *Up*, seu 11º LP.

Desde 1995, quando Bill Berry teve um aneurisma cerebral, Mills e Stipe sofreram operações – o primeiro no abdômen e o segundo, para extrair uma hérnia –, durante a turnê *Monster*, o futuro do R.E.M. foi tido como incerto. "O fato de termos continuado juntos prova como a banda é unida," conta Stipe.

Ano passado, porém, o baterista pediu demissão. Stipe diz que ficou transtornado, mas entende e respeita a decisão do colega (afinal, a saúde de Berry passou a exigir cuidados pouco compatíveis com a profissão). A ausência é refletida em *Up*, disco que, a despeito do nome ("para cima"), tem clima dos mais deprês. São catorze faixas, todas marcadas por um som eletrônico-retrô que remete a grupos alemães dos anos 70, como Kraftwerk e Can.

"Se as pessoas precisavam escutar nossos outros LPs cinco vezes para se acostumar, este elas vão ter de estudar pelo menos dez vezes para entrar no espírito", prevê Stipe. Ele conta que os executivos da gravadora Warner, com quem o R.E.M. tem contrato (um dos maiores da história: 80 milhões por cinco álbuns), ficaram "loucos de preocupação" quando ouviram o disco. "Sei que é uma grande responsabilidade, mas não podemos nos deixar influenciar por essa pressão. Esforçar-se para compor um hit só atrapalha."

Para o lugar de Bill Berry, o R.E.M. recrutou Barrett Martin, do Screaming Trees (banda de Seattle), com quem Peter Buck toca no grupo Tuatara. Mas Martin não deve ter muito trabalho, já que a banda decidiu não excursionar para divulgar o disco. "Gosto de tocar ao vivo, mas fazer turnê é chato e cansativo", conta Stipe. "Todos os integrantes da banda têm outros interesses. Não gostamos de ter nossa vida mapeada, odeio a idéia de saber exatamente onde vou estar daqui a um ano."

O grupo também já foi convidado para vir ao Brasil, mas recusou. "Pena, mas é impossível para uma banda grande como o R.E.M. excursionar na América do Sul sem o patrocínio de cigarros ou coisa parecida. Decidimos desde o começo da carreira que não toparíamos nenhum tipo de patrocínio e seguiremos assim. Já recusamos 9 milhões de dólares da Microsoft." Stipe já visitou São Paulo e as Cataratas do Iguaçu. "Fui ver florestas que fazem parte de um programa de conservação ambiental que apoio anos. Fiquei impressionado com o tamanho de São Paulo."

Ele pensa ser o popstar mais ocupado do planeta no último ano, lançou um livro de fotos de Patti Smith (cantora de rock e poetisa que agitou Nova York nos anos 70), ajudou na organização do Tibetan Freedom Concert (show contra a ocupação chinesa no Tibete) e produziu três filmes, incluindo *Velvet Goldmine*, de Todd Haynes. Para os próximos meses, prepara um livro de fotografias e outro de poesias.

"Sempre que posso, falo de meus ídolos, de Patti Smith – que andou esquecida um tempão –, Bono, Thom Yorke *(do Radiohead)*, Courtney Love, Grant Lee Phillips *(do Grant Lee Buffalo)*... Cada vez que um lança CD, liga para os outros e desafia: 'Quero ver me superar!' É uma brincadeira entre amigos que se adoram."

Entre esses amigos estava, até 1994, Kurt Cobain. "Ele fazia parte da turma, era uma pessoa adorável." Logo após o suicídio de Cobain, Stipe disse que também teria se matado caso seu primeiro disco tivesse vendido 5 milhões. "Verdade", lembra. "Com tanto sucesso no início, eu não tenha aguentado. Todo dia agradeço a Deus por existir antidepressivos!"

> "Se o R.E.M. tivesse vendido tanto quanto o Nirvana no começo da carreira, eu me mataria como Kurt Cobain. Todo dia agradeço a Deus por existir antidepressivos!"
>
> *Michael Stipe*

O baterista Bill Berry *(de azul)* teve um aneurisma e saiu; sua ausência transtornou o cantor Michael Stipe *(à dir.)*

"Eu e Meu Filho Temos Cadeira Cativa no Estádio"

Luis Alberto S. Brandão, engenheiro, com seu filho, Rodrigo, assinante da ESPN BRASIL

O Luis Alberto S. Brandão sempre foi um fanático por futebol. E, como essas coisas são genéticas, a paixão pelo esporte que os ingleses inventaram e os brasileiros aperfeiçoaram também tomou conta do seu filho, Rodrigo. Os dois não perdem um futeboizinho por nada neste mundo. Vão a todas as partidas e acompanham todos os lances de perto. Pai e filho não conseguem viver sem a emoção da bola rolando em um estádio, da torcida gritando. Eles estão sempre vendo tudo pela ESPN BRASIL.

Lá eles assistem, com exclusividade campeonatos de futebol nacionais e internacionais, comentados por quem entende. Só assim eles conseguem ver de perto as melhores jogadas, os grandes dribles.

A ESPN BRASIL entra na vida do Luis Alberto e do Rodrigo todo dia de jogo. E dia sem jogo também, já que eles não vivem só de futebol e ainda acompanham todos os lances do automobilismo, tênis, basquete. Assistir ESPN BRASIL é a melhor maneira de descobrir quem é o mais rápido, o mais forte, o que salta mais longe.

A ESPN BRASIL faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem não consegue entender por que ninguém passa a bola para o cara gordinho com o apito na boca.

Faz parte da vida de quem assiste TV - além da ESPN BRASIL, a TVA, a DIRECTV, a HBO BRASIL, a MTV, entre outros, integram o grupo Abril, faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes. Faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 13 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida.

Abril

Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · PLAYBOY · info · manequim · DIGISAT · VIP · CAPRICHO · listel · SHOWBIZZ · HBO · GAMES · ESCOLA · EURO CHANNEL · BOA FORMA · CASA · Saúde! · AnaMaria · NOVA

O novo bloco Brasil

Carlinhos Brown junta os amigos Marisa Monte, Davi Moraes e Dadi para fazer um disco que afirma a qualidade de uma nova geração da música popular nacional

por Bernardo Araujo
Fotos Ricardo Fasanello

Carlinhos Brown não é unanimidade. Críticos implicam com o estranho idioma que aparece em algumas de suas canções. Roqueiros radicais não suportam a batucada – muitas vezes em instrumentos inventados por ele mesmo – e o jeito feliz, a brasilidade verborragicamente expressa em frases com um quê de delirantes.

Mas Brown não se importa, tem o coração leve. Se pudesse, seria amigo de todo mundo. "Adoro os Racionais, amei tocar mais uma vez com o Sepultura", diz ele, citando duas bandas cujos públicos o fizeram passar por situações embaraçosas recentemente. Nem as opiniões negativas o incomodam. "Longe de mim querer rebater qualquer crítica, acho ótimo que cada um tenha sua opinião", diz, oferecendo a outra face. "Faço música para agradar. Se não der que me deixem trabalhar em paz."

MPB DE GARAGEM

Pacífico e solidário (toca projetos artísticos e assistenciais destinados à população do Candeal, bairro em que nasceu, em Salvador), Brown está aberto a todos os tipos de música, sempre com um inconfundível sotaque brasileiro. Ele pôs um bloco de amigos na rua para gravar seu novo disco, *Omelete Man*.

O trabalho começou com 120 músicas novas: poucas em parceria com gente como Arnaldo Antunes, a maioria sozinho. Desde 1996 o elétrico baiano leva um som com um pessoal da vizinhança, numa garagem na rua em que mora quando está no Rio, na Gávea. Ali, do outro lado da calçada, moram Marisa Monte e o namorado, o guitarrista Davi Moraes, de 25 anos, filho de Moraes Moreira e produtor do último disco do pai, *50 Carnavais*. No mesmo prédio de Brown, também vive Dadi, baixista que tocou com os Novos Baianos, fundou A Cor Do Som, passou pelo Barão Vermelho, pela banda de Caetano Veloso (inspirou a canção "O Leãozinho") e há quatro anos é um dos pilares do grupo que acompanha Marisa.

Pois o quarteto formado por Brown, Dadi, Davi e Marisa – "*power trio* bom tem que ter quatro integrantes", comenta o percussionista – pegou a mania de se reunir no estúdio da casa dela para tocar. Brown na bateria, Marisa cantando, Davi na guitarra, Dadi no baixo, Brown na guitarra, Davi na bateria, Marisa no violão. Brown em instrumentos como o ganzá d'água e o prato de castanha, Dadi no violão, Marisa na bateria... Literalmente, MPB de garagem. "Quis o Dadi porque ele é o novíssimo baiano, ao mesmo tempo traz todos os grupos onde já tocou", explica Brown. "Davi me traz Moraes e Pepeu, e ainda tenho outros músicos que me dão Caetano, terreiro de umbanda, Cely Campello, Renato e Seus Blue Caps, tudo entra na receita do *Omelete*."

PRODUÇÃO AMIGA

Esse tudo era apenas uma brincadeira, que foi crescendo, crescendo e, de repente, lá estava o disco, pronto para ser gravado. Brown decidiu que queria Marisa como produtora. "Eu me esquivava, dizia: 'Vamos encontrar o produtor certo'. Ele respondia: 'Mas eu quero você'", lembra ela. A insistência deu certo e Marisa mergulhou de cabeça no projeto, chegando a cancelar turnês no exterior por conta do trabalho.

As gravações começaram no primeiro semestre, na famosa garagem, a essa altura apelidada de Lá Em Bass, um trocadilho que mistura baixo, o instrumento, em inglês, com embaixo. "Gravei mais feliz entre amigos. No primeiro disco (*Alfagamabetizado*, de 1996), foi difícil conseguir que me entendessem", compara Brown. Ele destaca o fator confiança no trabalho do produtor. "Eu faço questão de ser o primeiro a chegar ao estúdio, mas com a Marisa não foi preciso – até porque chegar antes era impossível, o estúdio era na casa dela."

Ao lado de Tom Capone – guitarrista de Brasília, novo diretor-artístico da WEA –, que se responsabilizou pela parte técnica, Marisa fez o papel de *producer* (produtor, em inglês) em seus aspectos mais implacáveis. Ela achou natural o processo de seleção do repertório, que pinçou quinze de um total de 120 músicas. "Brown tem um milhão de ideias ao mesmo tempo. A Marisa consegue dar a ele uma moldura, sem limitar sua criatividade", define Tom Capone, que assina *Omelete Man* como co-produtor. Ele garante que a cantora pilotou mesmo a mesa de gravação, usando o conhecimento sobre microfones, compressores e *racks* que adquiriu registrando seus próprios discos, *Ao Vivo, Mais, Cor De Rosa E Carvão* e *Barulhinho Bom*, ao lado de outro produtor, Arto Lindsay.

O próximo CD de Marisa começa a ser gravado no início de 1999, com lançamento previsto para o segundo semestre. Até lá, ela segue fazendo participações. Teve a honra de subir ao palco numa histórica apresentação da Velha Guarda da Portela no Canecão, no Rio, em maio, e cantou no novo disco da cantora cabo-verdiana Cesária Évora (ainda inédito).

Brown define sua produtora e porta-bandeira: "Marisa Monte é meu eixo, eu evoluo em volta dela"

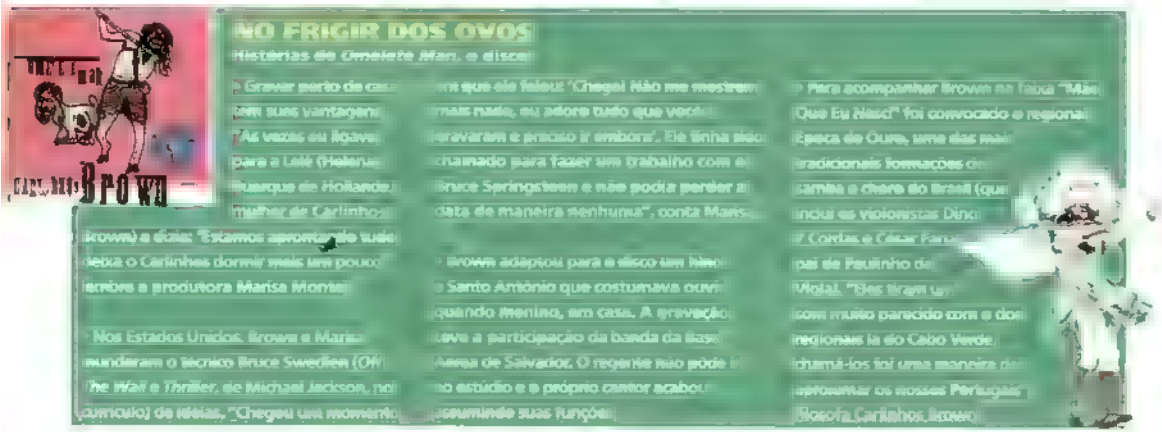
A sugestão das fotos com roupas de mestre-sala e porta-bandeira – da Beija-Flor de Nilópolis – foi do próprio Carlinhos Brown, que acha a imagem boa para ilustrar o trabalho dos dois em *Omelete Man*. "Enquanto eu danço, Marisa é o meu eixo, eu evoluo em volta dela", diz o cantor.

Portelense desde a infância, Marisa realizou um antigo sonho. "Nunca sonhei em me vestir de noiva, minha fantasia sempre foi uma roupa de porta-bandeira", confessa ela. Os dois passaram mais de duas horas no estúdio cantando antigos sambas (a maioria da Portela na década de 70), e Carlinhos às vezes improvisava, tomando como enredo o fotógrafo, a lente, Marisa ou o que mais estivesse à sua volta. Preparando-se para sair em seu trio elétrico o Mr. Brown no Carnaval de 1999, ele garante: "Se a Marisa puder, vai estar la comigo".

Omelete Man tem semelhanças e diferenças em relação a *Alfagamabetizado*, mais diferenças do que semelhanças. São muitas canções em ambos (*Omelete* tem quinze, contra dezesseis de *Alfa*) com uma grande variedade de estilos, mas *Omelete* é menos experimental e mais palatável. Baladas, funks dançantes (como "A Namorada") e música de trio elétrico predominam no novo disco, com as tradicionais letras nonsense de Brown em português e em inglês.

Uma das melhores canções é a sacudida "Water My Girl" e seu refrão: "I know my way/ You guera-guera to guerare", seja lá o que isso quer dizer. "É uma corruptela de *get up*, 'levante-se', em inglês", explica Brown, contando que a letra acabou "extrapolando o português". A romântica "Busy Man", de sotaque soul, é outro destaque, com os vocais e a bateria divididos entre Brown e Marisa (tambores e baquetas foram o primeiro instrumento da cantora, ainda na adolescência). Mais uma vez a letra tem partes em inglês, língua que Brown confessadamente não domina bem. "Começo em português, mas às vezes a cara da música está mais para inglês ou para essas palavras que invento", descreve.

A face mais ingênua do compositor está na bela seresta "Mãe Que Eu Nasci" – versão (do próprio Brown) para "Direito De Nascê", do compositor Manuel de Jesus Lopes, de Cabo Verde, tio de Cesária Évora. O disco está sendo lançado em dezoito países e Brown deve fazer algumas viagens promocionais para divulgá-lo.



NO FRIGIR DOS OVOS

Histórias de *Omelete Man*, o disco:

- Gravar perto de casa...
- ...ens que ele falava: 'Chegai. Não me mostrem mais nada, eu adoro tudo que vocês gravaram e preciso ir embora'. Ele tinha sido chamado para fazer um trabalho com o Bruce Springsteen e não podia perder a data de maneira nenhuma", conta Marisa.
- Para acompanhar Brown na faixa "Mãe Que Eu Nasci", foi convocado o regional Época de Ouro, uma das mais tradicionais formações de samba e choro do Brasil (que incluía os violonistas Dino 7 Cordas e César Faria, pai de Peuzinho da Violal). "Eles tiram um som muito parecido com o dos regionais lá do Cabo Verde. Chamá-los foi uma maneira de aproximar os nossos Portugais", filosofa Carlinhos Brown.
- Brown adaptou para o disco um hino a Santo Antônio que costumava ouvir quando menino, em casa. A gravação teve a participação da banda da Base Aérea de Salvador. O regente não pôde ir ao estúdio e o próprio cantor acabou assumindo suas funções.
- Nos Estados Unidos, Brown e Marisa...
- ...mundaram o técnico Bruce Swedien (Off the Wall e Thriller, de Michael Jackson, no...
- ...quinoio) de férias. "Chegou um momento...

Entre *Alfagamabetizado* e *Omelete Man*, Carlinhos Brown rodou o mundo. Com o estouro de "A Namorada" em diversos países ele foi parar até em Hollywood numa das cenas mais interessantes do filme *Velocidade Maxima II* (estrelado por Sandra Bullock e execrado pela crítica).

O grupo heavy mineiro Sepultura, que gravou com Brown o disco *Roots*, o primeiro com sonoridade brasileira, se parte em duas facções, ambas admiradas por Brown. "Adoro o Sepultura e o Soulfly *(nova banda de Max Cavalera, ex-cantor do Sepultura)*, esse negócio de briga de família a gente não deve se meter." Ele se refere à separação de Max e de seu irmão Igor, baterista e fundador do grupo, que segue em frente com a carreira. O lançamento do disco novo *Against*, incluiu, em agosto, um show para 20 mil pessoas no estacionamento do Sambódromo paulistano. Brown foi uma das atrações. Jason Newsted baixista do grupo heavy americano Metallica, convidado do Sepultura, saiu embasbacado com o baiano: "O talento natural de Carlinhos é incrível, parece que ele já sai da cama de manhã fazendo aquelas coisas".

Mas nem tudo foi fascínio. Naquela tarde, Brown cismou de encontrar no meio do público um garoto que havia escrito uma carta para a banda dizendo que se mataria ao final do concerto. "Eu não poderia cantar com aquele problema. Eu canto por prazer, rock é bonito. E aqui não é a Europa, onde os jovens vivem se matando. Havia um pai e uma mãe desesperados por causa de um menino de 12 anos que nem sequer poderia ter entrado no show *(por causa da idade)*", lembra. Na hora ele não achou o fã e foi ao palco cantar com o Sepultura a música "Rathamahatta". Depois conversou com os pais do jovem, que agradeceram sua atitude. Brown nem reparou se havia fãs do Sepultura pouco tolerantes à sua presença e sua música. "Eles me aceitam bem. Se o Igor, que é um fenômeno na bateria e ídolo deles trabalha comigo para diversificar e melhorar o som do Sepultura, como é que eles não vão me respeitar?", questiona.

"Quem não gosta da Bahia, não gosta do Brasil. Eu amo o Brasil inteiro"

BROWN X BROWN

Alguns dias antes do show do grupo mineiro, Carlinhos havia se envolvido em outra polêmica. Atuou como apresentador na festa do Video Music Brasil, evento anual da MTV e os Racionais MC's, vencedores na Escolha da Audiência, nem sequer estenderam os braços para receber – dele – o prêmio. Para piorar, fãs dos rappers na platéia puxaram um coro de "filha da p****".

Depois foi explicado que aquele era um tratamento "carinhoso" entre os "manos", mas a coisa pareceu dirigida a Carlinhos Brown e instalou-se um mal-estar. O cantor interrompeu um discurso de KLJay, DJ dos Racio-nais MC's, cantando uma música do bloco Ilê Aiyê "Sou Personificado Pelo Fenômeno Da Natureza", que fala em miscigenação. "Não acho que naquela platéia houvesse playboys, como eles estavam dizendo. Então cantei uma música que ilustra como existe, na Bahia uma liberdade racial maior", conta.

O baiano acha que ele e os Racionais, como artistas que cresceram em favelas deveriam se unir. "Minha mãe lavava roupa que nem a dele *(Mano Brown, rapper dos Racionais MC's)*, e dou graças a Deus por ter aparecido gente pra usar os serviços dela, senão não haveria Carlinhos Brown", conta o cantor se referindo à afirmação de Mano Brown de que sua mãe havia lavado "muita roupa de playboy" para sustentá-lo. "Não adiantaria eu ter Martin Luther King *(líder pacifista negro norte-americano assassinado em 1963)* no meu clipe se não soubesse a importância dele", avalia. E arremata com bom humor, avisando que vai compor uma música chamada "Diário De Um Relento" (sátira de "Diário De Um Detento" sucesso dos Racionais), sobre os dias e noites que passou ao ar livre na Bahia quando era pequeno. Uma suposta intolerância dos fãs de outros estilos musicais, menos brasileiros, não o incomoda. "E assim mesmo, o gosto das pessoas muda, cada dia gostam de uma coisa amortiza.

Marisa conta que ele também brinca dizendo que vai fundar uma banda chamada Os Browns composta por ele Mano Brown, James Brown (cantor americano de quem os dois pegaram o sobrenome emprestado), o grupo Charlie Brown Jr. e Alcione, a Marrom (em inglês, *brown*).

Voltando ao papo sério, Carlinhos livra a cara de todo mundo, proclamando, sem ironia: "Não existe preconceito no Brasil. Os Racionais MC's mostram o que acontece em São Paulo, assim como o Ilê retrata a Bahia". Ele não reconhece um sentimento antibaiano entre os consumidores de música no Brasil, mas alerta: "Quem não gosta da Bahia, não gosta do Brasil e eu amo o Brasil inteiro". ▶

Racionais da Bahia

Fundado há 24 anos, com o intuito de preservar tradições africanas, no bairro da Liberdade, em Salvador, o Ilê Aiyê já barrou brancos em seus desfiles. "O que é bom para o branco mas é bom para o negro", costuma dizer o presidente do bloco, Antônio Carlos dos Santos – quase homônimo de Brown –, o Vovô. Brown defende o Ilê (em iorubá, "casa grande" ou "casa de todos"): "Vovô não é racista, o Ilê existe como necessidade de afirmação de uma cultura". A atitude também era uma reação à presença de trios elétricos como Os Internacionais (que era puxado por Daniela Mercury), que, até o começo desta década, não permitiam negros entre seus integrantes. De qualquer modo, hoje, personalidades como Caetano Veloso e Regina Casé desfilam livremente no Ilê.

As canções do bloco são gravadas há anos. "Que Bloco É Esse", na versão d'O Rappa, foi a última a fazer sucesso. Mas a Natasha lança, no começo de 1999, um CD que vai marcar a volta do Ilê ao disco, após quase uma década de abstinência fonográfica. "Gravo blocos há anos, e esse foi o melhor resultado que obtive até hoje", conta o produtor Arto Lindsay. Ele registrou apenas percussão – gravada com os ritmistas sobre o teto do estúdio, em Salvador – e a voz dos seis cantores do Ilê, com participação de Milton Nascimento e Daúde. No repertório, canções conhecidas do bloco, como "Charme Da Liberdade" e "Que Bloco É Esse", e novidades, como "Exclusão" e "Deusa De Ebano".

A turma que se liga a Brown

Na Internet, fanáticos por cinema se divertem com *O Jogo De Kevin Bacon*. Nele, o jogador é obrigado a relacionar qualquer artista de cinema ao ator de *Footlose*. O mesmo princípio pode ser aplicado usando Brown e a nova MPB.

Vitor Moreira

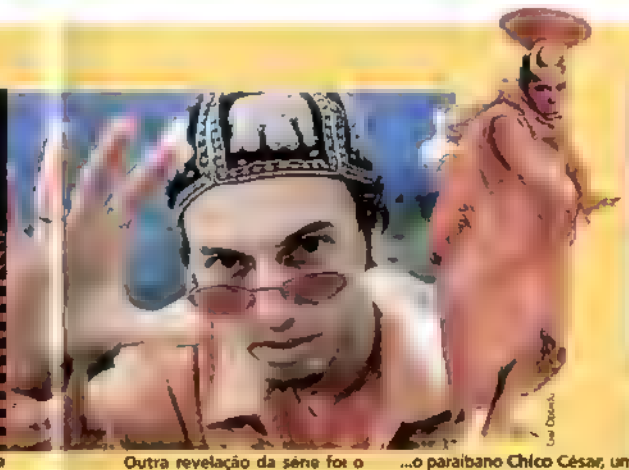
O pernambucano **Otto**, que acaba de lançar o elogiado disco *Samba Pra Burro*, é ex-integrante do grupo...

Divulgação

...mundo livre s/a, liderado por **Fred 04** – também com CD novo na praça, *Carnaval Na Obra* –, que escreveu o Manifesto Mangue com o jornalista Renato Lins e com **Chico Science**, que se apresentava à frente da...

Nação Zumbi. A banda que, segue a carreira a bordo do disco *CSNZ*, é autora de "Rios, Pontes e Overdrives", gravada pelo cantor pernambucano...

...**Lenine**, em seu disco *O Dia Em Que Faremos Contato*. Lenine apareceu no projeto Novo Canto, em que novos cantores eram apadrinhados por artistas consagrados.

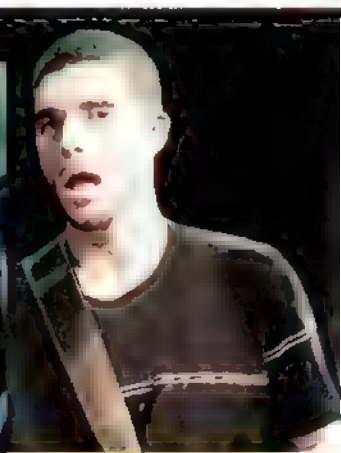


Lee Ostenso

Outra revelação da série foi o maranhense **Zeca Baleiro**, que fez sucesso com o CD *Onde Andará Stephen Fry* e já dividiu apartamento em São Paulo com...

...o paraibano **Chico César**, um dos mais bem-sucedidos cantores da nova geração da MPB. Chico e Zeca se dizem influenciados por Gilberto Gil, que já teve como flautista em sua banda...

...o jovem **Lucas Santana**, atualmente em vias de lançar seu primeiro disco. Nas gravações, Lucas contou com a guitarra de...



...**Davi Moraes**, filho de Moraes Moreira e um dos músicos essenciais na criação de *Omelete Man*, de Carlinhos Brown. Davi deve lançar disco solo em 1999.

Marisa Monte e Brown: a dobradinha também está no último disco da Timbalada

Aos 36 anos, mesmo após se estabelecer como artista solo, ele continua envolvido em outros trabalhos. Produziu *Vamos Dar A Volta No Guetho*, recente disco da Timbalada, formação que o projetou no início desta década e que pode ser considerada o "maior grupo brasileiro de percussão". O CD, sexto de uma carreira vitoriosa, tem participações ilustres de Marisa Monte, Caetano Veloso e Ivete Sangalo (ex-cantora da Banda Eva) e já ultrapassou a marca das 100 mil cópias vendidas.

A MPB do Brown

De Sarajane (cantora do hit "Abre A Rodinha") a Sepultura, eles já tiveram mãozinhas de Brown.

- Sepultura
- Caetano Veloso
- Marisa Monte
- Djavan
- Paralamas do Sucesso
- Maria Bethânia
- João Gilberto
- Xuxa
- Luis Caldas
- Sarajane

Sarajane

Com toda a fama e a grana que vem com ela (Brown chegou a dizer que 100 mil dólares eram "cachê para morto de fome", antes de assinar contrato com a gravadora Virgin francesa) o baiano não se acostuma com tudo do estrelato. "É difícil para mim tratar Caetano, Chico ou Bethânia como se fossem pessoas normais", admite. Ele confessa que pede a bênção para a cantora de "Carcará" sempre que a encontra. No dia em que a mão benzida for a dele? "Isso não vai acontecer, a música brasileira já produziu todos os seus fenômenos e mitos, nós somos seus meros seguidores", esquiva-se Brown, modesto.

Carlinhos também comanda uma dúzia de projetos, a maioria ligados à música e atividades sociais no bairro do Candeal, em Salvador. Por lá tem estúdio, trio elétrico – o Mr. Brown, com *design* arrojado e todo feito em alumínio –, escola de música (Pracatum, que atende sessenta bolsistas), estúdio, espaço artístico-cultural Candyall Ghetto Square, ONG e, acima de tudo, amigos.

Numa era de tribalizações, divisões e agressividade, Antonio Carlos dos Santos Freitas é uma mão – talentosa – estendida para o Brasil.

Glossário de Brownês

Além de inventar instrumentos, Carlinhos também é mestre em criar expressões e rebatizar coisas, abusando dos trocadilhos. Confira um pouco do vocabulário de *Omelete Man*.

[illegible] – corruptela do inglês *get up*, "levante-se", da música "Water My Girl".

[illegible] – nome de música de *Omelete Man*. "É o que eu sou, diversificado, mais do que vitamina A ou B", define ele.

[illegible]*by me* – mistura de *stand by me* ("fique comigo", em inglês) com Oxum, entidade da umbanda, incluída na letra de "Vitamina Ser".

"Havai É You" – outra musica do disco, um híbrido de "o Havai é você" com *how are you* ("como vai").

[illegible] – toca-se os dois lados do instrumento. "É melhor em algumas batidas, funciona como uma zabumba, só que mais grave e pesado."

Sintetizador-vines – instrumento eletrônico que cria um som de zumbido.

Kong – instrumento de percussão que cria um som pesado como o gorila gigante do cinema, King Kong.

[illegible] – instrumento de percussão cheio de água, usado na música "Water My Girl" ("Água Minha Garota").

Pork bell – literalmente "sino de porco". Corruptela de *cowbell* ("sino de vaca"), espécie de agogô usado na música pop. "Esfregamos dois *cowbells* e saiu um som parecido com o de um porquinho", explica Brown.

A versão da ditadura

Steve Harris, que comanda com mão de ferro o IRON MAIDEN, publica a história oficial do grupo (em que o ex-vocalista Bruce Dickinson é o vilão)

M

A versão da
ditadura

Durão, tatuado e intransigente, ele não tem mais do que 1m70, mas não é o tipo de sujeito que você gostaria de enfrentar numa briga – a não ser que esteja preparado para lutar até a morte." A descrição, no primeiro capítulo, chamado "Steve" (cada integrante batiza uma parte da biografia), dá o tom de como devem ser encaradas as "verdades absolutas".

Nascido em 1956, numa família operária – como todos os colegas de Iron Maiden –, no início da adolescência, Steve já tinha descoberto o rock'n'roll de grupos como o U.F.O. (do baixista Peter Way, seu grande ídolo). O fascínio pela música o fez abandonar o sonho de ser futebolista. "Eu tinha de ir treinar todo dia no West Ham, bem na idade (*14 anos*) em que queria começar a sair conhecer garotas ou andar com os amigos", lembra Steve. Logo os discos e o baixo se tornaram as coisas principais na vida do jovem, que participou de várias bandas até pensar no nome Iron Maiden, "donzela de ferro".

Qualquer fã do grupo sabe que ele foi batizado com o nome de um instrumento medieval de tortura, um caixão com pregos que perfuram a vítima, e que Steve pensou nele quando assistiu ao longa-metragem *O Moscara De Ferro*, de 1974 com Richard Chamberlain. No entanto, o baixista admite que não se vê sequer uma donzela no filme. "Ele apenas me levou a um clima medieval que me fez lembrar do instrumento", conta o baixista.

A partir do nome vieram as explosões e efeitos de luz criados por Dave Lights, que até hoje acompanha a banda. "Eles ensaiavam debaixo de uma escada em um antigo convento onde eu morava, que também funcionava como centro comunitário", lembra Lights, que mais tarde pôde dar vazão a sua megalomania (adequada para palcos de grandes dimensões), trabalhando com o cenógrafo Derek Riggs. Foi Riggs quem criou o monstro Eddie, presente em todas as capas de discos do Iron, além de camisetas e produtos ligados à banda em geral.

Mesmo quando os shows aconteciam em pubs vagabundos do East End (região de Londres) e o repertório ainda incluía covers – sempre de canções obscuras –, luzes e fumaça já eram itens essenciais. Acidentes, claro, aconteceram. "Uma vez toquei fogo nas calças do Steve", conta Lights. A roupa dele era de borracha e derreteu, custando a ele todos os pelos de suas pernas.

Após alguns anos tocando insistentemente em buracos, a banda formou uma pequena legião de fãs e juntou dinheiro para gravar sua primeira fita. Registrada na noite de 31 de dezembro de 1978 – quando o estúdio estaria vazio, e, por isso mesmo, era mais barato –, *Spaceward* incluiu quatro músicas: "Iron Maiden", "Invasion", "Prowler" e "Strange World". Foi o primeiro impulso forte na carreira do quarteto (na ocasião, Dave Murray era o único guitarrista, ao lado de Steve, do baterista Doug Sampson e do cantor Paul Di'Anno) – pois uma cópia foi entregue ao DJ inglês Neal Kay, especializado em rock pesado. Numa época em que o punk era a grande sensação e bandas de *hard rock* como o Deep Purple e o Black Sabbath estavam em baixa, Kay reunia os cabeludos fiéis na boate Soundhouse. Puxadas por "Prowler", logo as canções da fita estavam entre as mais tocadas. De conhecido apenas no East End o Iron Maiden começava a se tornar uma sensação em toda Londres.

Saiu então um single independente, *The Soundhouse Tapes*. O disco tinha o clássico "Running Free" e a primeira de muitas ilustrações de Derek Riggs. A letra, sobre um jovem fugindo das dificuldades da vida, leva a assinatura de Paul Di'Anno, que dizia ter falado sobre si mesmo. "Nunca passei a noite em uma cadeia de Los Angeles, mas era daquela maneira que me sentia." Di Anno era o integrante mais identificado com o clichê roqueiro: bebia, usava drogas, não dormia – o que acabou levando à sua demissão pelo patrão Steve – e mentia descaradamente. Sua postura debochada, no entanto, ajudou o grupo a estourar. "As músicas eram sérias, mas eu sempre inventava maneiras de emprestar-lhes algum humor", conta ele.

"Não podia cantar sorridente na última turnê, os fãs iam pensar que eu estava feliz por deixar a banda"

Bruce Dickinson

Steve Harris, o dono da bola, e seu baixo Fender

O lançamento de *The Soundhouse Tapes* levou a banda à primeira turnê pelo Reino Unido. Para os 47 shows programados, foi convocado o guitarrista Dennis Stratton, completando a formação com duas guitarras que perdura até hoje. Mais velho do que os outros músicos (27 anos) com mulher e filho, Stratton era bem diferente de Steve, Dave, Paul e Doug (garotões com cerca de 22, 23 anos). Na excursão, porém, sua experiência provou ser benéfica. Também ficou na cara que Doug Sampson não tinha saúde para integrar uma banda de sucesso. "Eu estava doente o tempo todo", lembra ele, que uma vez pôs um balde ao lado da bateria e revezava os golpes de baquetas com golfadas de vômito (consequências da cervejada na noite anterior). Frio e objetivo como sempre, Harris comunicou a Doug sua saída e convocou Clive Burr, velho conhecido indicado por Dennis Stratton.

...tual formação ...iden, com Blaze ...ley (ao centro)

As gravações de *Iron Maiden*, álbum de estreia, começaram em janeiro de 1980, com Steve Harris, Paul Di'Anno, Dave Murray, Dennis Stratton e Clive Burr. Vários produtores passaram pelo estúdio – incluindo o guitarrista do grupo Sweet (um dos expoentes do glam rock, gênero em voga no começo dos anos 70, marcado por doses leves de distorção no som e muita androginia no visual), Andy Scott –, mas nenhum satisfez completamente os desejos de Steve. Como a banda era iniciante e os prazos e verbas, curtos, o disco foi registrado sem muito apuro técnico (fato audível). O produtor Martin Birch – que, junto com os empresários Rod Smallwood e Andy Taylor, forma a tríade externa que sempre ajudou a tocar o Iron Maiden – só apareceria a partir do disco seguinte, *Killers*.

Mesmo um pouco tosco, *Iron Maiden* foi incensado pela crítica e aterrissou direto no quarto lugar da parada inglesa. ▶

10 segredos sobre o Iron Maiden

A versão da

ditadura

Paul Di'Anno (voz) e Dennis Stratton: o começo do Iron"

Adrian Smith (à esq.) e Bruce tocam juntos novamente

Mais uma turnê, outro disco e duas trocas levariam a banda ao topo.

O primeiro a rodar foi Dennis Stratton. O guitarrista não era tão amigo dos outros quatro músicos e preferia andar com a equipe técnica durante as turnês. Atitudes como essa levaram Steve Harris a crer que ele "não estava contribuindo para a unidade do grupo". Para seu lugar foi chamado Adrian Smith, velho camarada de Dave Murray e seu ex-companheiro no grupo Urchin. Paul Di Anno foi a baixa seguinte. Os maus hábitos – o autor avisa que o livro não pretende falar sobre "festas e tietes na estrada" – fizeram o cantor reclamar repetidamente de dores de garganta. "Às vezes ele reclamava e dizia que não conseguiria completar um show. Em várias ocasiões chegou a desmaiar, sempre convenientemente sobre alguma poltrona ou sofá", ironiza Harris.

Uma ida ao festival de Reading (Inglaterra) confirmou ao baixista que o cantor ideal para o Iron Maiden estava no grupo Samson e atendia pelo nome de Bruce Bruce *(sic)*. Com Adrian e Bruce – primeiro com Burr, depois com o baterista Nicko McBrain – o Iron lançou seus discos de maior sucesso, *The Number Of The Beast* (1982), *Piece Of Mind* (1983), *Powerslave* (1984), *Live After Death* (ao vivo, de 1985), *Somewhere In Time* (1986) e *Seventh Son Of A Seventh Son* (1988).

Muitos dos fãs que lamentam até hoje a saída de Bruce, em 1993, não sabem que ele e Steve Harris viviam às turras. "Tenho muito respeito por Steve, afinal foi quem fez o Iron ser o que é, mas é um sujeito muito teimoso!", exclama Bruce lançando agora seu quinto disco solo, *The Chemical Wedding*. "No início, ele vivia querendo aparecer mais do que o resto da banda", acusa Steve. Bruce responde: "Ele é que ficava na minha frente no palco, não estava acostumado com um cantor que agitasse". Rusgas à parte, a formação que veio ao primeiro Rock In Rio, tocando para um público (super)estimado em 250 mil pessoas, no dia 11 de janeiro de 1985, foi a mais bem-sucedida da história da banda.

Number Of The Beast (Steve tirou recentemente o artigo "the" do nome), de 1982, foi o primeiro disco com Bruce. Ele abriu o mercado americano para o grupo, que três anos depois gravaria a maior parte do álbum ao vivo *Live After Death* na Califórnia. "O período de 1983 a 88 foi o de maior sucesso da história da banda", atesta o livro. Curiosamente, *Fear Of The Dark*, o último registro com Dickinson, de 1992, foi o que mais vendeu até hoje nos EUA. Mas a performance mundial anterior nunca foi superada. A maior de todas as turnês, a *World Slavery Tour*, de 1984/85, durou catorze meses, com uma média de cinco shows semanais. "Foi surpreendente termos chegado ao fim da excursão", comenta o baterista Nicko McBrain.

O livro classifica o álbum *Powerslave* (eleito por leitores da revista inglesa *Kerrang!* um dos melhores discos de rock de todos os tempos), de 1984, como apenas razoável. "São apenas três boas canções, "Aces High", "Two Minutes To Midnight" e "Rime Of The Ancient Mariner" diminui o autor. Mick Wall. Ele coloca o controverso *Seventh Son Of a Seventh Son* (de 1988, que vendeu bem menos e não empolgou a crítica) como um dos três melhores trabalhos da banda – talvez porque esta é a opinião de Steve Harris.

Iron no Brasil: Eddie no Rock In Rio (à esq.), em 1985, Steve e Janick em 1996

O que seria um grande momento de glória do Iron Maiden virou drama no festival Monsters Of Rock, na Inglaterra, em 1988. Tocando como atração principal na frente de mais de 100 mil pessoas, o quinteto desabou quando soube que dois fãs haviam morrido pisoteados. "Era para ter sido o maior show de nossas vidas até então – e foi, porque só soubemos do acidente depois –, mas hoje minhas lembranças são todas trágicas", diz Adrian Smith. Quatro anos depois o quarteto daria a volta por cima no mesmo festival, apresentando um show antológico e sem nenhum incidente sério.

> **"Achamos que tinha sido o show de nossas vidas. Então soubemos que dois fãs haviam morrido pisoteados"**
> *Adrian Smith*

Da formação clássica, Adrian foi o primeiro a deixar o barco, em 1989. Estava muito infeliz com aquela vida de "hotel-turnê-estúdio-turnê", conta o guitarrista, um indeciso nato que até hoje não tem certeza se agiu certo ao sair da banda. No seu lugar entrou Janick Gers, fera que já havia atuado no primeiro disco solo de Bruce, *Tattooed Millionaire*, de 1990.

O vocalista ainda ficou no Iron por dois discos, o surpreendentemente pop *No Prayer For The Dying*, do mesmo ano, e *Fear Of The Dark*, de 1992, o último disco do quinteto a receber aclamação unânime da crítica. O começo razoável da carreira solo e o cansaço "do mundo de histórias em quadrinhos" o fez pedir o boné no meio da turnê de *Fear*... que ele ainda completou. "Queria matá-lo, ele murmurava as canções no palco, não queria mais nada com a banda", reclama Steve, que acusa Bruce de só ter se esforçado na frente da imprensa. "Eu não poderia fazer uma cara feliz, ia parecer que estava achando ótimo deixar a banda", alega Bruce, em uma desculpa mais do que esfarrapada.

Seu substituto foi o ex-porteiro noturno Blaze Bailey, que antes cantava no grupo britânico Wolfsbane, de pouca expressão. Apesar da opinião expressa no livro ("os dois são muito parecidos, até fisicamente"), os fãs sensivelmente não se empolgaram com a troca. O primeiro disco com Bailey foi *The X Factor*, de 1995, ao qual se seguiu uma turnê mundial por lugares menores do que os habituais. "Como o metal não estava na moda, queria ter certeza de que o vocalista estava bem para que Blaze se ambientasse bem na banda", conta Steve, tentando explicar a queda de popularidade.

A turnê seguiu-se uma coletânea, *Best Of The Beast*, e um disco um pouco mais bem-recebido, *Virtual XI*, que deu aos fãs a esperança de que a Donzela de Ferro adentre o Terceiro Milênio voltando a mostrar tudo o que sabe.

O sexto elemento

O monstro-mascote Eddie já existia antes de o ilustrador Derek Riggs trabalhar para o Iron Maiden. A única alteração feita no personagem, quando foi encomendada a capa do single "Running Free", foi a adição de cabelos longos – a criatura usava um corte punk, de acordo com a filosofia de seu criador. O primeiro Eddie (sem relação alguma com Riggs) era apenas uma máscara colocada no alto do palco, obra do iluminador Dave Lights. Ganhou o apelido de "Eddie The 'Ead" devido a uma piada da época, sobre um menino chamado Eddie, que só tinha a cabeça: os médicos garantem aos pais que, aos 5 anos, poderão implantar um corpo no garoto-cabeça. Quando chega a data, os pais, felizes, dizem para Eddie: "Temos uma surpresa para você". E ele responde: "Ah, não, por favor, outro maldito chapéu não!"...

10 possíveis herdeiros do trono metálico

O heavy celebrizado pelo Iron Maiden agoniza, mas não morre

1 KORN – Está no topo da parada dos EUA com o CD *Follow The Leader*. Tem influências de rap e letras escatológicas que o ex-coveiro Jonathan Davis canta.

2 MARILYN MANSON – O grande astro do metal atual choca os EUA com androginia, drogas e blasfêmias.

3 SOULFLY – A nova banda de Max Cavalera, ex-Sepultura, mantém a fúria e os elementos brasileiros.

4 SEPULTURA – Mesmo com o novo cantor americano, Derrick Greene, segue criativo e pesadíssimo.

5 CRADLE OF FILTH – Primeira banda de *black metal* – gênero que usa sangue falso e simula sacrifícios humanos no palco – com apelo popular. Pelo menos, entre ingleses.

6 TOOL – Grupo americano da linha "industrial", injetando sons eletrônicos no peso das guitarras.

7 ROB ZOMBIE – O cantor americano (ex-White Zombie) aperfeiçoou sua receita de barulho com letras tiradas de filmes de terror B.

8 SEVENDUST – Formação multirracial americana que faz o Living Colour (grupo negro de rock que fez sucesso entre 1988 e 1992) parecer baba.

9 COAL CHAMBER – O cantor americano Dez Farfara e a baixista Shayna dosam fúria e tino pop.

10 PITCHSHIFTER – Grupo inglês que é uma versão (muito) mais pesada do Prodigy. Joga batidas eletrônicas e ruídos pré-gravados na barulheira.

Mande suas demos e CDemos para:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Vulgue Tostoi: o Brasil também tem trip hop

Foto: Divulgação

Sombrios no Rio

Bateria crua, teclado monocórdico e uma voz quase sussurrando: "Oh minha honey baby". O grupo carioca Vulgue Tostoi concorreu com sua versão assim para "Vapor Barato", de Jards Macalé e Wally Salomão, na categoria democlipe do Video Music Brasil da MTV deste ano. Quem levou o prêmio foi Paulo Francis Vai Para O Céu, mas o Vulgue assinalou, para quem quis ouvir, que o trip hop (som eletrônico com andamentos lentos e climas melancólico-"viajantes") já tinha praticantes brasileiros.

O guitarrista Júnior conta como se aproximou da música eletrônica: "Sempre adorei Prince. Daí comecei a escutar Portishead, *um dos maiores representantes do trip hop*, e mexer com programações". Também gravou com Lobão em seu último disco, *Noite*, que é mais próximo do techno. A banda é formada também por Marcello H na voz e no violão, e Vitinho no baixo. A bateria fica por conta de Marcelo Vig e Serginho Melo no CDemo Facts.

Para quem quiser conferir em carne e osso, o Vulgue Tostoi vai fazer o show de abertura para a banda Man Or Astro Man? em São Paulo, e tem algumas datas confirmadas para o Rio.
Contatos: tel. (021) 537-2582 e e-mail: vulguetostor@yahoo.com

Autoramas em busca de dança e diversão

Foto: Divulgação

Supergrupo no circuito

A banda Autoramas nasceu como um Frankenstein: reunindo integrantes das extintas bandas Little Quail, Dash e Beach Lizards, respectivamente o guitarrista Gabriel, o baixista Simone do Vale e o baterista Nervoso. Com a primeira demo embaixo do braço, já pode contar vantagem por ter feito o show de abertura para o Superchunk em Brasília. "O que falta nas bandas independentes é correr atrás", acredita Gabriel.

Acumulando as funções de músico e empresário, Gabriel diz que a intenção da banda é fazer rock dançante e divertido. A Autoramas deve abrir para a Man Or Astro Man? no Rio de Janeiro.
Contatos: tel. (021) 528-0000, código 274448 ou e-mail: autoramas@yahoo.com

Big band do século 21

Nada mau ser independente quando um banco resolve patrocinar seu trabalho. Os integrantes do Woyzeck colocaram a cabeça e a lei para funcionar, prepararam um projeto para inscrevê-lo em uma lei de incentivo à cultura da prefeitura de Curitiba, cidade natal do grupo. Quando obtiveram a aprovação, foram bater às portas do dinheiro – e os cofres se abriram.

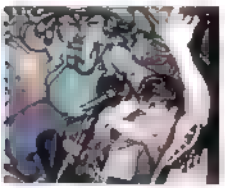
Woyzeck é uma banda paranaense que gastou 70 mil reais para gravar um CD independente muito bem produzido

Não que isso tenha livrado o bolso dos próprios músicos. Dos (oh!) 70 mil reais gastos na confecção do álbum *Quebra-Queixo*, do single com "Sete Forças" e de um videoclipe para a mesma música, apenas metade veio do banco. "Ainda estamos com dívidas até o pescoço", desabafa Denis Nunes, baixista.

O Woyzeck faz um cruzamento entre funk, MPB, ska e vocais de [illegible] tras criativas, som de big band e boas pitadas eletrônicas, administradas com profissionalismo. Dá para perceber que a grana foi bem gasta pela qualidade da produção. Há CDs de grandes gravadoras que não têm acabamento tão bom.

Os sete integrantes (mais dois metais convidados) nem sempre cabem todos nos palcos dos bares onde tocam, mas garantem uma senhora diversão auditiva. Quem curtiu o trabalho e fez uma participação especial no disco foi Fernanda Takai, vocalista do Pato Fu. "Eles tinham deixado uma fita-demo em um show que fizemos em Curitiba, nós adoramos e um ano depois, quando voltamos para a cidade, gravei as vozes para 'Sete Forças'".
Contatos da Woyzeck: (041) 256-0231 E-mail: woyzeck@mps.com.br

Alternativa em som e caminhos



A Trap é uma dessas bandas alternativas que arregaçam as mangas e fazem do seu próprio jeito. No início dos anos 90, começou a acoplar camadas de guitarras à canções com letras em inglês.

Depois, descontentes por ver sua música restrita ao circuito paulistano, os integrantes lançaram-se há dois anos em turnê pelo Nordeste, para divulgar o primeiro CD, *Outside*. Também participaram de festivais em Brasília e em Goiânia, e fizeram a trilha de *Caquinha Superstar À Go-Go*, "chanchada escatológica" do cineasta gaúcho Peter Baiestorf. Agora, gravaram o terceiro CD, *Buy*, em um computador caseiro. O vocalista e guitarrista Jonny explica: "Só as baterias foram gravadas em estúdio. Este meio de produzir um CD vai pegar, porque o preço a médio prazo compensa". O disco foi prensado por um selo americano especializado em vendas pela internet. Para o ano que vem, já está sendo planejado um novo álbum. **Contatos: tel. (011) 867-9740 ou e-mail: trap@mandic.com.br**

Uma pequena parafernália eletrônica foi necessária para gravar o disco da Trap

Divulgação

Raio-D

Um exame nas fitas-demo mais interessantes que chegaram à Redação

Dub Killa
Som: dub, gênero derivado do reggae que trabalha com bases cheios de ecos, vazios e colagens [illegible]
Origem: Santos, SP
Auto-retrato: "A banda é a primeira no Brasil a fazer só dub"
Resumo crítico: Intrigante à primeira audição, o som as vezes se repete demais. Mas tem passagens inspiradoras para quem curte hip-hop e remixes.
Produção: Regular
Contatos: Mauro, tel. (011) 3341-1126

Sejane
Som: cantora pop-rock
Origem: Rio de Janeiro, RJ
Auto-retrato: "Sempre fui rock n'roll."
Resumo crítico: Com voz áspera e letras de próprio punho, faz a linha Alanis Morissette, mas se diz mais fã de Janis Joplin. Embora fosse recomendável um pouco mais de originalidade, a faixa "Dentro De Mim" parece pronta para as FMs.
Produção: Boa
Contatos: (021) 742-2226

Tornado
Som: guitarras, letras fortes e vocal rap
Origem: Rio de Janeiro, RJ
Auto-retrato: "O nome é homenagem a Tony Tornado. Fazemos funk também."
Resumo crítico: O instrumental é tenso e as letras são bem-acabadas, falta só encontrar um encaixe melhor entre texto e música.
Produção: Regular
Contatos: (021) 239-2532, código 111-1775, com Gilvan

Foto: Divulgação

Fernanda Takai e John, do Pato Fu

No começo do namoro, ela torrou o salário para dar a ele uma caixa de Elvis Costello

O casal do Pato Fu tem cerca de 500 CDs e nenhum preconceito musical

Um desavisado que caísse de pára-quedas na sala do apartamento do Buritis, bairro de classe média de Belo Horizonte, suspeitaria que a torre de CDs que ladeia a estante preta guarda parentesco com a de Babel, tamanha a multiplicidade de línguas musicais que ela comporta. Num segundo momento, veria que a convivência pacífica entre punk, samba, pop nacional, rock das mais variadas procedências e o etnias indica, mais que tolerância, apego à pluralidade. Faz sentido. E qualifica melhor ainda a trajetória do Pato Fu do multiprocessador sonoro de *Rotomusic De Liquidificador*, de 1994, ao telão pop do corrente *Televisão De Cachorro*.

John e Fernanda praticam à exaustão a gentil arte da coexistência de contrários. Que o digam Totó, o cão turbinado, e Chico, o gato marcha lenta, testemunhas de estimação, do que sai das caixas de som do aparelho ("que dá vergonha, para dois músicos como diz, sem cerimônia, Fernandinha) do casal. "Eu queria fazer uma sala com um baita som cheio de recursos, daqueles que você fica lá ouvindo na posição certa, mas é besteira, porque eu mais viajo do que fico em casa", chora John.

Esparramados pelo tapete às voltas com seus cerca de 500 CDs e 100 LPs, confortavelmente sentados na poltrona branca estampada em motivos florais, ou no escritório à frente do computador enquanto respondem pessoalmente a toneladas de e-mails e cartas dos fãs, John e Fernanda exercitam sempre que possível a abertura de "Nunca Diga", uma das faixas do último CD, que já bateu a casa das 75 mil cópias vendidas: "Querido, nunca diga que eu tenho mau gosto/ saiba que o belo da vida ainda está pra nascer". Em busca do belo perdido, o casal revirou o acervo e separou seus "mais mais" seu kit de primeiros socorros musicais.

As cantoras (algumas delas, influências confessas) aparecem firmes e fortes na listinha de Fernanda, entre elas a americana Suzanne Vega e Tracey Thorn, a voz melodiosa da dupla inglesa Everything But The Girl e a força brasileira de Clara Nunes. John alterna experimentalismos amalucados (*Duck Rock*, disco do maluco produtor Malcolm McLaren, o homem que inventou os Sex Pixtols no calor do punk rock, em 1976) com elaboração (*OKComputer*, do Radiohead, ou *A Night At The Opera*, do Queen), mas não abre mão de esquisitices do bem como *Are We Not Men?*, da época em que o grupo americano Devo surfava com estilo a new wave.

Entre as raridades "com-história" da coleção de Fernanda, um destaque é *Classiks On Toys*, com a turma de Charlie Brown cantando Beatles. "Tinha uns 8 anos quando o John Lennon foi assassinado. Chorei sem parar por um tempão. As versões desse disco são todas tocadas, brilhantemente, com instrumentos de brinquedo."

John guarda com carinho a caixa *2 1/2 Years*, com os quatro primeiros discos do inglês Elvis Costello: "Foi o primeiro presente que eu ganhei da Fernanda, quando a gente estava começando a namorar, em 1993, na época da gravação do *Rotomusic*". "Gastei quase todo meu pagamento de estagiária num cursinho pré-vestibular", lembra ela. John completa: "Eu já tinha todos os discos em fita, mas mesmo assim adorei o presente. Ainda ouço muito, hoje em dia."

Israel do Vale

Alta Rotação
Fernanda Takai

BLITZ
As Aventuras Da Blitz
"Um dos primeiros discos que comprei. Na época, tinha 11 anos. Era sócia do fã-clube no Rio de Janeiro e, sempre que mandava cartas, eles respondiam. Outro dia contei isso pra Fernanda Abreu. Ela me disse que eles sentavam juntos de vez em quando, dividiam as cartas e respondiam a todas. Sempre que podemos, eu e o John também fazemos questão de responder aos fãs do Pato Fu."

SUZANNE VEGA
Nine Objects Of Desire
"É o CD mais recente dela, que é outra influência grande. Pra mim, é seu melhor disco. Estive no show dela o ano passado em São Paulo e não resisti: fui ao camarim pedir autógrafo."

EVERYTHING BUT THE GIRL
82-92 - Essence And Rare
"Entre as inglesas, é minha banda preferida. A Tracey Thorn é uma grande influência, poucas mulheres cantam como ela. É uma artista completa, pois também toca e compõe. *Essence And Rare* é um disco pirata, mas abençoado por eles. É bem difícil de encontrar. Tem várias faixas que são lados B e outras que nunca saíram em lugar nenhum."

THE CURE
Kiss Me, Kiss Me, Kiss Me
"Toco violão desde os 9 anos e tiro muita coisa de ouvido. Vivia tocando coisas deles. Em minha primeira banda, A Data Venia, sempre tocávamos 'Boys Don't Cry'. Quando o Pato Fu tocou no Hollywood Rock na mesma edição que eles, nem acreditei. Foi muito legal ter ido ao camarim depois do show conversar com o Robert Smith."

Alta Rotação
John

DEVO
Are We Not Men?
"É a banda que eu mais ouvi na vida. Me chamou atenção por ser original, esquisita, e não parecer com nada. Virou trilha sonora do skate antes que definissem um kit com tipo de som, de roupa etc. *Are We Not Men?* é da primeira fase, um dos melhores. Tem versão de 'Satisfaction', dos Stones, além de 'Uncontrollable Urge', que o Pato Fu chegou a tocar no começo da carreira."

MALCOLM MCLAREN
Duck Rock
"É um LP de 1983 que o Malcolm McLaren fez na África do Sul, para onde ele foi depois que o projeto punk faliu. De quem comungou com os Sex Pistols espera-se de tudo. É um disco curioso, de *scratches* e ritmos afros. Foi lá que eu descobri o que era *scratch* (*som que os DJs tiram ao interferir no deslizar da agulha sobre o disco*). Tem até uma faixa, 'Buffalo Gals', que ensina como se faz. O interessante é que nunca foi lançado em CD e mesmo assim ainda é bastante procurado."

RADIOHEAD
OK Computer
Meu disco preferido nos últimos tempos. Das bandas dos anos 90, foi a que me fez virar fã, de ficar emocionado com as músicas. Em tempos de mesmice e falta de criatividade no rock, aquela mistura de peso e melodia com letras agoniadas cai como uma luva. O Thom Yorke é músico de mão cheia, e o disco passa um sentido de união sem ser conceitual. Ouvi muito este CD durante a gravação de *Televisão De Cachorro*. Os clipes são maravilhosos."

Deep purple

Clássico do rock dos anos 70 que tem como tema a Guerra Fria

Child In Time

(Jon Lord/Ritchie Blackmore/
Ian Gillan/Roger Glover)

Sweet child in time, you'll see the l ne
Line that's drawn between good and bad
See the blind man shooting at the world
Bullets flying taking toll
If you been bad – Oh Lord I bet you have
And you've not been hit oh by flying lead
You'd better close your eyes
Bow your head
Wait for the ricochet

Criança No Tempo

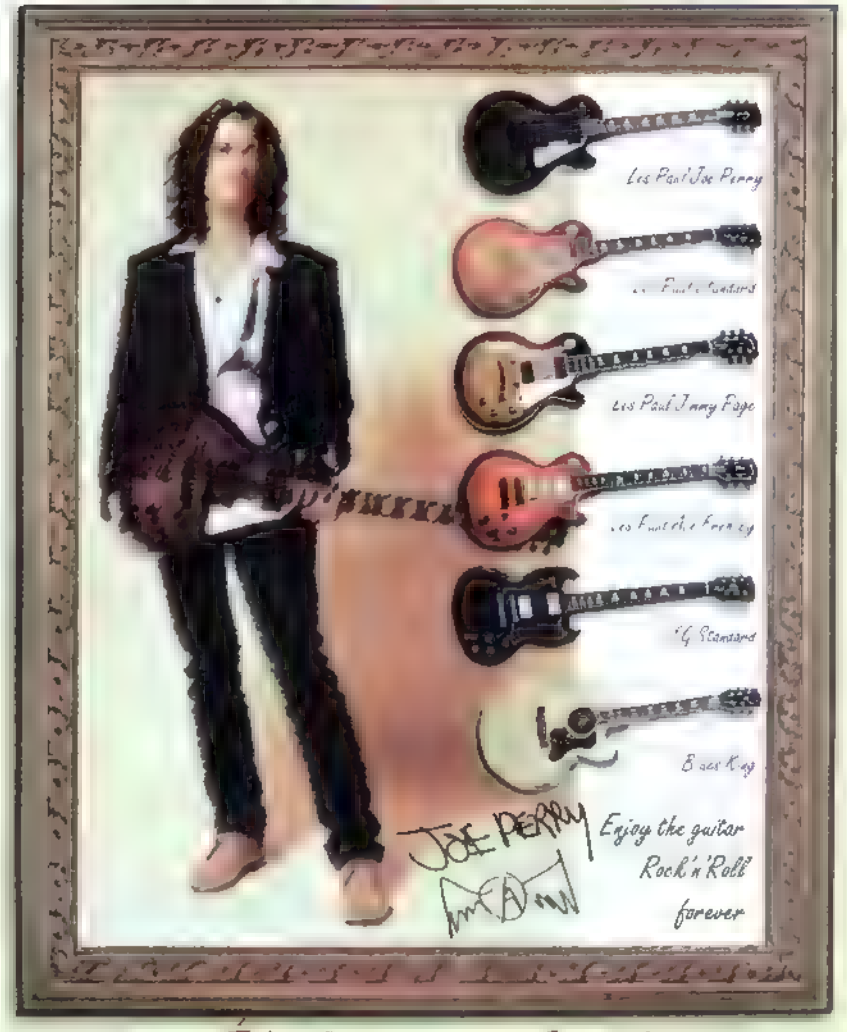
Doce criança, a tempo você verá a linha
Desenhada entre o que é bom e mau
Verá o cego atirando contra o mundo
Balas voando e cobrando
Se você foi mau Oh Deus, eu aposto que foi
E não foi atingido pelo chumbo que voa
É melhor fechar os olhos
Abaixar a cabeça
E esperar o ricochete

© B. Feldman & Co. Ltd./EMI Music Publishing Limited

Paice, Lord (de bigode), Glover, Gillan e Blackmore: o clássico Purple dos anos 70

"Child In Time" é uma das canções mais famosas do disco *Deep Purple In Rock*, de 1970, quando a banda britânica de hard rock contava com sua mais famosa formação: Ian Gillan (voz), Ritchie Blackmore (guitarra), Jon Lord (teclados), Roger Glover (baixo) e Ian Paice (bateria). A música – que leva a assinatura dos cinco, quase uma regra para o Purple na época – tem como tema a Guerra Fria, período após a Segunda Guerra Mundial (1939-45) em que blocos de países comunistas, liderados pela então União Soviética, e capitalistas, sob o comando dos Estados Unidos, viveram momentos de relações tensas. Apesar de ser um dos clássicos do quinteto, com uma das mais famosas frases de teclado de Jon Lord, hoje em dia raramente "Child In Time" é tocada ao vivo. "Ela soa datada, a Guerra Fria já acabou há tanto tempo... Na verdade, também não aguento mais cantá-la", costuma dizer Gillan. A letra inclui um trocadilho algo mórbido: *bullets flying taking toll* também significa "balas voando e contando os mortos". Após algumas idas e vindas, o Deep Purple se estabilizou em 1996 com uma formação bem próxima da clássica, que tem o virtuoso Steve Morse no lugar de Ritchie Blackmore. Completando este ano três décadas de atividades, o quinteto – que já passou duas vezes pelo Brasil, uma com o cantor Joe Lynn Turner no lugar de Gillan, em 1992, e outra com a formação atual, no ano passado – lançou disco novo, *Abandon*, e está em turnê pela Europa.

Gibson USA



É fácil comprar sua Gibson!
Ligue já e consulte preços, forma de pagamento...

BIG FAT
TEL. (021) 236-7168 236-3280

FAST BRASIL
TEL.:(011) 3064-1109 240-6418

SANTOS SP
TEL.:(013) 225-4660

P.A. INSTRUMENTOS MUSICAIS
RUA TEODORO SAMPAIO, 770
TEL.:(011) 3061-0404
P.A. ABC R. Alvarez de Azevedo, 166 Centro Santo André SP
TEL.:(011) 444-5877

SEPULTURA
AGAINST
JÁ A VENDA
EM CD
ROADRUNNER

Bem que se Kiss

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

Os mascarados do rock voltam, com formação original, para fazer a festa dos fãs – e de mais ninguém

KISS
Psycho-Circus
Mercury/PolyGram

Finalmente a notícia. Passados quase vinte anos, o Kiss grava um disco de canções inéditas em sua formação original. Os quase cinquentões Paul Stanley (voz e guitarra), Gene Simmons (voz e baixo), Ace Frehley (guitarra e voz) e Peter Criss (bateria e voz). Após todo o frisson causado pela turnê mundial de reunião do grupo, há dois anos, infelizmente não se pode dizer que o disco preenche todas as expectativas, já que os quatro marqueteiros falavam em alcançar o nível do *Destroyer*, clássico LP de 1976.

Não é difícil verificar por que, muito dos méritos de Ace e Peter, Paul e Gene que ficaram na banda durante todos esses anos – estavam acostumados a gravar com músicos mais técnicos e obedientes como a eficiente dobradinha Bruce Kulick (guitarra) – Eric Singer (bateria) dispensado com a volta dos veteranos. O resultado é um disco hábido em que se pode reconhecer o Kiss estilo MTV dos anos 80, nas épicas "Psycho Circus" e "Raise Your Glasses", tentativas de retomar a aura da década de 70, e até uma celebração no estilo da recente "God Gave Rock n Roll To You", do disco *Revenge* (de 1992), chamada "You Wanted The Best". Tem até baladinha na voz de Criss – "I Finally Found My Way", nos moldes de "Beth", um dos maiores sucessos do quarteto. Mas não é a mesma coisa. De positivo, os bons refrãos de sempre, a produção impecável e a guitarra esperta de Frehley. Os fãs certamente não vão se queixar.

Bernardo Araujo Nota 6

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista

THE OFFSPRING
Americana
Sony Music

Punks misturam Morris Albert e Def Leppard

O mercado americano pode estar meio alheio ao som pesado, mas The Offspring está pouco se importando. Seu quinto álbum, *Americana*, explora com sucesso a mistura musical dos discos anteriores, *Smash* e *Ixnay On The Hombre*: a energia do punk com toques de pop.

As músicas puramente punk, como "Have You Ever" e "No Brakes", continuam com as batidas rápidas e as guitarras pesadonas. Já as faixas mais pop, como "Why Don't You Get A Job?" e "She's Got Issues" mantêm os andamentos balançantes e as letras divertidas. Nessa linha, o grupo também faz uma versão punk de "Feelings", o hit dos anos 70 cometido por Morris Albert (o brasileiro Maurício Alberto). E há também, faixas híbridas pop punk, receitas animadinhas de refrão contagiante que renderam aos californianos boa parte da fama de que desfrutam. Os ótimos resultados são realçados pela crueza sonora elaborada pelo produtor Dave Jerden (Alice In Chains, Anthrax) que já havia produzido o álbum anterior *Ixnay On The Hombre*.

Uma curiosidade: a introdução vocal de "Pretty Fly (For A White Guy)", primeiro single do disco, vem da música "Rock Of Ages", gravada pelo grupo inglês Def Leppard no álbum *Pyromania*, de 1983.

Daniel Oliveira Nota 6

NOCA DA PORTELA
Samba Verdadeiro
Bahamas/RDS

Punhado de jóias do caçula dos bambas

Aos 65 anos, comemorando 50 de carreira vitoriosa em carnavais da escola Paraíso do Tuiuti e da azul-e-branca de Oswaldo Cruz (Madureira, Rio), o mineiro Oswaldo Alves Pereira pode ser considerado o "menino" da Velha Guarda. Malandro, ele ainda consegue emplacar sucessos no samba geração 90, caso de "Coração" gravado por Wander Pires.

Neste que é seu único disco, porém, as letras nem sempre acertam. Autor de clássicos do samba politizado como "Virada" (um estouro na voz de Beth Carvalho), Noca se obriga a cantar versos de uma lira um tanto quanto pesada. No romantismo também resvala no nhenhenhém vigente no pagode.

Musicalmente, no entanto, está quase tudo certo. Apoiado nos violões de Josimar Monteiro (também produtor e arranjador do disco) e no cavaco de Márcio Wanderley, o repertório tem jóias que valem o investimento. A saber: "Ala Das Baianas", "Coração Azul E Branco" (homenagem à Portela, claro) e a desencapada "Na Glória", que, impagável, rima Detran com sutiã e outros balangandãs.

O destaque absoluto: "Amor No Veneno" (parceria de Noca com Toninho Nascimento), traz toques de modernidade, mas é daqueles sambas que não se faz bem em toda safra: "Não tem mais roupa na corda. Acabou a agonia. Lugar de roupa suja é na lavanderia. Te dei ajuda de custo. Pra perfumaria. E operação no busto. Que já caía (...) Quero de volta. O que investi em você".

Pedro Só Nota 7

Além da imaginação

MARILYN MANSON
Mechanical Animals
Universal

Ninguém pode dizer que Marilyn Manson, ou rei Omega, como ele acaba de se reinventar, é apenas um oportunista escolado na tradição do showbusiness em permitir o sucesso à base de choque. É verdade que ele (Brian Warner, 29 anos) abusou da vocação fetichista de todo roqueiro adolescente ao se lançar com uma maquiagem, um figurino e um vocabulário concebidos para causar efeito (vide *Antichrist Superstar*, 1996). E é igualmente certo que aquela mixórdia toda, fundindo rock industrial, freak show, sadomasoquismo e "glam-gótico", funcionou a ponto de transformá-lo na maior sensação do rock em muitos anos, tese que ele comprovou em seu *pit stop* no Brasil para show único em São Paulo, o ano passado. Daí a expectativa em torno do novo álbum, que estreou em primeiro lugar na parada americana. Ao redesenhar sua imagem, Manson (agora mais Marilyn, como ele mesmo diz) continua alimentando o imaginário dos fãs, incapazes de decifrá-lo. Só que a música que ele faz mudou junto – e o ouvinte saiu perdendo. A idéia toda do disco é complexa: antes abstêmio de emoções, seu personagem agora afoga-se nelas. Já o som fracassa ao tentar seguir essa ambiciosa guinada. Dá para dividir o álbum em dois tipos de faixa. Metade excita, metade chateia. Vai do gosto do freguês decidir em qual delas Manson se sai melhor.

Celso Masson Nota 7

Marilyn Manson: rock, marketing e bizarrices

MAURÍCIO MANIERI
A Noite Inteira
Abril Music

Rhythm & blues brasileiro em estréia de nível

O paulista Maurício Manieri foi batizado musicalmente no extinto grupo [illegible]. Agora, estréia em CD solo em que poucas idéias são realmente originais. Nem precisavam ser. Bebendo assumidamente na inesgotável fonte da black music americana, ele recicla, pelas mãos do produtor Dudu Marote, bem Kool And The Gang, Emotions, Commodores e outros bambas.

Baixo estalando, belas harmonias vocais, metais e teclados vibrantes ganham o ouvinte logo aos primeiros acordes. Manieri capricha em ótimos refrãos – simples e eficientes – e na métrica para encaixá-los ritmicamente com precisão. Até a metade do disco, "Minha Menina", "Bota Pra Mexer", "Ela E Eu", "Festa Na Casa Do Edmundo" e "A Noite Inteira" são convite à festa e formam entre as melhores produções do funk verde-e-amarelo dos últimos tempos.

Aí bate a (dispensável) necessidade de provar-se também como bom intérprete e descendente da dinastia Tim Maia, e o trabalho desanda. "Telefone", sucesso na voz de Tim, só perde na inevitável comparação. "Pensando Em Você", "Te Quero Tanto" e "Bem Querer" formam uma apenas razoável trinca rhythm & blues. Quando tenta retomar o embalo, Manieri vem com o insosso pop reggae "O Pesadelo". Uma pena, pois no conjunto a súbita mudança de rumo estraga *A Noite Inteira*.

Carlos Eduardo Oliveira Nota 7

THE CARDIGANS
Gran Turismo
PolyGram

Suecos substituem o pop digestivo pelo eletrônico

The Cardigans retorna sepultando seu passado pop, trocado por ritmos eletrônicos. Em *Gran Turismo*, tudo passa pela estética minimalista das [illegible], mas sem o charme da inocência, até o encarte do CD bem é frio. O som procura a modernidade aproximando-se do trip hop do Portishead e em alguns momentos até consegue, ajudado pela doce voz da cantora Nina Person. No geral, os andamentos vagarosos das canções acabam deixando saudades de gracinhas pop, como "Lovefool" (grande hit do grupo). Uma exceção é "Nil", instrumental com piano muito bem tocado. Destaque também para a balada "Higher", meio sufocada entre a gororoba eletrônica. Com Madonna e Gwen Stefani (do No Doubt) tingindo seus cabelos de preto, Nina poderia reclamar o posto de princesa platinada do pop. Poderia.

Letícia Calmon Nota 6

Mistura fina

ZÉLIA DUNCAN
Acesso
WEA

Dentre as cantoras pop de sua geração, Zélia pode ser considerada única: além de cantar bem, não apela para modismos, sensacionalismos ou sexualismos. Este terceiro CD (sem contar o que lançou assinando Zélia Cristina) talvez seja seu melhor. Certamente é o mais diversificado, com influências de blues, funk, soul, R&B, dance. Quem só a conhece como intérprete ("Catedral", de Tanita Tikaram, "Lá Vou Eu", de Rita Lee) vai adorar "Quase Sem Querer", em arranjo acústico melhor que o original da Legião Urbana, e um presente de Itamar Assumpção, "Código De Acesso" (com participação do Uakti, o grande grupo mineiro de percussão melódica). O resto do repertório, assinado pela própria Zélia e por Christiaan Oyens, tem como pontos altos as baladas funk "Haja" e "Depois Do Perigo", a tecno "Sexo" e a folk "Às Vezes Nunca".

Ayrton Mugnaini Jr. Nota 8

Íntimo e pessoal

Comparado com *Intimidade*, seu trabalho anterior, o rol de influências de Acesso cresceu bastante...
A sonoridade está mais aberta. Isso se deve ao que eu e o Christiaan Oyens (*produtor*) temos ouvido nos últimos dois anos: Ben Harper, Brand New Heavies, Morcheeba, Beck, Massive Attack...

Nos shows, você vinha cantando uma versão voz/violão de "Quase Sem Querer", da Legião Urbana. Por que gravá-la com um arranjo completamente diferente agora?
É uma das músicas da Legião Urbana que mais gosto. Agora que registrei a maneira ideal de tocá-la, resolvi mudar o arranjo. Me senti à vontade para isso. Tenho muita intimidade com os trabalhos do grupo, em especial com esta faixa, que canto desde 1987, quando ainda tinha o nome artístico de Zélia Cristina. Pra ser sincera, ela ficou muito melhor assim.

Como definiria suas letras?
Diretas, simples e objetivas. Por isso a afinidade do meu público. Ele sente que poderia perfeitamente escrever o que estou cantando.

Você diria que elas estão se tornando autobiográficas?
As letras saem de acordo com o que estou vivendo. Mas não quer dizer que vivi tudo aquilo que está escrito, muitas vezes estou apenas expressando opiniões e pontos de vista.

Vários Metal

Os fãs de música pesada que não se contentaram com a barulheira do Slayer (tachado de "vendido" pelos mais radicais), atração principal do último festival Monsters Of Rock, podem fazer a festa. Grupos com poder de fogo semelhante ao do quarteto californiano aparecem em relançamentos nacionais. A gravadora Roadrunner acaba de colocar nas prateleiras quatro CDs do **OBITUARY, Slowly We Rot, Cause Of Death, The End Complete** e **World Demise**, com o melhor do death metal do grupo da Flórida. Também integram o pacote o thrash metal do **ANNIHILATOR (Alice In Hell e Never, Neverland), CANNIBAL CORPSE, ARKANGEL** e o satanismo de araque do **DEICIDE**. De novidade apenas o grupo veterano **MERCYFUL FATE**, que em **Dead Again** confirma a ótima fase por que passam o cantor King Diamond, o guitarrista Hank Shermann e seus asseclas.
Bernardo Araujo

BRUCE DICKINSON
The Chemical Wedding
Air Raid Records/Paradoxx

Uma grande voz do heavy metal em CD inspirado

Cantor do Iron Maiden em sua fase de maior sucesso, Bruce mais uma vez está lançando um ótimo disco – bem diferente do som atual do quinteto inglês. Ele tem reafirmado que seu estilo é o heavy metal clássico. E é isso o que se ouve neste CD: as guitarras de Adrian Smith (outro ex-Maiden) e do igualmente competente Roy Z, somadas ao sempre seguro registro de Bruce. A mistura, abrilhantada pela produção de Roy – que inclui cordas e arranjos sofisticados –, lembra o Iron dos bons tempos ("The Tower") ou a própria fase solo do vocalista. Conceitual, o disco versa sobre alquimia e tem letras inspiradas na obra do poeta e pintor inglês William Blake (1757-1827).
B.A. Nota 5

DJAVAN
Bicho Solto XIII
Sony Music

Craque da MPB cruza ritmos com sabedoria

Djavan é absoluto. Compositor talentoso, intérprete ímpar, *band leader* por natureza. O tímido alagoano desfruta os prazeres a que só os gênios têm acesso: pode fazer o que quiser a cada disco novo sem medo de escorregar.

Bicho Solto XIII traz o Djavan genial de sempre, mistura irresistível de feijão-de-corda com pimenta cajun de New Orleans. "Atitude", "Tão Raro" e "Eu Te Devoro" (esta inspirada na declaração de Caetano Veloso sobre Leonardo DiCaprio) são a cara dele. Já "Be Fair" traz o cantor dando voz a uma composição de sua filha, a bela Flavia Virgínia, que em breve lança seu disco de estréia. A única pisada é "A Carta", improvável parceria de Djavan e Gabriel, O Pensador. Não carecia.
Hélio Gomes Nota 5

TOM ZÉ
20 Preferidas
RGE/Replay

reedição

Clássicos e novidades do genial tropicalista

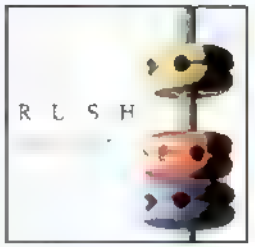
Um exemplo didático de que não se deve julgar disco pela capa: aparentemente uma simples coletânea, este CD inclui todo o segundo LP do gênio de Irará, de 1970, mais raridades de 1969 a 1971. Ou seja: sucessos como "Jetinho Dela" e "Irene" (de Caetano) e pérolas obscuras como "O Riso E A Faca" e "Escolinha De Robô".

Entre o repertório recuperado destacam-se "Sr. Cidadão", "Bola Pra Frente" (o hoje esquecido lado-B de "Jetinho Dela") e "Feitiço". De contrapeso, duas belas faixas ("Navemaria" e "Mestre-Sala") de *Bandanço*, disco de 1984 que merece e aguarda reedição na íntegra em CD. Oxalá a espera não seja longa, ao contrário de artistas bem menos relevantes. Tom Zé costuma ter sua obra jogada para escanteio por décadas a fio.
Ayrton Mugnaini Jr. Nota 5

ANGRA
Fireworks
Paradoxx

Quinteto heavy paulistano mostra competência

O CD *Holy Land* (1996) foi uma tentativa do Angra de se aproximar de ritmos brasileiros. A mistura das virtuosas guitarras de Kiko Loureiro e Rafael Bittencourt com a voz operística de André Matos e batucadas diversas ficou interessante, mas não foi aprovada pelos fãs. Então, eis a rapaziada de volta ao puro metal melódico de suas origens. Desta vez, a voz de Matos e os teclados ficam mais evidentes, acima da distorção das guitarras, possivelmente numa tentativa de tornar o som mais acessível. Os adeptos do gênero não terão o que reclamar de "Wings Of Reality", "Lisbon" ou "Metal Icarus". O Angra continua a esbanjar técnica, mas o resultado ainda soa um pouco lugar-comum.
B.A. Nota 7



RUSH
Different Stages
Atlantic/Continental

Virtuoses do rock em CD triplo ao vivo

Formado há exatos 30 anos, o Rush dos últimos tempos parece estar em recesso criativo, mais disposto a fazer balanços: antecedido pelas coletâneas *Retrospective I* e *II*, sai agora o ao vivo *Different Stages*.

Trata-se de um CD triplo com o supra-sumo das composições do trio canadense – formado pelo baixista/tecladista Geddy Lee, o baterista/letrista Neil Peart e o guitarrista Alex Lifeson. Os dois primeiros discos trazem material selecionado durante as duas últimas turnês (*Counterparts* e *Test For Echo*). Já o último é inteiramente dedicado a um show de 1978, gravado no templo Hammersmith Odeon, em Londres, durante a turnê do antológico *A Farewell To Kings*.

Tanto as músicas como as performances mostram uma impressionante coesão artística. Quem não consegue engolir a voz esganiçada do baixista e vocalista Geddy Lee e os virtuosismos progressivos do trio não vai ser convertido a essa altura do campeonato. Para quem gosta, porém, *Different Stages* serve como um agradável passeio pelos corredores de uma das mais tradicionais instituições do rock.
Vitor Paolozzi Nota 5

SEMISONIC
Feeling Strangely Fine
MCA/Universal Music

Talento consistente da nova geração americana

Entre as novidades do rock lançadas pelas rádios universitárias americanas, a linha divisória entre inventividade e puro comercialismo é muito sutil. Mas o grupo Semisonic não prega sustos.

Feeling Strangely Fine ratifica a promessa do disco anterior (o elogiado *Great Divide*) com uma formada de singelas criações pop incomuns entre as bandas alternativas. Apoiado em belas harmonias vocais, o trio liderado pelo cantor e guitarrista Dan Wilson constrói arranjos criativos – sem grandes virtuosismos, mas com uma diversidade rara.

As letras de Wilson também mantêm o nível, abordando com originalidade as mazelas de relacionamentos amorosos e refletindo sobre o oba-oba dos mitos da Costa Oeste dos EUA (em "California").

Mesmo impregnado de alguma melancolia, trata-se de um trabalho contagiante. O ouvinte é capturado já a partir da faixa de abertura: "Closing Time" é sucesso em FMs brasileiras do segmento rock. Faixas como "Made To Last" e "Never Your Mind" também poderiam facilmente ser hits.
Carlos Eduardo Oliveira Nota 7

Três acordes em traje de gala

TITÃS
Volume 2
WEA

Na cola do brutal sucesso de *Acústico*, só podia rolar um *Volume 2*, com bis do produtor Liminha (co-autor, com o grupo, dos arranjos) e uma ficha técnica estufada de participações especiais: do maestro favorito de Björk, Eumir Deodato (cordas e metais em "Eu E Ela" e "Miséria"), à Fat Family (vocal na cover glicosada de "É Preciso Saber Viver", da dupla Roberto/Erasmo), passando pela garra de Flavio Guimarães (Blues Etílicos), os teclados de William Magalhães e ainda cordas e metais. Mais que acústico, é sinfônico. A orquestração é usada para realçar os três acordes básicos do faça-você-mesmo. O que soava rascunho, sujo, podreira ("Lugar Nenhum", "Desordem") veste casaca *mainstream* para rodar na sala de jantar.

É a escala natural do capital, diria Marx. Mas plantar trompetinho à "Penny Lanne" (clássico *beatle*) em "Caras Como Eu" soa mais retrô que "Sonífera Ilha" sob sopros à Henry Mancini, o mesmo valendo para a desbotada "Toda Cor" solada ao violino. A salada de estilos conduz a um impasse auto-anulável. Só a consistência autoral do grupo segura a onda, reforçada pelo *crossover* do samba de breque ("Senhor Delegado") com o punk da periferia ("Eu Não Aguento"). Próxima atração: volta ao básico.
Tárik de Souza Nota 5

Os Titãs tentam repetir o que deu certo em *Acústico*

Courtney Love conta sua história de ambição em *Celebrity Skin*

O triunfo da impunidade

HOLE
Celebrity Skin
DGC/Universal Music

Há dez anos, quando fundou o Hole, Courtney Love era uma jovem feia, junkie e sem talento musical a se esgoelar em rocks ruins. Nem a boa produção salvava o á bum de estréia de seu grupo. Pouco depois, casou com Kurt Cobain, com quem desenvolveu um relacionamento neurótico. Tornou heroína durante a gravidez, abandonou Kurt uma semana antes de ele se suicidar e, em 1994, outros sete dias após sua morte, lançou *Live Through This*, bela coleção de rocks explosivos (que tiveram a mão do falecido como *ghost writer*). De lá para cá, fez plásticas, ficou bonita, tornou-se uma elogiada atriz e até teve chance de se redimir como mãe. Agora, novamente com ajuda externa (de Billy Corgan, dos Smashing Pumpkins), reaparece em outro disco. Mais pop e limpo, o que combinaria com a atual imagem glamourosa de Courtney, o CD fala da sordidez do show business, de sua obsessão por beleza e do vazio das drogas que envolvem seus personagens. É... Chegou a hora de a viúva vender sua história. Ela (a história) é boa. *Celebrity Skin* também é bom. Mas ambos podem ter um gosto amargo para quem se importa com um pobre diabo que se matou em 1994.

Pedro Só Nota 8

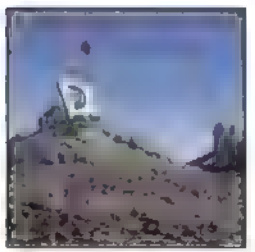
MANSUN
Six
EMI Music - IMPORTADO

Pretensiosa ópera rock que dividiu a crítica inglesa

Na Inglaterra, este álbum dividiu a crítica em dois campos. Uns acham que é um trabalho pretensioso, dispersivo e chato. Outros o classificam como uma obra-prima que irá salvar o rock britânico da atual onda retrô. Na verdade, o Mansun conseguiu colocar em xeque a postura da crítica em relação ao rock progressivo em plenos anos 90. Six é cheio de temas longos repletos de descaminhos e subdivididos em duas ou até três partes cada um. Em pauta, experimentalismos com texturas, planos, climas idas e vindas que parecem inspirados em viagens lisérgicas.

Ao invés de optar pelo caminho seguro de um álbum conciso e maduro na linha da elogiada estréia em *Attack Of The Grey Latern*, o Mansun tentou surpreender com uma inesperada ópera-rock glam. É um trabalho desigual – junta poucas ideias legais a demasiados momentos enfastiantes. O time é afiado e conta com um guitarrista-revelação, Dominic Chad. Mas as glórias (e os insultos) cabem ao talentoso Paul Draper, cantor, compositor, produtor e líder da polêmica trupe.

Thomas Pappon Nota 6



VÁRIOS
Fot The Masses
A&M/PolyGram

Homenagem ao grupo tecnopop Depeche Mode

Não que este tributo aos heróis do pop eletrônico seja desprezível e mereça ser esculhambado. O problema é que ele não resiste à pergunta básica: as versões são melhores que os originais? Os fãs da banda inglesa vão considerar assassinato o que foi cometido com algumas músicas e, nos casos mais bem-sucedidos, apenas interessantes variações. The Cure é uma decepção tocando "World In My Eyes" – aproveitou a deixa para aventurar-se na praia techno e escorregou feio. Já o Smashing Pumpkins conseguiu uma "Never Let Me Down" despojada, apenas com guitarra, baixo e bateria, bem ao seu estilo atual. As demais dezesseis faixas são loteadas entre um elenco pouco expressivo: Apollo Four Forty, Dishwalla, Hooverphonic, Locust, Self, Gus Gus, Deftones e Rammstein, entre outros coadjuvantes. Ironicamente, a maior (e involuntária) contribuição do disco é provar por A mais B que não basta apertar uns botõezinhos pra fazer música eletrônica. Por comparação, vê-se que não é pequeno o talento do Depeche Mode para domesticar sintetizadores e outras traquitanas *high-tech*.

Vitor Paolozzi Nota 6

SLOAN
Navy Blues
Murderecords - IMPORTADO

Rapazes do Canadá brincam de Beatles

Eles começaram fazendo barulho e melodia, mas, agora, no quarto álbum, ficaram só com a melodia. Duas guitarras, pianos e aquele toque beatle explorando o lado rock. Pode-se acusá-los de derivados do som já derivativo de grupos como o setentista Badfinger (apadrinhado pelos Beatles nos anos 70), mas seus rocks são ao mesmo tempo intimistas e animados. A produção retrô, com bateria "frontal", só reaça a vibração.

P.S. Nota 8

ROB ZOMBIE
Hellbilly Deluxe
DGC/BMG

Álbum solo repete o metal singular do White Zombie

Oficialmente, o grupo acabou. Tecnicamente, metade dos seus integrantes - o cantor Rob e o baterista John Tempesta – está no disco solo de estréia de Rob. Todo o clima do White Zombie está aqui: a voz cavernosa e cheia de efeitos, as batidas eletrônicas e os ruídos. Só nas referências a filmes de terror B a coisa mudou. Elas agora são 100 por cento das letras e do último encarte.

Bernardo Araujo Nota 7

GILBERTO GIL
O Sol De Oslo
Pau Brasil/Eldorado

Novas alternativas para a world music

Gravado na Noruega com o tecladista local Bugge Wesseltoft, o percussionista indiano Trilok Gurtu e os brasileiros Rodolfo Stroeter (baixo e produção), Marlui Miranda (voz, violão) e Tomnho Ferragutti (acordeon), *O Sol De Oslo* dinamita o habitual conceito de world music. Flerta com o folclore sem ser macumba para turista. A picotada "Tata Engenho Novo", música de domínio público, deixa muito rap na poeira. E há repescagens de Jackson do Pandeiro ("17 Na Corrente"), da genética tropicalista ("Língua Do Pé") e do acento rural de um gênio da bossa, o Moacir Santos de "Ciranda". Elogios ao ingênuo ("Xote", "Onde O Xaxado Tá") ganham tecnologia dissonante que equilibra o CD entre a raiz casca grossa e o fruto híbrido. Gil se reinventa.

Tárik de Souza Nota 8

O Cascabulho mexe e remexe com a tradição

Mangroove Records

O antigo e o moderno em convite ao sacolejo

CASCABULHO
Fome Dá Dor De Cabeça
Mangroove Records

A grande virtude do grupo pernambucano é assumir o forró com identidade roqueira, ainda que suas composições sejam bastante tradicionais. "Vovó Alaíde" é um "pé-de-serra" que poderia ter sido feito há décadas. Mas o CD vai rolando e percebe-se que até as faixas de autores da velha guarda acomodam guitarras ou colagens de outros ritmos acoplados. "Vendedor De Amendoim (Fome Dá Dor De Cabeça)" sintetiza a contribuição do Cascabulho à MPopB atual.

A inspiração da banda liderada pelo cantor Silvério também privilegia a música de folguedos ("Vai Ter Sambada", "Casa De Farinha Tem Forró Na Noite", "Em Qualquer Terreiro A Poeira Se Alevanta"). Mas sem a ingenuidade retomar essa cultura hoje e reproduzi-la com "pureza". Indo do tradicional ao moderno sem tropeços, *Fome Dá Dor De Cabeça* é um convite irresistível ao sacolejo.

Danilo Monteiro Nota 9

Forró tradicional em versão contemporânea

Vocês receiam ser chamados de saudosistas por tocar forró tradicional com poucas interferências atuais?

Silvério – O forró "pé-de-serra" é mais a cara do Mestre Ambrósio. Nós fazemos forró de terreiro, com mais influência africana. Mas há um pouco de saudosismo, sim.

"Vendedor De Amendoim" é uma música que indica os próximos passos do grupo? Talvez, pois ela mexe com samba de morro encontrando uma coisa dibernética dos instrumentos eletrônicos, que gostamos de usar, sempre na medida certa.

Como vocês escolheram a parte do repertório que é composta por outros autores?

"Xodó De Santoneiro", "Balanço de Maria" e "17 Na Corrente" foram gravadas por Jackson do Pandeiro, mas achávamos que tinham sido pouco exploradas. "A Mulher De Manê Amaro" é de Dêo do Baião, um coquista (*tocador de coco*) endiabrado lá de Recife do qual gostamos muito. Ele faleceu há dois anos e é pouco conhecido do grande público. E cedemos uma faixa a Zé Neguinho do Coco. Já o conhecíamos de festas de terreiro. Quando o levamos ao Abril Pro Rock (*festival pop realizado anualmente em Recife*) no ano passado, ele foi o maior sucesso.

Porre de felicidade

reedição

CIRO MONTEIRO
De Vinicius E Baden Especialmente Para Ciro Monteiro
Elenco/PolyGram

Este disco é um presente. Em 1965, Vinicius de Moraes encontrou o violonista Baden Powell em Paris, e, num porre, fez com ele nove sambas para Ciro Monteiro (1913-1973), que considerava, muito justamente, o maior cantor brasileiro de todos os tempos, junto com João Gilberto. Dois desses sambas, "Deixa" e "Formosa", viraram clássicos do repertório do Formigão (apelido de Ciro). Mas talvez a maior maravilha do CD (*disponível só pelo MusiClub – informações pelo tel. 011/3037-2600*) seja "Alô João", de Baden e Ciro, com caixa de fósforo no breque, violão e trombone geniais a serpentear os versos. "O telefone às vezes nos faz mal/ E sem querer acaba uma paixão/ Eu me chamo Zé, pois é/ Fiz a ligação/ E ela disse: 'Alô, João'"

A voz de Ciro já estava mais grave, após anos de tuberculose e sucessivas operações que lhe custaram seis costelas e quase uma década (a de 50) fora de cena. Notadas mil de boemia atraindo "lebres" para o aconchego no "edredom marrom" (para usar deliciosas expressões dele mesmo) deu seu abraço cobraram caro da saúde. Mas a genialidade em síncopes e divisões era a mesma dos sucessos da primeira fase da carreira ("Se Acaso Você Chegasse", de Lupicínio, foi o primeiro, em 1938, depois viriam "Os Quindins De Iaiá", de Ari Barroso, "Escurinho" e "Falsa Baiana", de Geraldo Pereira, "Boogie-woogie Na Favela", de Denis Brean).

Pedro Só Nota 9

OASIS
The Masterplan
Sony Music

Coletânea de lados B surpreende pela qualidade

Esqueça o enjoativo *Be Here Now*: o Oasis reaparece muito melhor em *The Masterplan*. É um disco com o dedo dos fãs, que escolheram o repertório via Internet. A partir da abertura fuscante com "Aquiesce", o que aparentemente seria mais um repetitivo balaio de sobras obscuras e lados B desprestigiados virou um Frankenstein do bem – é desde já um dos melhores trabalhos do grupo inglês. Como o título ("o plano de mestre") sugere, parece desenhar um todo: primeiro, descarta obviedades (os eflúvios de Lennon & MacCartney se fazem bem menos perceptíveis) através de uma vitaminica variação de climas e ritmos; depois, revela um Noel Gallagher mais reflexivo, que parece ter guardado seus escritos mais pessoais sobre solidão e idade ("sou mais velho do que gostaria", lamenta em "Rockin' Chair") para depois da farra. Por último, mostra ele e o *brother* Liam revezando-se igualmente nos vocais. Poucas vezes o Oasis ecoou tão pesado, "sujo" e exercitando microfonias como em "Fade Away", "Swamp Song" – esta ao vivo, assim como "I'm The Walrus", dos Beatles –, "It's Good (To Be Free)" e "Headshriver". Baladas arrasa-quarteirão do calibre de "Talk Tonight" e "Going Nowhere" (com belo arranjo de cordas) deixam no chinelo qualquer similar anterior. Com tão redentora e saudável volta à garagem, dá até pra perdoar os shows meia-boca que o quinteto costuma fazer.

Carlos Eduardo Oliveira Nota 9

VÁRIOS
O Balaio Do Sampaio
MZA/PolyGram

Justa homenagem a um tenente atemporal da MPB

Maldito de cracha, Sérgio Sampaio botou seu bloco na rua em plena ditadura militar para depois decolar para a fama numa versão *trash* do manifesto *Tropicália*, o álbum coletivo *Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão Dos 10* (1971), o lado de Raul Seixas, Miriam Batucada e do *underground glitter* Edy Star. Dispersou a carreira nos bares do Baixo Leblon é verdade – mas deixou uma obra incômoda e atemporal, recuperada neste tributo organizado pelo letrista Sérgio Natureza. Com exceção de Erba Ramalho, que instalou excessiva pitba carnavalesca incompatível ao único hit de Sampaio ("Eu Quero É Botar Meu Bloco Na Rua", grande êxito radiofônico nos anos 70), quase todos os colaboradores têm sintonia fina com as respectivas faixas – da óbvia quebrada do samba de João Nogueira ("Até Outro Dia") ao Erasmo Carlos baladeiro de "Feminino Coração De Deus". Outros exbanidos como Jards Macalé ("Vento Bandido") e Luis Melodia ("Cala A Boca, Zé Bedeu") estão tão à vontade quanto Zizi Possi ("Meu Pobre Blues") e o sambista João Bosco ("Rosa Purpura De Cubatão"). Ex-guitarrista de Sampaio, Renato Piau encara um clássico marginal (o fox "Que Loucura"), chama que o trio de emergentes dos destroços da MPB – Lenine ("Pavio Do Destino"), Chico César ("Em Nome De Deus") e Zeca Baleiro ("Tem Que Acontecer") – tira de letra.

Tárik de Souza Nota 7

LIZ PHAIR
Whitechocolatespaceegg
Matador/Capitol – IMPORTADO

Revelação alternativa sofre "síndrome do terceiro disco"

Quando apareceu, há cinco anos com *Exile On Guyville* (uma resposta feminista a *Exile On Main Street*, dos Rolling Stones), Liz Phair se tornou a promessa da hora. Dona de forte personalidade, enxertava novos sopros ao rock'n roll, coisa que o posterior *Whip-Smart* (1994, só ressaltou. Aí parou para ter bebê, reaparecendo agora.

A maternidade parece ter caído melhor à mulher do que à artista. Liz volta amansada. Sua música, outrora rock áspero e melódico, enveredou por melodias comerciais ("Love Is Nothing"), baladinhas ("Only Son") ou hard rock previsível ("Big Tall Man"). Os bons momentos são os que fogem do trivial: "Perfect World", a virtuosa "Girls' Room", "Headache" e "Baby Got Going".

Pedro Alexandre Sanches Nota 6

PRIMUS
Rhinoplasty
Interscope/Universal

Virtuosismo à la anos 90 em álbum de covers

O Primus é uma daquelas bandas que muita gente fala mal. Nem sempre sem razão. Les Claypool (baixo e voz), Larry LaLonde (guitarra) e Brain (bateria) costumam usar toda a habilidade com os instrumentos para complicar ao máximo as canções. Les ainda canta letras sem sentido que acha engraçadas. Logo, é curioso ouvir o trio fazendo o que lhe dá na veneta em canções como "The Family And The Fishing Net", de Peter Gabriel, "Behind My Camel", obscura faixa de *Zenyatta Mondatta*, do Police, e a furiosa "The Thing That Should Not Be", do Metallica, regravada à semelhança do original – Claypool até se esforça para cantar parecido com James Hetfield. O CD inclui duas faixas ao vivo. "Tommy The Cat" e "Bob's Party Time Lounge". *Bernardo Araujo* Nota 6

CHEMICAL BROTHERS
Brothers Gonna Work It Out
Freestyle Dust – IMPORTADO

Convidados remixam dupla inglesa de techno

Outro disco do Chemical Brothers? Tão rápido assim? A explicação está no finzinho do encarte: "O fato de não existir nenhuma gravação nova é evidência de que a mixagem pode ser atemporal". De fato, com esta coleção, a dupla prova o que inocentes como os Pet Shop Boys e pretensiosos como o New Order já tentavam expressar há tempos: o milagre da multiplicação dos remixes.

Aqui, convidados da dupla traduzem lindamente seu som. A versão do Spiritualized para "I Think I'm In Love" vai ficar para sempre. O mesmo se aplica a "Mars Need Women" do Meat Beat Manifesto e "Morning Lemon", revisitada pelo próprio Chemical. Qualquer um que sugira melhor tradução para o adjetivo *refreshing* do que "refrescante" vai entender melhor o valor deste CD.

Zeca Camargo Nota 8

Para as viúvas dos anos 80

BELLE AND SEBASTIAN
The Boy With The Arab Strap
Jeepster – IMPORTADO

O culto ao grupo escocês Belle And Sebastian cresce junto com a autoconfiança de seus integrantes. Agora, não é apenas o cantor Stuart Murdoch que compõe, mas também Isobel Campbell (cello) e Stuart David (baixo). Neste CD há apenas três ou quatro músicas que destoam do já famoso "padrão Belle..." que tanto aquece as almas desamparadas que ainda lamentam o fim dos Smiths e do Echo And The Bunnymen.

O mote aqui é fragilidade/vulnerabilidade, e semelhanças com os escritos de Morrisey e Ian McCullogh não são apenas coincidências. As letras falam em pessoas queridas que vão embora pra sempre, e as melodias se sustentam em guitarras simplórias e ritmos trôpegos e delicados. É sempre bom ver oito "não-músicos" fazendo canções tão bonitas como "Rollescoaster Ride", "Sleep Around The Clock" ou a faixa título. O Belle And Sebastian faz um tipo de música aparentemente fisgada do nada, criada ao dedilhar de um violão após anos de clausura num quarto ao som de Velvet Underground, Smiths e Simon & Garfunkel.

Thomas Pappon Nota 8

Tim Maia revisitado

SANDRA DE SÁ
Eu Sempre Fui Sincero, Você Sabe Muito Bem
Universal

Sandra andou um bom tempo batendo cabeça com canções romântico-bregas. *Eu Sempre Fui Sincero, Você Sabe Muito Bem*, dedicado inteiramente ao repertório de Tim Maia, poderia ter trilhado essa direção, já que o mestre soul recentemente falecido nunca teve medo do brega. Mas seu caminho é outro. O CD tem roupagem um tanto antiquada, de soluções ora óbvias, ora pasteurizadas. Mas, contas feitas, é um belo álbum de soul e funk. Há versões elegantes e respeitosas de "Sossego", "Azul Da Cor Do Mar", "Eu Amo Você", "Batata frita", "O Ladrão De Bicicleta". Mais: como cantora, está fora de série. Que continue assim, a caminho de tornar-se a diva soul que merece ser.

Pedro Alexandre Sanches Nota 5

Projeto poderia ter virado álbum triplo

Com surgiu a idéia de um disco exclusivamente com material de Tim Maia?
"É um projeto que alimento há muitos anos e que, agora em 1998, serviria pra comemorar meus 20 anos de carreira. A morte dele, em abril, acabou apressando tudo, mas não gravamos a toque de caixa. Acho que o resultado ficou bom. Minha idéia foi realizar um disco elegante, um documentário fiel à sua carreira. O Tim merece."

Você teve dificuldades para selecionar o repertório?
"Muitas. Escutei todos os discos, e depois passei à etapa mais dolorosa, que foi a seleção – após peneirarmos tudo, ficaram de fora umas cinqüenta músicas que renderiam até um álbum triplo. O Tim tem muita coisa ótima que as pessoas não conhecem. O critério final foi misturar clássicos com faixas que passaram despercebidas, como 'Batata Frita' e 'Ga-gaguejando', por exemplo."

Como era seu relacionamento com Tim Maia?
"Só o conheci pessoalmente no começo dos anos 80, quando gravamos 'Vale Tudo'. Quando o encontrei pela primeira vez, fiquei muito emocionada, ele era um ídolo para mim. Pedi até autógrafo. Seu humor era corrosivo. Nunca tivemos intimidade e nem nos víamos com freqüência, mas quando nos encontrávamos e ele não estava num bom dia, eu percebia logo de cara."

FAT FAMILY
Fat Family
EMI Music

Revelação do soul brasileiro em estréia mediana

A Fat Family passou quinze meses gravando sua estréia. Durante esse período, os vozeirões e os corpos roliços dos oito irmãos chamaram a atenção de muita gente – Ed Motta, Paula Toller e Herbert Vianna mandaram canções inéditas para o grupo. Contrariando as expectativas, o saldo deixa a desejar, ainda que o octeto adicione identidade canarinho ao soul americano e coloque-se acima da pasteurizada produção e do repertório irregular. "Jeito Sexy", "O Tempo Todo Para Mim" (Ed Motta/Ronaldo Bastos) e "Killing Me Softly" perfazem o lado positivo, mas nem o registro privilegiado da turma segura a peteca em "Na Terra Do Amor" (de Toller, com refrão chinfrim), na pretensiosa balada de Herbert Vianna ("Eu Sou Só Um") e nas pseudo-engraçadas "Onde Foi Que Eu Errei" e "Guiosa". Triste, mas é verdade.

Hagamenon Brito Nota 5

ELVIS COSTELLO E BURT BACHARACH
Painted From Memory
Mercury/PolyGram

Discípulo encontra o mestre do pop refinado

O cantor e compositor inglês Elvis Costello já havia confessado publicamente ter clonado várias idéias de Burt Bacharach para arranjos seus. O velho maestro americano ria e achava engraçado. Agora ambos resolveram oficializar a parceria, assinando juntos doze canções.

Como compositor, Bacharach descende de linhagem jazzística, que brilhantemente comunga com uma dicção pop. Embora seja por vezes lembrado como ícone do *muzak* (música "ambiente", sem personalidade) e seja muito executado em salas de espera, é um mestre da melodia, cuja sofisticação reside em parecer simples. Seu piano é soberbo, com arranjos enxutos e sólidos. As dissonâncias são usadas com muito cuidado, de modo a doer gostoso. Tom Jobim também tinha esse dom.

Seguindo a tradição de Bacharach, todas as músicas são acompanhadas por orquestra. Mesmo assim, na maior parte do tempo nada é mais grandioso do que o vibrato de Mr. Costello. Ele não tem o alcance vocal requisitado pelas melodias, mas seu registro é sofrido e dramático. O que vem a calhar, já que a maior parte das letras falam de relacionamentos rompidos, como "Tears In The Birthday Party", em que a emotividade beira o piegas. Ainda assim, é difícil escapar de versos como "você sabe como as crianças podem ficar estranhas ao crescer".

Danilo Monteiro Nota 5

ANA FLÁVIA

Morada

BMG Music/Eldorado

Um talento da MPB à procura de identidade

A cantora/compositora Ana Flávia está à procura de um caminho. Com muita bagagem adquirida na noite paulistana estreou em 96 com *100 Anos De Música* e, só com guitarras roqueiras que refletia influências de Angela RoRó e Cazuza. Em *Morada*, mudou de rumo e mergulhou na MPB (tradição). Para isso, sacrificou a veia pop e investiu em composições que ora resvalam no despojamento de Jards Macalé, ora assumem densidade de que requer interpretações mais dramáticas. Se seus escritos pecam em qualidade nas releituras Flávia revela se grande intérprete. Assim ocorre com duas de Cartola: "Sim" e "Acontece" (transformada em samba pouco ortodoxo) e em "Guerreira", canto de João Nogueira e Paulo César Pinheiro que Clara Nunes eternalizou. Apesar de temerário o encontro entre Ana Flávia e Clara evidencia a ex-roqueira está em casa quando o assunto é mistura musical. Mas ainda precisa definir sua identidade.

Pedro Alexandre Sanches Nota 5

DLR BAND

DLR Band

Wawazat! Records – importado

Volta poderosa do ex vocalista do Van Halen

Para quem veste roupas extravagantes e executava no palco coreografias baseadas em artes marciais, o ex-cantor do Van Halen, o bufão David Lee Roth reaparece surpreendentemente modesto. A capa traz apenas a sigla de sua banda ao lado de uma típica estrada dos anos 50 e a bandeira americana ao fundo. Nada de Dave.

Mas tudo bem. Uma escutada em canções como "Wa Wa Zat?", "Loose The Dress (Keep The Shoes)" mostra o estilo que consagrou David no VH e no início da carreira solo: guitarras irrequietas – com o último John Lowery (agora com Marilyn Manson) no lugar que já foi de Eddie Van Halen e Steve Vai. – Dave alterna o registro de trovão (muito superior ao de seus sucessores no VH, Sammy Hagar e Gary Cherone) com tiradas histéricas. As letras, como sempre, celebram a boa vida californiana. Uma benção numa época em que bons discos de rock são cada vez mais raros.

Bernardo Araújo Nota 8

Revolução hormonal

reedição

NUGGETS: ORIGINAL ARTYFACTS FROM THE FIRST PSYCHEDELIC ERA 1965 – 1968

Rhino – IMPORTADO

Esta é a caixa sagrada do rock'n'roll e tudo que ele um dia significou: festa, desrepressão e inconseqüência. Revolução hormonal. Originalmente, era um LP duplo que compilava preciosidades de bandas americanas de garagem – todas obscuras – da segunda metade da década de 60. Organizado por Lenny Kaye, o disco foi lançado em 1972, e, dizem, foi o inspirador do termo "punk rock". Não por acaso, Kaye, autor da seleção de repertório, virou a tocar guitarra com Patti Smith.

Com quatro CDs, a caixa expande a garimpagem: às 27 faixas originais foram somadas 91 outras. É um mundo de surpresas. Uma delas é o Sagittarius (do *beach boy* Bruce Johnston e do letrista Gary Usher, parceiro de Brian Wilson), exceção sofisticada num mar de rocks genialmente burros e toscos. Destaques: The Sonics, o berro primal de Seattle, 13th Floor Elevators, a mais psicodélica das bandas, e The Gollywogs, o embrião do Creedence Clearwater Revival.

É loucura para mais de quatro horas.

Pedro Só Nota 10

A mais completa em novidades e raridades
sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
Enviamos para todo país.
Aceitamos cartão
Rua 24 de maio, 116 - Boca Alta
Loja 15 - cep 01041-000 - Centro - SP
londoncd@uol.com.br
LONDON CALLING
CD'S - VHS - LD'S
(011) 223-5300

REVISTA SHOW
Para anunciar ligue:
Tels. (0**11) 3037-1474
3037-5868
3037-5474

rita lee
acústico
MTV
títas
milton
nascimento
paulo
coelho
cássia
eller
Os artistas mais descolados participaram.
As pessoas mais ligadas já ouviram.
Agora só falta você.
Em CD e Home Video.
www.mtv.com.br
É PolyGram

Ao Vivo

Kraftwerk no palco: Ralf (à esq.) garante que apenas 40% do show é pré-gravado

Robôs emocionantes

Kraftwerk
Jockey Club (São Paulo), 17/10

Ralf Hutter, Florian Schneider e os dois engenheiros eletrônicos que hoje completam o Kraftwerk tocaram música eletrônica retrô, atual e futurista. Tudo num mesmo pacote que deixou o público do Free Jazz em êxtase reverencial. Como se esperava, entraram calmos e frios, todos de negro. Não vestiram camisa da seleção nem puxaram coros do tipo "ah, eu tô molusco". Apertaram botões, pisaram em pedais e, com frieza de bisturi, tocaram corações.

A cada clássico a platéia vinha abaixo. "Computer World", "The Model", tudo nas versões mais animadas do álbum *The Mix* (de 1991). "Radioactivity", com uma nova e sinistra abertura em *vocoder* (aparelho que distorce a voz humana), provocou gritaria e coreadeira. Durante "Pocket Calculator", os quatro se aproximaram da beira do palco e tocaram por controles remotos. Ralf Hutter ensaiou risinhos, e só. Deve ter sido um *bug* em sua programação.

No palco, o estúdio Klang Klang instalado parece cenário de *Guerra nas Estrelas*: a sala de controle da Estrela da Morte. No fundo, imagens do tempo do onça contrastam com a atualidade do som. Está tudo aí: o eletrofunk, o tecnopop e o hip-hop, a fonte onde beberam Madonna, New Order, Lulu Santos e tantos outros. Qualquer cidadão cuja música possui um "bo-ng" um "boom", um "tschack" deve algo ao Kraftwerk. A expressão que abre "Musique Non Stop" aliás, foi um dos coros mais bizarros já cantados por uma platéia. É fácil um sujeito saracoteando no palco fazer o povo gritar *"I can get no satisfaction"*. Mas conseguir – fora de cena no bis – que berrem "bo-ng, boom, tschack" para quatro robôs é prova da genialidade de um grupo que faz música eletrônica viva, sentimental e emocionante.

André Gordirro

Tarado por Brasília

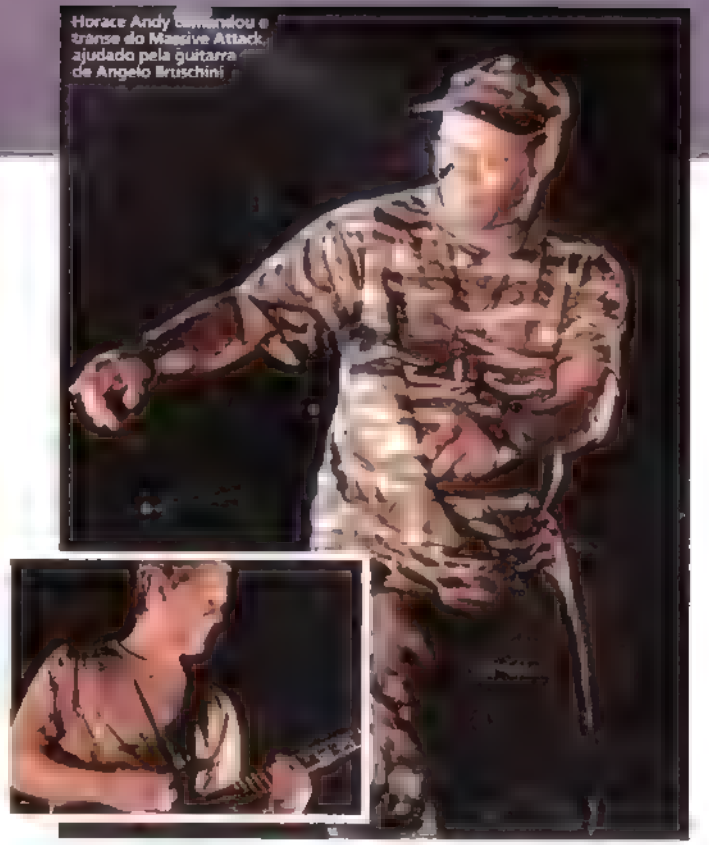
Ele tem 52 anos e pinta de investidor do Citybank. Cabelo gomalinado, blusa social grafite e gravatinha vermelha, Ralf Hutter, líder e voz do quarteto alemão Kraftwerk, é reservado e monossilábico como um ciborgue. Durante a entrevista a SHOWBIZZ, o homem por debaixo do aço só surge no início da conversa, reclamando do ar-condicionado do Hotel Sol Ipanema (no Rio). "Mas não é uma máquina?", pergunta o repórter. "É, mas é burra, não sabe variar. Eu gosto tanto de frio e calor... Além do mais, seu som é de 15 hertz", rebate o robótico senhor que roubou a cena no Free Jazz.

O Kraftwerk só ressurgiu ano passado, depois de seis anos de silêncio. O que os manteve afastados?
Basicamente estávamos mexendo no Klang Klang, nosso estúdio em Dusseldorf. Ele é nosso instrumento. Com a digitalização, está mais fácil transportá-lo mundo afora. Mas ainda mantemos aparelhos dos anos 70, porque os sons digitais de hoje são muito pobres.

O que você ouve hoje em dia?
O silêncio. Sons industriais. E, claro, a discotecagem de boates techno. Saímos sempre para dançar na Bélgica e na Alemanha.

Nos anos 70, a crítica os acusou de ser "a morte da música". Hoje, ela classifica o Kraftwerk como genial e fala em "revolução eletrônica". Você se sente vingado?
Considero uma vitória o reconhecimento tardio. Hoje a música eletrônica é popular como antevíamos que se tornaria.

Você se mostrou particularmente interessado em Brasília. Por quê?
Brasília é uma cidade Kraftwerk, me fascina. Sua arquitetura futurista foi pensada décadas atrás, assim como nossa música. Queremos voltar ano que vem e fazer uma turnê incluindo Rio, São Paulo, outras capitais e Brasília. Estaremos lançando um novo disco – com muitas surpresas.



Horace Andy comandou o transe do Massive Attack, ajudado pela guitarra de Angelo Bruschini

Viagem fantástica

Massive Attack
Jockey Club (São Paulo), 17/10

Tudo bem que, no palco, o Massive Attack careça de carisma. Tudo bem que a cantora Deborah Miller perca em presença e gogó para as ótimas Shara Nelson e Tracey Thorn, que já emprestaram suas vozes ao grupo em [illegible]. Não faz mal que o líder da tribo, o cantor, compositor Mushroom, banque apenas o mestre-de-cerimônias, limitando-se a pequenas participações. No trip hop (gênero que mistura baladas sombrias, eletrônica e elementos da cultura hip hop) o que vale é a ambientação, a "viagem". E, nesses pontos, os rapazes de Bristol (cinzenta cidade inglesa) saíram-se bem. Sem se ater ao último disco, *Mezzanine*, passearam por toda a sua obra ao longo de 90 minutos de música de primeira.

A batida do grupo, hipnótica, emoldura uma colagem de sons sampleados: guitarra e baixo discretos, percussão segura e arranhões do DJ nas pick-ups. O resultado conduz ao transe. Também faz balançar, durante as intervenções do excelente cantor jamaicano Horace Andy. Nem tudo foi perfeito, contudo. "Teardrop", não fosse cantada sem a voz da cantora Liz Fraser (dos Cocteau Twins, intérprete da canção no disco *Mezzanine*). Mas momentos sublimes como "Daydreaming" e o final apocalíptico com "Unfinished Symphathy" –, encorpada por uma guitarra mesperadamente distorcida – valeram o ingresso. Na platéia, gente como o produtor Dudu Marote (Skank, Pato Fu) e o cantor Sérgio Sofiatti, do Skuba, saiu exclamando: "Maravilha!"

Carlos Eduardo Oliveira

A lenda no palco

Jeff Beck

Museu de Arte Moderna (Rio), 17/10

Apesar da claridade das cinco horas da tarde na primavera carioca, o espaço Main Stage do Free Jazz estava escuro como se fosse noite na apresentação extra de Jeff Beck, esgotada (cerca de 3 mil ingressos) como o show principal, que aconteceria poucas horas depois. Jeff cumpriu a promessa de show *fusion* (ou jazz-rock, o rock instrumental tocado com improvisos jazzísticos) com atitude rock, metido em calças justas e camiseta preta, mostrando ótima forma física para seus 54 anos – apesar do corte de cabelo pra lá de demodê –, e se agitou e fez caras e bocas como se ainda tocasse nos Yardbirds (grupo de rock'n'roll que integrou nos anos 60).

Como que para dar lições a guitarristas que gostam de ostentar suas coleções, ele usou apenas um instrumento, uma Fender Strato branca e verde, e poucos efeitos. A banda, que toca junta há poucos meses, também parecia bem à vontade. Os destaques foram o baixista Randy Hope-Taylor e o baterista Steve Alexander, que já acompanhou o Duran Duran. A guitarrista Jennifer Batten, ex-integrante da banda de Michael Jackson, com quem Beck demonstrava surpreendente intimidade (em São Paulo, deixaram o palco abraçados), foi mais burocrática. Como o dono da banda não deixa muito espaço para outra guitarra, ela conecta seu instrumento a efeitos e produz sons sintetizados – que às vezes funcionam, as vezes apenas tornam as músicas chatas. Como guitarrista propriamente dita, ela quase não aparece.

O show começou animado, com músicas como "New Tech", "Star Cycle" e "Arab Hoot", com Beck, sem falar nada, conseguindo boa empatia com o público. Por várias ocasiões a galera se levantou para aplaudi-lo. Logo vieram os blues e músicas mais lentas, como "Brushes Blue", "Sending Sweets" e "Cause We've Ended As Lovers", clássica versão para uma canção de Stevie Wonder. Além dos solos do próprio Beck – sempre acompanhado com firmeza pela banda – Alexander e Taylor também tiveram espaços para improvisar à vontade. De vez em quando, para delírio dos muitos guitarristas presentes, ele usava um slide de dedo para tirar sons escorregadios do instrumento. O público parecia um pouco cansado ao final do set, com "King Bee" e "Blue Wind". Beck ainda voltou para um ótimo bis, com outro clássico, "Where Were You", seguido de "You Never Know" e "Slingshot", terminando um concerto competente, mas um pouco aquém de sua genialidade.

Bernardo Araujo

Foto: Alan Saheuse

"Dá muito trabalho encontrar um cantor"

O que você tem ouvido?

Jeff: Estou muito interessado em melodias do Leste Europeu. O *Mistério Das Vozes Bulgaras* é um CD fascinante. Tentei escrever as melodias, mas não consegui, é muito complicado. Meu próximo disco, que sai no início de 1999, já tem influências daqueles lados.

Você acha que existe uma crise na música feita por guitarras?

Jeff: Não. Sempre aparecem bons músicos. Toquei com Jonny Lang no Rock'n'Roll Hall Of Fame, em Nova York. Ele me surpreendeu com seu conhecimento e competência ao tocar rock dos anos 50. O que acho que está faltando é alguém para mostrar um novo caminho, não deixar um desses caras do techno apertar um botão e dizer que está fazendo música nova.

Você gosta mais de tocar como artista solo ou de acompanhar cantores?

Jeff: Esse é o maior dilema da minha vida. Sempre gostei de trabalhar com cantores – depois de Rod Stewart, toquei com um ótimo vocalista chamado Bobby Tinch, que não foi bem recebido –, mas isso dá muito trabalho, substituir, testar pessoas... Então fico como artista solo e apareço como convidado em discos e shows. Recentemente toquei com Chrissie Hynde *(cantora dos Pretenders)* e Brian May *(ex-guitarrista do Queen)* e foi ótimo.

E que critérios você usa na hora de analisar os convites?

Jeff: Meu escritório faz uma pré-seleção. A princípio estou aberto a qualquer tipo de convite, menos dos Sex Pistols *(risos)*.

O que você achou dos últimos discos de Jimmy Page e Eric Clapton *(como Beck, dois ex- Yardbirds)*?

Jeff: Eric é um mestre. E também canta, o que o faz ser ainda mais bem aceito. O trabalho de Jimmy e *(Robert)* Plant também é bom. Tenho certeza de que tudo aquilo vem do coração. Em matéria de criação, acho o Led Zeppelin maior do que os Stones.

Banquinho fervendo

Ben Harper

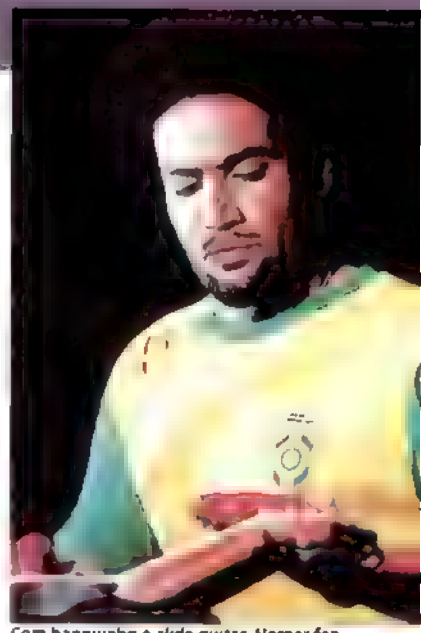
Joquei Club (São Paulo), 16/10

Nem a chuva de última hora e as goteiras do palco esfriaram a alta temperatura da apresentação de Ben Harper em São Paulo. Acompanhado pela banda Innocent Criminals, ele fez o show mais acessível do festival. Embora sua música não seja o que se costuma chamar de "comercial", o californiano já é bem popular entre o jovem público brasileiro, razão pela qual a "sua" noite foi a mais concorrida – e colorida – da etapa paulistana do evento.

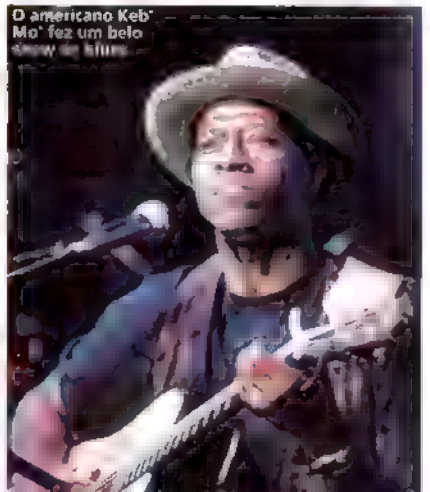
O termômetro subiu gradualmente. Tocando guitarra slide sentado a maior parte do tempo, Harper faz o gênero sério, compenetrado aparentemente distante (só aparentemente). Quase sem se mexer, precisa apenas do instrumento e da ótima voz para comandar a festa. Na guitarra, ritmo, discretíssimo, ajudava-o uma lenda – o jamaicano Al Anderson, ex-Wailers, que acompanhou Bob Marley em sua época áurea. Mas o único a agitar no palco era o carismático baixista Juan Nelson, com solos inspirados e potentes estilingadas do baixo "gordo".

Em versões sempre mais longas que as originais, "Ground On Down" e "Fight For Your Mind" tomaram rumo soul/funk enquanto "Roses From My Friends" e "Jah Work" incorporaram o lado reggae. Durante as politizadas "Glory And Consequence" e "The Will To Live", o clima na pista era de show de rock. Não por acaso a apoteose veio com "Voodoo Chile", de Jimi Hendrix. Nem seria necessário o bis que, equivocadamente, começou com um solo de bateria. De pé no centro do palco, cerrando o punho em legítima atitude *black power*, Harper sabia que dera o recado – sua música, sofisticada e acessível, é herdeira legítima da mensagem de Bob Marley.

Carlos Eduardo Oliveira



Com banquinho e *slide guitar*, Harper fez um show dos mais empolgantes



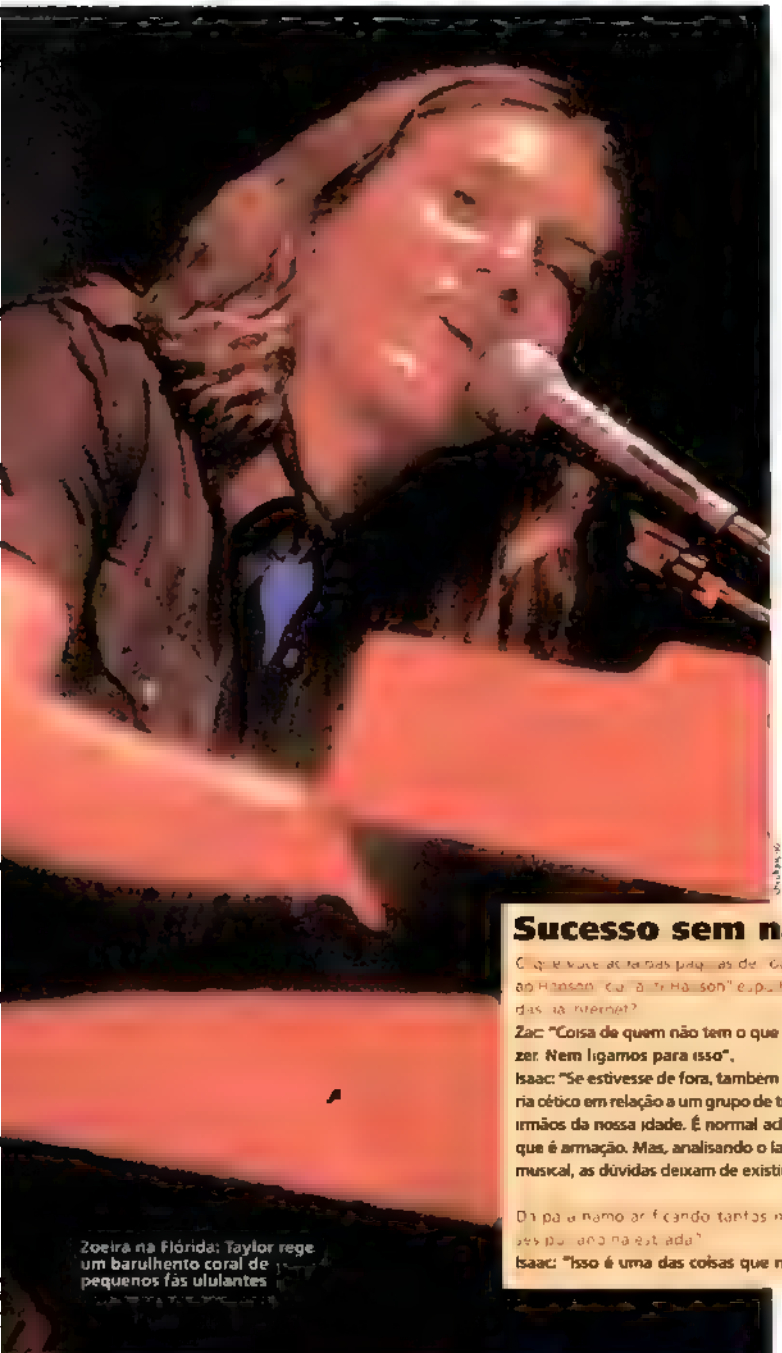
O americano Keb' Mo' fez um belo show de blues

Outros acordes

Fora do palco principal do Free Jazz, o talento jorrou aos borbotões em outros shows de destaque. O "bruxo" Hermeto Pascoal justificou seu apelido, fazendo a apresentação musicalmente mais rica de todo o evento. A cantora americana Mavis Staples foi uma festa para os fãs de soul music. E o bluesman Keb'Mo' fez um senhor show, que chegou a lembrar Robert Johnson.

C.E.O.

Pequenos e ensurdecedores



Zoeira na Flórida: Taylor rege um barulhento coral de pequenos fãs ululantes

Hanson

Anfiteatro Coral Sky (Flórida), 18/09

Se o Hanson cumprir a promessa e tocar no Brasil no próximo ano, proteja seus tímpanos. Não pela música, um pop nada barulhento, mas pela histeria das pré-adolescentes e das crianças no platéia. Crianças, literalmente, a maioria entre 6 e 9 anos.

Foi assim em West Palm Beach, na Flórida, onde os três irmãos se apresentaram e, depois, falaram à SHOWBIZZ com exclusividade. O difícil foi conseguir escutar o que os educados irmãos diziam em meio à loucura da criançada fazendo de tudo para entrar no camarim. "Não vou falar que já acostumamos com os gritos, mas é pra isso que a gente vive, para os nossos fãs", professou Isaac, 17 anos, o mais velho.

O Hanson ao vivo conta com o apoio de alguns músicos – não é nenhum segredo (eles inclusive são apresentados e tem direito até a solo). Mas os irmãos realmente tocam (e bem) seus instrumentos. O trio dispensa acompanhamento no palco durante uma espécie de "sessão acústica" no show.

A turnê americana de *The Road To Albertine* foi registrada em vídeo e disco ao vivo (gravado em Seattle, com duas faixas inéditas). Em 1999, o Hanson grava um disco novo em estúdio e – provavelmente – vem ao Brasil. "É um dos países de onde a gente recebe mais correspondência!", espanta-se Taylor.

Isabel Flores

Sucesso sem namoro

[illegible] ao Hanson [illegible] das na Internet?

Zac: "Coisa de quem não tem o que fazer. Nem ligamos para isso".

Isaac: "Se estivesse de fora, também seria cético em relação a um grupo de três irmãos da nossa idade. É normal achar que é armação. Mas, analisando o lado musical, as dúvidas deixam de existir".

[illegible] namorando [illegible] nesse país?

Isaac: "Isso é uma das coisas que não dá mesmo. Pra namorar, teria que ser relação a distância, e isso é algo que não funciona muito bem".

[illegible] fãs de Ozzy. O [illegible] com Taylor verdade?

Zac: "É, elas entrevistaram a gente para um programa da MTV".

Isaac: "Não, não é isso que ela quer saber. Ela está falando dos rumores que diziam que você *(Taylor)* estava namorando uma delas".

Taylor: "Ah, não, isso não rolou não".

Belas mutilações

Frank Black

Tramps (Nova York), 30/09

Os Pixies nunca fizeram o sucesso que mereciam. Ingredientes não faltavam: surf-punk açucarado, melodias inesquecíveis, corinhos tipo "sha-na-na", enfim, todo um arsenal aprendido em anos ouvindo o que de melhor se fez no rock, de Beach Boys a Husker Du (gigante do rock alternativo da década passada). Os cinco discos do Pixies e os quatro álbuns-solo do ex-faz-tudo da banda, Frank Black, não deixam dúvida: ele é, junto com Kurt Cobain, o maior artesão pop dos últimos dez anos.

Seu novo álbum, *Frank Black and the Catholics*, é outra maravilha, uma guinada na direção de um rock mais direto, mais punk. Foi gravado ao vivo no estúdio, em dois canais, sem firulas, mas nem por isso sua música perdeu as nuances e as mudanças sútis de dinâmica, que fizeram do Pixies uma banda tão imprevisível.

O inflado Frank Black: talento de sobra e nenhuma saudade dos Pixies

Nessa noite no Tramps, Frank concentrou o repertório em sua carreira-solo. Quando tocou Pixies, torceu e retorceu as músicas até deixá-las irreconhecíveis ("Wave Of Mutilation" virou uma balada-metal tipo AC/DC). Sem problema, seus discos-solo têm tesouros suficientes para cinqüenta shows seguidos. Ele é prolífico demais para viver de glórias passadas. Afinal, canções como "Headache", "Los Angeles", "Ten Percenter" e "Speedy Marie" não ficam nada a dever aos Pixies.

André Barcinski

Ritmo e poesia

Em [illegible] apresentam para [illegible] dançar

Arnaldo Antunes

The Ballroom (Rio de Janeiro), 2/10

Cerca de mil pessoas prestigiaram a estréia da turnê nacional de *Um Som*, mais recente disco do ex-Titã. Ao vivo, as canções do disco novo obtiveram ótimo resultado. O público, jovem em sua maioria, mostrava animadas sessões de aeróbica a cada canção mais dançável, embalado pelo suingue da competente banda de Arnaldo. Músicas como "Cruzes", do mestre Cassiano, "Engrenagem", o clássico "Judiaria", de Lupicínio Rodrigues, e "O Silêncio" tiveram boa resposta, em que pese a pequena extensão vocal de Arnaldo, que nem sempre alcança os graves que deveria. No bis, mais festa, com "Volte Para O Seu Lar", "Ninguém" e, em uma segunda volta, novamente "Musica Para Ouvir".

Bernardo Araujo

Tumba do tempo

Bauhaus

Hammerstein Ballroom (Nova York), 11/09

Só a fila do lado de fora valia o ingresso: vampiras em minissaias de couro preto, sósias do Eduardo Mãos-de-Tesoura, moicanos *dégradé*, toneladas de maquiagem, correntes, chicotes e *piercings* – um verdadeiro zoológico do inferno. Mas os góticos tinham razão de sobra para capricharem no visual: afinal, estavam lá para celebrar seus heróis, o Bauhaus, cujos integrantes resolveram esquecer as birguinhas pessoais e fazer sua primeira turnê desde 1983.

Quando Peter Murphy, Daniel Ash, David Jay e Kevin Haskins subiram ao palco, os últimos quinze anos evaporaram num piscar de olhos. De repente, era 1983 novamente. O cinismo chato do fim do século deu lugar aos divertidos exageros do pós-punk ostentoso, fazendo todo mundo dançar como nas escuras boates *darks* da década passada.

Com o perdão dos fanáticos, o Bauhaus é uma palhaçada, um teatrinho de horror. Mas também é um ótimo grupo de rock, mistura do som deprê do Joy Division com as guitarras dos Stooges (banda de Iggy Pop, precursor do punk). Daniel Ash é um senhor guitarrista e Peter Murphy sabe imitar como poucos o estilo "crooner" de Iggy Pop e David Bowie.

O Bauhaus homenageou seus ídolos tocando "Telegram Sam" (do grupo inglês T-Rex), "The Passenger" (de Iggy Pop, que tem versão do Capital Inicial) e "Ziggy Stardust" (de Bowie). Mas foi seu repertório que levantou a galera da tumba: "Dark Entries", "Silent Hedges", "Double Dare" e, claro, "Bela Lugosi's Dead", verdadeiro clássico ostentista. Bem que Peter Murphy poderia sair de seu exílio na Turquia (virou muçulmano e passa os dias estudando o Alcorão) e reformar de vez o Bauhaus. Senão, quando veremos novamente um público tão bem vestido?

Ritmos sem calo

Lições de **Marcos Suzano**, o mais requisitado percussionista brasileiro

Suzano economiza e usa instrumentos típicos do Brasil

Quando Marcos Suzano viaja para uma de suas muitas apresentações internacionais, sua bagagem raramente ultrapassa os 25 quilos. Conhecido pelos trabalhos ao lado de gente como Gilberto Gil, Ney Matogrosso (com o grupo Aquarela Carioca), Lenine (no disco *Olho De Peixe* que abriu as portas para a aparição do pernambucano) e Arnaldo Antunes, o pandeirista número 1 da música brasileira atual trabalha diferente da maioria dos outros percussionistas, que chegam a carregar meia tonelada de equipamentos. "Tenho pouquíssima coisa, me acostumei a ser o centro rítmico de um show assim", explica Suzano. A pouca quantidade de instrumentos é sua marca registrada. "O percussionista não precisa delimitar seu território com vinte equipamentos diferentes. O que importa é o som que sai de cada um deles", analisa.

Os instrumentos de Suzano – entre os quais não estão congas e bongôs – refletem sua opção pelos ritmos afro-brasileiros. "Não dá para me sentir autêntico tocando o mesmo que os porto-riquenhos porque eles têm o ritmo deles, a salsa." A solução, então, é a coerência com o nosso país. "Vivemos com problemas de grana, então por que não investir num reco-reco atabaque ou repenique? São baratos e traduzem a nossa técnica", lembra Suzano, não por acaso formado em Economia. Ele usa o pandeiro na metade do tempo em que fica no palco, caprichando em samba e choro e passeando ainda por afoxés e maracatus. Outro de seus principais instrumentos é o *cajon* (pronuncia-se carrón), uma caixa de madeira com a folha da frente um pouco frouxa. "É aquele batidão suingado de 'Música Para Ouvir', do Arnaldo Antunes", explica. Com o *cajon* e a linhas de metais de Pete Engelhardt (americano que faz os instrumentos à mão "bem toscos", segundo Suzano), ele tira as frequências médias. A tabla, instrumento muito usado por gente como o cantor paquistanês Nusrat Ali Khan, dá o grave. Produzida na Índia, ela é feita em metal e couro de veado e pode ser ouvida na versão de Zizi Possi para "A Paz". O agudo sai com o reco-reco de mola e uma bela baixela de inox, presente da sogra. "Não sou muito ligado a experimentalismos, mas a baixela dá um perfeito prato de condução (*para levadas 'retas', ao contrário dos pratos de acentuação ou ataque*)", diverte-se. Com o derbaque (originário da Turquia, é fabricado com couro de cabra) o *talking drum* ("tambor falante", um tronco de madeira trançada com couro) e efeitos como chocalhos e castanhas, o mundo musical de Suzano está fechado.

O percussionista não é da escola de sacrifícios físicos. "Tem gente que acha que o cara tem que se matar no palco, se rolar um sanguinho melhor ainda. Eu, por exemplo, tenho poucos calos e quase só nas pontas dos dedos." Também não é necessário, segundo ele, nenhuma malhação para desenvolver a musculatura do braço. "A força vem com o tempo. Aconselho apenas um bom alongamento antes de começar a tocar."

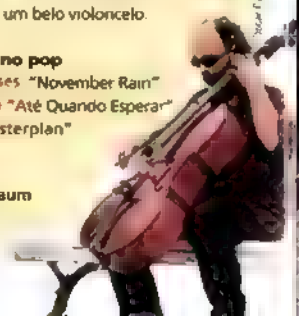
Leticia Calmon

Violoncelo

Também conhecido por *cello* (pronuncia-se "tchelo"), o instrumento foi desenvolvido no início do século 16, durante a Renascença européia. Quatro cordas – feitas originalmente de crina de cavalo – são presas numa haste de madeira e, friccionadas, produzem sons, melancólicos, românticos ou até agressivos. Da mesma família do violino e da viola, o violoncelo é muito utilizado em orquestras sinfônicas, mas se adaptou bem à música pop. Jaques Morelenbaum, importante arranjador brasileiro, diretor musical da banda de Caetano Veloso, é responsável pelo violoncelo na nova versão de "Flores", dos Titãs. Na clássica "Eu Te Amo", de Tom Jobim, Jaques faz um contracanto com o instrumento. "Sou de uma família de músicos eruditos, mas desde garoto amo os Beatles, da minha paixão pelo popular", diz, citando "Eleonor Rigby" como uma das melhores músicas do quarteto britânico em que se pode ouvir um belo violoncelo.

Presença no pop
Guns N'Roses "November Rain"
Plebe Rude "Até Quando Esperar"
Oasis "Masterplan"

Morelenbaum põe *cellos* na



Escolha um par

Modelos diferentes de caixas acústicas ajudam você a curtir seu gênero preferido com o máximo de qualidade

Investindo um pouco mais, é possível melhorar sensivelmente o desempenho do seu aparelho de som.

Às vezes, uma simples troca do par de caixas acústicas pode fazer aquele *system* velho de guerra soar como um novo e mais potente equipamento. E o melhor de tudo é que as caixas podem ser adequadas ao seu gênero musical preferido. Por exemplo: se você adora reggae, drum'n'bass (ritmo eletrônico que evoluiu a partir do reggae) e outros sons em que o grave é o principal, pode ir direto às caixas subwoofer, que só atacam nas baixas freqüências.

Seja qual for a sua preferência, na hora de decidir o que comprar, basta respeitar apenas uma regra básica: as caixas precisam ter, no máximo, mais 20 por cento de potência do que o aparelho, para elevar o desempenho deste sem comprometer a equalização.

Caixas CF120, da JBL: para ouvidos muito exigentes

ESTILO	INDICAÇÃO	MODELO	PREÇO*
Pop/Rock/ Heavy Metal	caixas com sistema bass reflex, um duto de ar que emite "pancadas" mais graves e aumenta a potência receiver	LC 80 (Lando)	R$ 260
		38 (Jamo)	R$ 320
Dance Music/ Tecno/Drum'n'Bass	caixas com dois tweeters a mais, que dão mais "ataque", potencializam o volume sonoro e acentuam os agudos	LC 100 (Lando)	R$ 420
		CR 6 (Boston)	R$ 510
Reggae/Soul/ Rap/Hip Hop	subwoofers, caixas exclusivamente para graves, com amplificação própria e formato diferenciado do padrão – elas funcionam voltadas para baixo, para que os graves sejam sentidos no solo e a partir daí se espalhem	Bass 240 (Lando)	R$ 380
		PSW 1000 (JBL)	R$ 790
		YSTSW 80 (Yamaha)	R$ 650
Jazz/Clássico	caixas feitas de madeira de primeira linha, que evita reverberações, e caixas bass reflex, com – no mínimo – três falantes, um para graves, um para médios e um para agudos	LX 150 (Lando)	R$ 760
		CF 100 (JBL)	R$ 890
		98, da Jamo	R$ 960

* Referente ao par de caixas

ONDE ENCONTRAR

Sao Paulo
Studio Two - (011) 212-7793
Audio Fi - (011) 531-0958

Rio de Janeiro
King Sound - (021) 224-1226
Josiais Studio - (021) 259-2519

Curitiba
Audiocolor - (041) 233-1365
Avex Studio - (041) 224-7105

Porto Alegre
Audio Center - (051) 224-9811
Reference - (051) 346-2634

Brasília
Art Music - (061) 347-4840

Salvador
Hi-Fi - (071) 248-2505
Josias Studio - (071) 326-2412
Norberto Som - (071) 354-3577

Belo Horizonte
Transistora - (031) 201-8955
Cia. do Audio (031) 212-4275

Recife
Audio Advice (081) 325-4242
Bob Som (081) 465-3466

EntreLeitores

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
email:showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

CORRESPONDÊNCIA

Fãs de Legião Urbana: Tenho 15 anos. Natália Rodrigues - Avenida do Contorno, 703 - Dornelas - Muriaé, MG. CEP 36880-000

Fãs de Legião Urbana: Pessoas que tiverem material do Renato Russo e da banda, Robert Fox - Rua Marechal Cândido Rondon, 25 - Centro Ferreiros, PE. CEP 55880-000

Fãs de Madonna: Sou iniciante. Marco Antonio Andrade Rua Aguanambi, 17 - São Paulo, SP. CEP 08461-140

Fãs de Oasis e Marisa Monte: Iarandu Mesquita - Caixa Postal 05 - Três Cachoeiras, RS. CEP 95580-000

Fãs de Oasis e The Verve: Tarsila Emery - Rua do Futuro, 800/506 - Aflitos - Recife, PE. CEP 52050-010

FÃS-CLUBES

Alanis Morissette: Quite Alright, A/C Fernanda Oliveira - Rua Senador Vergueiro, 272/801 - Flamengo - Rio de Janeiro, RJ. CEP 22230-001

Green Day: Green Daze Music, A/C Márcia Armstrong - Rua 9 de Janeiro, 9 - Jardim Canhema - Diadema, SP. CEP 09941-480

Hanson: Hanson Generation Rua Paulo Miranda da Fonseca, 27/903 - Colina - Volta Redonda, RJ. CEP 27253-630 Tel.: (024) 343-4351 - Fax: (024) 343-4351 - e-mail: basilio@sidenet.com.br

Madonna: Fanzonna - Caixa Postal 168 - Goiânia, GO. CEP 74001-970

Madonna: Always With Madonna. Caixa Postal 13306 Goiânia, GO. CEP 74250-320 Tels.: (062) 255-6061 e 271-1100

FANZINES

Jimi Hendrix: *Fatherzine* - Rua Padre Francisco Malachias, 76 - Vila Xavier - Araraquara, SP. CEP 14810-054 - Tel.: (016) 232-1005

Música eletrônica: *Electroad* Rua Jead Delmas, 151 - São Paulo, SP. CEP 04475-570

Música e cultura de Natal: *AZ Revista* - Rua do Exército, bloco 21, apto 102 - Natal, RN. CEP 59064-100 - e-mail: azrevista@hotmail.com ou vitoriano@digi.com.br

PROCURO

SHOWBIZZ: Edição 146, de agosto de 1997, com o Dave Grohl e o Krist Novoselic na capa, e Kurt Cobain em uma foto menor. Eneida Mello - Rua Barão de Penedo, 107, bloco 8, apto 42 - Mooca - São Paulo, SP. CEP 03179-070

Musicais: Dos anos 50 e 60 sobre rock'n'roll, twist e rockabilly em fita VHS. Carlos Souza - Rua das Andorinhas, 398 - Vila Centenária - Machado, MG. CEP 37750-000

SHOWBIZZ: Edição de março de 96 (número 128) com o Kurt Cobain na capa, e outras reportagens sobre o Nirvana. Andressa Kasper - Rua 13 de Maio, 174 - Bairro Centenário - Sapiranga, RS. CEP 93800-000

MÚSICOS

Tecladista e guitarrista: Procuro, com boa experiência, para trabalho sério, não importa o sexo ou gosto musical. Alexandre Souza - Estrada Governador Chagas Freitas, 450 - Moneró - Rio de Janeiro, RJ. CEP 21920-330

TROCO

Alanis Morissete: Materiais de vários por pôsteres dela. Aline Morissette - Rua José Boroni, 155 - Santa Ifigênia - Belo Horizonte, MG. CEP 30270-240

Barão Vermelho e Titãs: Troco fotos e reportagens de vários artistas por material dos dois. Patrícia Krieger - Rua Servidão Acácio Hille, 558 - Joinville, SC. CEP 89216-300 Tel.: (047) 453-0635

Titãs: Tenho material de artistas nacionais e internacionais, troco por coisas deles. Kelly Castanha - Rua Bom Jesus, 48 apto 1801 - Juvevê - Curitiba, PR. CEP 80035-010

VENDO

Bon Jovi: Estou lotada de material dele, faço por um bom preço. Tudo rigorosamente em ótimo estado. Jessica Marques - Rua Santo Antônio, 26 - Vera Cruz - Caçapava, SP. CEP 12280-000

Bon Jovi: Desde pôsteres a fitas de vídeo, mande selo para resposta. Beatriz Manson - 2ª Avenida, esquina com Avenida 5 - Bairro Martins - Mineiros, GO. CEP 75830-000

Nirvana: Coleção em ótimo estado dos seis CDs oficiais da banda; grátis darei cinco pôsteres e uma revista com letras traduzidas só do Nirvana. João Carlos Magiero - Rua São João, 560 - São Mateus, ES. CEP 29930-000 - Tel.: (027) 763-3136

SHOWBIZZ: Coleção incompleta, cada exemplar pela metade do preço atual. Ricardo Dantas - Avenida Getúlio Vargas, 988 F - Vila Carneiro São Lourenço, MG

AS REGRAS PARA COLOCAR UM ANÚNCIO AQUI
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

Editora Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 4º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, Tel.: (011) 3037-2000, fax: (011) 3037-4909 - Caixa Postal 66157, CEP 05315-970 - São Paulo - SP

Representantes no Brasil:
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/ 401 - Pituba, Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/fax.: (071) 341-4966/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacaeti - com. 170/B - Brasília - DF - CEP 70308-900 - Tel.: (061) 223-2137/321 - 0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lorena Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-090 - Tel.: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tels.: (085) 254-1666/8045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M A M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 30110-907 - Tels.: (031) 335-8789 / 295-5657
Paraná: M.L.C. Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. São Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
VIP EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE • SAÚDE
Economia e Negócios
EXAME • VOCÊ S.A.
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR • FLUIR
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA • ANA MARIA
HORÓSCOPO • CARICIA • SAÚDE
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO
Entretenimento
CONTIGO • SHOWBIZZ • SET

Revista Showbizz, Edição 160, Novembro de 1998, é uma publicação especial da Editora Abril S.A. ISSN 0100-1647. **Assinaturas:** sua satisfação é sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá ceder-lhe a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Av. Dionísio Alves de Lima, 4400 - 4º Andar, Freguesia do Ó - CEP 02909-900 - São Paulo - SP. **Números atrasados** (as seis últimas edições recebidas, conforme disponibilidade de estoque) ao preço da última edição em banca, mais custo de postagem, por intermédio de seu jornaleiro ou na distribuidor Dinap S/A - Caixa Postal 2505, Osasco/SP - CEP 06053-990 - Fone (011) 816-4800 - Fax (011) 868-3018, pelo email dinap.sa@email.abril.com.br, via Internet http://www.dinap.com.br. Horário de atendimento: de 2ª a 6ª, das 8h às 21h30, sábado, das 8h às 13h. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard, Diners, American Express e Sole. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicacações Lda., Quinta Paz Varais, Azinhaga das Fetais, 2685, Camarate, Lisboa.

ANER Central de Atendimento ao Assinante: Grande São Paulo: 3990-2112 Demais localidades: 0800-55-2112

IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Um Show De Frota Leva O Seu Espetáculo.

Temos o veículo de acordo com a sua necessidade, porque o espetáculo não pode parar.
Somos uma empresa especializada em grandes eventos, preparada para viagens nacionais e internacionais e, por isso, temos à sua disposição uma frota completa, com ***ônibus de luxo, Low Driver, Double Deck, Leito e convencional.***
Temos também ***micro ônibus, vans, automóveis com ar condicionado, limousines com TV, vídeo, etc.***
Frete & Cia. Uma empresa que, tendo você como cliente, vai longe.

FRETE & CIA.
0800-553367
Central: (011) 834.5298
www.fretecia.com.br
fretecia@fretecia.com.br

As respostas que não estão na sua memória, estão no seu computador.

Televendas: 0800-119-222
Atendimento a revendas: MSD (021) 533-3200 / (011) 820-5160

No Almanaque Abril 98 em CD-ROM, você encontra tudo o que precisa para deixar seus trabalhos e pesquisas mais completos e interessantes.
- O Brasil e o mundo reunidos em mais de 1 milhão de informações.
- Recurso especial que permite copiar e imprimir mapas, fotos e textos.
- Jogo inteligente e vídeos informativos com todos recursos e efeitos da multimídia.
- Restrospectiva 97 que pode ser atualizada via Internet.

Pesquisar é a melhor maneira de aprender e agora de se divertir. Compre já o seu Almanaque Abril 98 em CD-ROM.

Já nas bancas, livrarias, lojas de informática, hipermercados e magazines.

Editora Abril

Radical e popular

A turma de Renato Russo chegou revoltada e querendo mudar o mundo

Dado Villa-Lobos, Renato Russo, Negrete e Bonfá: a Legião original, em 1985

Ficha técnica

Ano de lançamento:
1985
Produção:
Mayrton Bahia (com produção-executiva do jornalista José Emílio Rondeau)
Músicas:
"Será" • "Geração Coca-Cola" • "Ainda É Cedo" "Soldados"• "Perdidos No Espaço" "Petróleo Do Futuro"• "Baader-Meinhoff Blues" • "A Dança" • "O Reggae" "Por Enquanto"

Depois, a Legião deixaria o protesto de lado e faria *Dois*, disco marcado pelo folk, com letras explorando temáticas mais pessoais. O punk voltaria a dar as cartas em *Que País É Este* (1987), registro de nove canções já conhecidas de shows, como "Conexão Amazônica", "Tédio (Com Um T Bem Grande Pra Você)", "Faroeste Caboclo". As crianças continuaram a derrubar reis.

Legião Urbana

Legião Urbana

Renato Russo gostava de dizer que a Legião era uma banda folk que trabalhava com o rock e era percebida como pop. Mas o começo não foi bem assim. No início da história está o punk. Foi de um grupo punk, o Aborto Elétrico – formado em 1978 por Renato, o baterista Fê Lemos e o guitarrista André Pretorius –, que saiu parte do repertório inicial da Legião. Foi da revolta "no future" (sem futuro, brado de Johnny Rotten, do grupo Sex Pistols, no hino punk "God Save The Queen") que surgiram as primeiras letras do maior compositor do rock brasileiro.

Gravado em 1984 nos estúdios da EMI-Odeon, *Legião Urbana*, o disco de estréia, foi lançado em 1º de janeiro de 1985, duas semanas antes do Rock In Rio. No festival, despontavam Paralamas, Blitz e Barão Vermelho. Mas nenhuma dessas bandas tinha Renato Russo. Voz firme, ele abria o disco com versos furiosos: "Tire suas mãos de mim/ Eu não pertenço a você". Era o espírito dos tempos.

"Será" foi uma das músicas mais tocadas de 1985. Por causa dela, Renato Russo, Marcelo Bonfá, Dado Villa-Lobos e Renato Rocha saíram de Brasília para o Rio e começaram a tocar de quinta a domingo, em Curitiba, Porto Alegre e São Paulo.

Eles sabiam de cor a história dos Sex Pistols, vinham da turma da Colina, formada por punks brasilienses, e acreditavam mesmo que poderiam mudar o mundo. Nas entrevistas, Renato falava dos livros que lia, achando que assim "conscientizaria" algumas pessoas. Falando de ética, amor e perdão (foi assim até o final), ele fez do primeiro álbum um disco de protesto. Três faixas viraram clássicos do rock nacional: "Será" (cantada até por Simone e Raça Negra), "Geração Coca-Cola" e "Ainda É Cedo" (gravada por Marina Lima e Nelson Gonçalves). "Geração Coca-Cola" é do tempo do Aborto Elétrico, punk básico. Renato colocou as vozes em duas únicas passagens.

A incerteza diante do futuro estava em quase todas as faixas. "Vivendo num planeta perdido como nós/ Quem sabe ainda estamos a salvo", divagava "Perdidos No Espaço". "A Dança" é a única com a assinatura e arranjo do baixista Renato Rocha, o Negrete. "O Reggae" é a historinha do disco (muitas outras viriam – segundo Dado, a Legião Urbana era "um violão e vou contar uma historinha para vocês").

O discurso muda na romântica "Por Enquanto", última faixa. No lugar das guitarras, sintetizadores. De volta para casa, Renato já não queria cuspir em ninguém.

Teresa Albuquerque

Rui Mendes

"Ouço este disco até hoje. Meu pai viu a capa e falou, apontando pro Renato: 'Olha o louco que me dava aula de inglês aí!' 'Será' tocava sempre numa matinê de boate"
Fred, baterista dos Raimundos

NEGRESCO

JUSTIÇA

TUDO

Negresco

www.nestle.com.br

Nestlé São Luiz